

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: MOVIMENTOS SOCIAIS,  
PÓLITICA E EDUCAÇÃO POPULAR.**

**ESCOLHA DE CURSOS SUPERIORES POR ALUNOS DE  
UMA COOPERATIVA DE ENSINO NA REGIÃO DO  
MÉDIO ARAGUAIA (BARRA DO GARÇAS, MT).**

**ELIEL FERREIRA DA SILVA**

CUIABÁ – MATO GROSSO, 2006.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: MOVIMENTOS SOCIAIA,  
PÓLITICA E EDUCAÇÃO POPULAR.**

**ESCOLHA DE CURSOS SUPERIORES POR ALUNOS DE  
UMA COOPERATIVA DE ENSINO NA REGIÃO DO  
MÉDIO ARAGUAIA (BARRA DO GARÇAS, MT).**

**ELIEL FERREIRA DA SILVA**

Relatório de Qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, Grupo de Pesquisa: Educação, Jovens e Democracia), sob a orientação da Professora Dra. Maria Aparecida Morgado.

**CUIABÁ – MATO GROSSO, 2006.**

Silva, Eliel Ferreira da

Escolha de cursos superiores por alunos de uma cooperativa de ensino na região do Médio Araguaia (Barra do Garças, MT) / Eliel Ferreira da Silva. - - Cuiabá: UFMT/ Instituto de Educação, 2006.

*117f. il. ; 31 cm.*

***Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Morgado***

***Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso  
Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.***

***1. Escolha da Carreira. 2. Cooperativas de Ensino 3. Educação, Cultura e Sociedade – Monografia. I. Morgado, Maria Aparecida II. Universidade Federal do Mato Grosso, Instituto de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.***

*CDU: 37.048.3(817.3)*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO  
PROGRAMA INTEGRADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DA UFMT

*Professores Componentes da Banca Examinadora*

---

**Professora Dra. Roseane Magalhães  
Examinador externo (UNEMAT-MT)**

---

**Prof. Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta  
Examinador Interno (UFMT)**

---

**Prof. Dr. Maria Aparecida Morgado  
Orientadora (UFMT)**

**Cuiabá, Julho de 2006**

**“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida. É preciso encontrar as coisas certas da vida, para que ela tenha o sentido que se deseja. Assim a escolha de uma profissão também é a arte de um encontro. Porque a vida só adquire vida quando a gente empresta nossa vida, para o resto da vida.”**

**(Vinícius de Moraes)**

## **RESUMO**

O objetivo da pesquisa foi identificar os critérios considerados relevantes por alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola cooperativa de Barra do Garças – MT quanto as suas escolhas profissionais. Baseado na teoria vocacional de BOHOSLAVSKY levantou-se as principais influências que fatores internos e externos contribuíram para a direção profissional. Como metodologia, buscou-se conhecer o perfil sócio-econômico das famílias de vinte e oito alunos enquanto terceiro ano da COOPEMA (Cooperativa de Ensino do Médio Araguaia) em 2005, para, em seguida, entrevistá-los no ano seguinte quando ingresso nas faculdades da reunião Centro – Oeste. Participaram da pesquisa, nesta segunda fase, quatorze alunos que já freqüentavam universidades. Utilizou-se de entrevistas semi-estruturada individualmente nos meses de janeiro a março de 2006. O resultado mostrou que a escola cooperativa não contribuiu significativamente para o direcionamento da escolha profissional, por que a da escolha já estava determinada no repertório do aluno por toda a trajetória de vida em família e relacionamento com seus pares. A estrutura da escola agiu como mais um elemento de reforço para as escolhas.

Palavras chaves:

Juventude, cooperativas de ensino, escolha de carreira, orientação educacional.

## **ABSTRACT**

The objective of the research was to identify the criteria considered relevant by third – year student of a cooperative secondary school in Barra do Garças – MT of Brazil regarding their professional choices. Based on the vocational theory of Bohoslavsky, the principal external and internal factors that could influence the professional orientation were gathered. The methodology used looked to investigate the socio – economic profile of the families of twenty eight third year students of the are COOPEMA (Coopertiva de Ensino do Médio Araguaia) in 2005. Then the next year, the students were interviewed while attending their fist year of university in the central west region of Brazil. During this second phase, individual semi directed interview were done with fourteen student already attending university in the region between the month of January and March of 2006. The results show that the fact that these students attended a cooperative secondary school does not influence significantly their professional orientation. Rather, the principles off the university shidy were determined by the students' antecedents their family life trajectory and their relation with their pairs. The ancture of the cooperative school helped as an extra reinforcement of those choices.

**Key words:**

Youth, cooperative school, career choice, educational orientation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>Considerações Metodológicas</b>	
Técnicas de investigação	12
<b>PARTE I: COOPERATIVISMO E EDUCAÇÃO</b>	
<b>Capítulo 1: Cooperativismo, educação e práticas pedagógicas: diretrizes filosóficas e fundamentos históricos</b>	17
1.1 Cooperativismo no Brasil	18
1.2 Cooperativismo educacional no Brasil	18
1.2.1 Sistema Cooperativo de educação	19
1.2.2 Tipos de Cooperativas educacionais	23
1.3 Uma visão de Barra do Garças, MT	25
1.4 A Escola Interativa COOPEMA	26
<b>Capítulo 2: A Classe média brasileira</b>	31
<b>PARTE II: JUVENTUDE E ESCOLHA PROFISSIONAL</b>	36
<b>Capítulo 3: Juventude como categoria social</b>	
<b>Capítulo 4: A escolha da profissão</b>	41
4.1 Adolescência e a crise da Identidade	51
4.2 O desenvolvimento da Identidade Ocupacional	54
4.3 A escolha da profissão como escolha da vida futura	56
<b>PARTE III: EGRESSOS DA COOPEMA NO ENSINO SUPERIOR</b>	
<b>Capítulo 5: Egressos da COOPEMA no ensino superior</b>	63



<b>Capítulo 6: Entrevistas com egressos da COOPEMA</b>	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b>	94
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	100
<b>ANEXO</b>	107
Perfil sócio econômico e cultural dos alunos da COOPEMA	108

# **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

Poucas fases da vida são tão difíceis quanto à adolescência, de muitas dúvidas e insegurança. A escolha da carreira é uma das mais importantes da vida. O processo de escolher esta longe de ser simples e geralmente apresenta melhores resultados quando conta com a participação do meio social, tais quais pais e familiares, amigos, escolas, entre outras instituições.

Segundo o IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 85% dos estudantes abandonam o primeiro curso que escolhem. A escolha de uma profissão nunca foi um caminho sem volta mesmo que o jovem descubra, depois de algum tempo, que o curso que ele está fazendo ou que ele quer fazer não é o plenamente desejado, ainda assim, dá para reconsiderar. Mas vale reiniciar um projeto para ser feliz pelo resto da vida do que continuar fazendo o que não gosta.

O importante é o jovem buscar a carreira que esteja mais de acordo com a sua personalidade sem se deixar por certos, modismo ou pela busca gananciosa pelo dinheiro. Mesmo considerando que a vida atual é influenciada por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais. Com frequência a escolha da carreira se faz a partir de um consenso embasado em equívocos ou na observação do passado e do presente, quando o que precisa ser considerado é projeção dos campos profissionais no futuro.

Há fatores que complicam a escolha e que impõe aos jovens o sacrifício de muitos sonhos. Para os jovens do Médio Araguaia, MT, dois deles são preponderantes – a disponibilidade dos cursos na região é escassa e o poder aquisitivo da maioria, dificilmente contornáveis. Portanto, a escolha deve ser feita com olhar a mais logo prazo, sem prejuízo do objetivo maior que deve ser a projeção de si próprio como profissional capaz e comprometido tanto com seus sonhos quanto a conquista de novos patamares de qualidade para a vida humana, hoje tão conturbada.

Nesse trabalho, não faço distinção entre adolescência e juventude. Desconsidero delimitações etárias muito presente nos estudos demográficos. Mantendo uma perspectiva histórica, considero as condições sociais concretas desistência desse segmento social considerado e aos aspectos culturais homogêneas que definem alguns estudos sobre a juventude em nossa academia, por isso adoto como referência o indivíduo que se inicia num projeto de vida, em diversas etapas, com funções e metas a conseguir, primordialmente na consecução de uma carreira universitária.

Os jovens desta pesquisa, alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma Cooperativa de Ensino situada no Município de Barra do Garças, MT, em sua maioria da classe média e classe média alta. O termo classe média designa, segundo o “Dicionário de Ciências Sociais”, “o estrato dentro de uma estrutura social considerado intermediário entre a classe alta e a classe operária”. Muitos autores, inclusive Silva (1986) apresentam a classe média como uma classe sem “identidade”, que, ainda, não criou uma cultura e um padrão próprio e que aspira a um nível de vida acima de seus recursos e rendimentos.

Sua ideologia é um vago conservadorismo que mais se poderia chamar de reação de defesa contra valores que lhe parece hostis ou nocivos a sua sobrevivência (SILVA, 1986:194).

Configura na sua totalidade o jovem que não trabalha, dedicando-se ao estudo com o objetivo de acesso ao Ensino Superior nos “melhores cursos” e ou faculdades, geralmente fora da sua região de residência. Este estudo esta relacionado a educação escolar de um grupo de jovens estudantes da escola Interativa – COOPEMA, relacionado sobre os critérios de escolha de cursos superiores e as perspectivas das suas carreiras.

Para isso, dividimos o trabalho em três partes. Após as considerações metodológicas iniciamos sobre a historia do cooperativismo, como surgiu e as condições históricas que favoreceram esta pratica. Faço uma pequena historiografia desse fenômeno no Brasil, escrevendo sobre o surgimento das primeiras cooperativas em nosso território, em seguida abordo o surgimento do cooperativismo educacional, abordando algumas das suas características e finalizo sobre o histórico da Escola Interativa COOPEMA, local onde foi realizada a pesquisa e de onde recrutamos nosso principal objeto para esse trabalho.

Na parte dois, procuro apresentar alguns conceitos de juventude, partindo do principio de que a juventude, apesar de ser vista como classe social por alguns estudiosos, ela, na verdade, se apresenta como uma categoria social. A seguir apresento algumas idéias do pensador argentino Rodolfo Bohoslavsky, naquilo que se refere às dificuldades que os jovens têm em alcançar a escolha profissional.

Procuro caracterizar os alunos egressos da Escola Interativa com relação ao acesso do Ensino Superior. Para isso traço o perfil sócio econômico de suas famílias com a finalidade de mostrar que estes possuem as melhores vantagens comparando com a maioria de outros alunos da região, principalmente das escolas publicas, por estarem numa condição de classe privilegiados para alcançarem seus objetivos. Constata-se que os vestibulandos atualmente, principalmente nas

universidades federais são mais pobres. Entretanto, essa alteração se deve à queda do poder aquisitivo da população em geral que estaria afetando os diferentes segmentos independentemente dos níveis de escolaridade ou ocupações profissionais dos pais, por isso, é ternário afirmar que a universidade pública é uma instituição democrática.

Na parte três procuro fazer uma análise de suas entrevistas, revelando seus projetos, expectativa e dificuldades para a continuidade de seus estudos, levo em consideração que a região do Médio Araguaia ainda não oferece uma variedade de cursos no qual possa retê-los no seu em torno familiar.

Por ultimo deixo o capítulo nove para fazer algumas considerações sobre o resultado.

### **Considerações Metodológicas**

Quando nos propusemos a estudar a percepção do adolescente em relação à escolha da carreira, escolhemos a abordagem qualitativa, por entendermos que através dela poderíamos perceber os sentimentos e o significado das ações e relações humanas presentes em escolher uma carreira numa idade muito precoce, no momento da vida de um indivíduo que está passando por profundas transformações físicas, emocionais e sociais.

Segundo Minayo (1996), os sujeitos sociais que detém os atributos que pretendemos conhecer, perderiam muito do seu significado se fossem abordados quantitativamente.

Nosso estudo é de natureza descritiva e, como a própria nomenclatura sugere, estamos nos referindo àqueles que pretendem descrever e analisar fatos e fenômenos da realidade escolhida e delimitada.

Este estudo foi realizado no município de Barra do Garças-Mato grosso, em uma escola cooperativa e serviu de contribuinte os alunos do terceiro ano do ensino médio da turma de 2004 que fizeram exames vestibulares para o período de 2005 na região e até de outros estados. Dentro de um universo de 28 alunos escolhemos aqueles que foram aprovados em Universidades da região Centro-Oeste.

Fizeram parte deste estudo 28 adolescentes, pertencentes à turma do terceiro ano do Ensino Médio que responderam um questionário com o objetivo de levantar a situação sócio-econômica de suas família e, finalmente, escolhemos 11 recém ingressos em Universidades. A escolha foi aleatória independente de curso ou sexo, pois dependeu mais da aproximação com a cidade de Barra do Garças.

## **Técnica de Investigação**

O presente trabalho baseou-se no discurso dos adolescentes sobre como escolheram suas carreiras e suas vivências para tal decisão. Os adolescentes foram entrevistados individualmente, em dias e locais diferentes, obedecendo ao critério escolhido pelos mesmos.

Priorizamos a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados; segundo Minayo (1996), é a que permite captar a informação desejada, além de possibilitar ao entrevistado liberdade e espontaneidade para expressar-se sobre o tema.

Em seu livro “Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas”, Ludke e André afirmam que as entrevistas semi-estruturadas se “desenrolam a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça adaptações conforme a necessidade” e afirma mais:

Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz em educação, aproxima-se mais dos esquemas livres, menos estruturados. As informações que se quer obter e os informantes que se quer contatar, em geral, professores, diretores, orientadores, alunos e pais são mais convenientemente abordados através de um instrumento flexível (LUDKE & ANDRÉ, 1986:34).

Assim, as discussões com os jovens estudantes ocorreram em duas etapas: A primeira quando estavam ainda no terceiro ano do Ensino Médio na COOPEMA, na condição de vestibulando, no mês de dezembro de 2004. Encaminhamos uma carta dirigida a diretora explicando o tema e o motivo da pesquisa e solicitando o espaço de uma aula para o primeiro contato com a turma ao qual foi aceita sem ressalvas. Em seguida agendamos uma data para o encontro com os alunos. Aplicou-se um questionário contendo vinte quesitos com o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico-cultural de suas famílias. Os resultados foram transplantados para gráficos. Constatou-se que o grupo pesquisado pertence a classe média alta de alto poder de consumo, tendo como referência o poder de consumo e aquisitivo da região.

O segundo momento ocorreu quando muitos já eram calouros de alguma universidade em 2005. Pelo motivo de muitos desses alunos, hoje universitários, estarem muitos dispersos, pois muitos passaram em vestibulares de todas as regiões do país, escolhemos como colaboradores da pesquisa os alunos mais próximos, limitando-nos à Região Centro-Oeste, preferencialmente os mais próximos de Barra do Garças.

Durante a greve dos professores das Universidades Públicas Federais ocorridas em 2005 foi possível entrevistá-los na cidade. As entrevistas foram agendadas antecipadamente, tanto as datas quanto ao local e horário, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Os locais dessas entrevistas foram escolhidos pelos próprios alunos, exceto duas entrevistas que foram realizadas em praça pública, todas se realizaram nas residências dos entrevistados. O que foi de muita importância, pois, confirmamos in loco o perfil sócio-econômico da maioria dos que respondeu ao questionário de 2004.

Nas entrevistas utilizamos um caderno de anotações e de um gravador Panasonic RQ-11 muito usados para reportagens. Optamos pela conversa mais informal, pedindo autorização para gravá-la e prometendo sigilo absoluto nas falas que dali ocorresse. Observou-se que os colaboradores não se mostraram inibidos, tanto pela presença disfarçada do gravador com também pela conversa e suas respostas. Os encontros tiveram duração média de 50 minutos e máxima de 90 minutos.

Procuramos em transcrever todas as entrevistas logo após sua realização para evitar perder alguns detalhes que mesmo anotados pudéssemos esquecer com o passar do tempo,

Optamos pela conversa mais informal, com gravação; uma vez que percebemos que os adolescentes não se mostraram inibidos diante do gravador. O comportamento dos entrevistados foi de total tranquilidade, pois comportaram-se o mais natural possível e conversaram com muita reciprocidade. Foi passado para eles um documento para o consentimento da entrevista e da possibilidade para gravação, o qual foi aceito sem nenhum questionamento. Em vista do ocorrido, optamos por transcrever toda a entrevista, logo após sua realização e no diário de campo, onde também registrávamos as principais impressões obtidas de cada entrevistado com especial atenção para os sinais não verbais como pausas, irritações entre outros.

Todas as entrevistas foram realizadas no local escolhido pelo aluno com o prévio consentimento e tiveram duração mínima de 40 minutos e máxima de uma hora. Também procuramos deles se conheciam outros companheiros que estavam na região para obter mais elementos que nos servisse para novos sujeitos da pesquisa, em dois casos fomos referenciados.

Para que pudéssemos iniciar a coleta de dados do questionário sócio-econômico recebemos o aval da Diretora da Escola Interativa COOPEMA em dezembro de 2004 e os professores após os esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa. A coleta de dados ocorreu das entrevistas semi-estruturadas realizadas nos meses da greve das universidades federal entre novembro de 2005 a janeiro de 2005.

Teve-se o interesse dessa pesquisa em identificar dados referentes às aspirações profissionais dos alunos da Cooperativa de educação começando por identificar o porque da

escolha da escolha da profissão e quais os critérios que os levaram a matricular-se em um curso superior e não em outro. Também foi interesse saber se os alunos desejavam fazer seus cursos na região do Médio Araguaia ou em outras cidades. Procurou-se saber se os mesmos sentiam-se bem informados sobre como atingir seus objetivos na profissão e se era prévios conhecedores da carreira e da atuação do profissional.

Consideraram-se estes dados importantes, pois se achou que durante o curso e também na grade curricular de uma instituição normal, principalmente do Ensino Médio Público ou Particular comum, deveria haver espaço e tempo, oficialmente designado, para os alunos discutirem com professores e outros profissionais devidamente habilitados suas dúvidas em relação à profissão, mercado de trabalho, escolha de especialidades e até mesmo suas desilusões quanto à escolha da carreira.



**PARTE I**

**COOPERATIVISMO E EDUCAÇÃO**

## **Capítulo 1: Cooperativismo e Educação: diretrizes filosóficas e fundamentos históricos.**

O presente capítulo está dividido em três partes, e pretendo discutir o aparecimento do sistema cooperativo procurando uma melhor definição, seus princípios e valores. A seguir procuro analisar o sistema cooperativista na educação brasileira, por fim busco historiar a escola Interativa COOPEMA nesses anos de existência.

O desafio de registrar e analisar a trajetória histórica e institucional dos alunos oriundos do terceiro ano da Escola Cooperativa de Interativa de Barra do Garças, suas perspectivas, contradições, avanços e esperanças coloca a necessidade de contextualizarmos o caminho desta instituição, tanto no movimento mais amplo do cooperativismo em geral, quanto no movimento do cooperativismo educacional. É isto que se pretende desenvolver neste capítulo. Num primeiro momento, ainda que brevemente, tem-se a intenção de tratar da origem do movimento cooperativo, descrever os traços que caracterizam as entidades cooperativas e alencar os princípios e valores que as orientam. Isto porque é fundamental buscar nos princípios que outorgam identidade ao cooperativismo os referenciais que podem sustentar a construção de um projeto educacional cooperativo. Em segundo lugar pretende-se abordar questões relacionadas à educação cooperativa e, para tanto, iremos levantar como os alunos desta Cooperativa escolhem suas carreiras. Por último, nos deteremos no cooperativismo educacional brasileiro, segmento em expansão no país desde o final da década de 80, e que dá origem à criação de escolas cooperativas, mantidas e gerenciadas por pais e mães de alunos.

### **1.1 O Cooperativismo no Brasil: uma opção paternalista e centralizadora**

É no final do século XIX, período em que o governo brasileiro adota uma política de estímulo à imigração, que as primeiras cooperativas formais foram criadas. Elas surgiram, em primeiro lugar, no meio urbano e visavam atender as necessidades consumo de grupos de pessoas que viviam nas cidades. Cita como exemplos a Associação Cooperativa dos Empregados da Companhia Telefônica de Limeira – SP, em 1891; a Cooperativa Militar de Consumo – RJ, em 1894; a Cooperativa de Consumo de Camaragibe – PE, em 1895; a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Cia Paulista, Campinas – SP, em 1896 (PINHO, 1991). Mas foram os imigrantes

européus que se estabeleceram nas áreas rurais das regiões Sudeste e principalmente no Sul do país, que, a partir da década de 1930, impulsionados por estímulos financeiros do Governo Federal, organizaram as atividades agropecuárias em moldes cooperativos. O Governo de Getúlio Vargas regulamentou, em 1930 por intermédio do decreto n.º 22.239/32, a organização e o funcionamento das cooperativas. Com este decreto instala-se legalmente o cooperativismo no Brasil.

Conforme Gomes (2005) o movimento cooperativista brasileiro teve sua origem basicamente no Nordeste. Não foi uma busca de alternativa econômica e social para os problemas de sobrevivência dos trabalhadores, ou como instrumento de mudança social da população adotado como uma política de controle social desenvolvida pelo Estado e, por isso, com um exercício fortemente caracterizado pela intervenção estatal.

As análises sobre as relações entre o Estado e o Cooperativismo no Brasil (SCHNEIDER, 1981; LOUREIRO, 1991; RECH, 1999, GOMES, 2005) enfatizam o caráter autoritário com que o Estado tratava o movimento cooperativista, reflexo da tradicional intervenção estatal brasileira na economia. Desde o governo de Getúlio Vargas, o cooperativismo tem sido visto pelos governantes como uma.

[...] forma de resolver as distorções que o sistema capitalista apresenta, dificultando inovações e principalmente evitando que as comunidades caminhem em direção a uma proposta de cooperativismo autogestionário, participativo, democrático e popular (RECH, 2000:43).

## **1.2. Cooperativismo educacional no Brasil: origem, características e processo de institucionalização.**

A criação de cooperativas educacionais formadas por pais e mães de alunos é um fato recente na história do cooperativismo brasileiro e na história da educação brasileira.

Estas surgiram para fazer um contraponto entre o progressivo empobrecimento da classe média e a bancarrota do ensino público, tanto na educação das pessoas com problemas específicos coma da investida das escolas particulares em alta expansão a partir do governo militar e sua lógica de mercado.

### 1.2.1 Sistema Cooperativo de Educação

Cooperativas de educação são entidades constituídas com o objetivo principal de buscar soluções para os problemas de escolarização, estruturadas segundo a forma mutualista, isto é, uma associação que tem com finalidade conceber benefícios para a prestação de serviços aos agrupados, promovendo esforços para ajuda mútua, atendendo às necessidades comuns, conforme os princípios do cooperativismo.

O fundamento legal para sua organização baseia-se na Lei Nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, que define a Política Nacional de Cooperativismo e institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e na Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e que classifica as escolas cooperativas no gênero comunitárias, em seu artigo 20, inciso II, que determina que as instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias:

#### **Comunitárias:**

Cooperativas de educação podem ser conceituadas como entidades organizadas pela sociedade civil, congregando pais ou pais e alunos, com o objetivo de proporcionar aos seus membros ou dependentes a educação escolar, mediante processos formativos, regulares ou não.

Como o Estado tem o dever de oferecer os meios e serviços educativos para o ensino, ampliando sempre os recursos na medida da demanda escolar, as normas constitucionais devem ser interpretadas no sentido de sua plena realização. É o caso do acesso ao Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, conforme assegura o texto legal (MEC, 1989).

Froes (2001) revela que: “as instituições de cooperativas vem sendo uma solução para as famílias que desejam uma escola onde, passam decidir sobre sua organização e serviços”.

Isso desde que respeitadas as instâncias relativas à manutenção do centro escolar e o seu pleno funcionamento, obedecendo às normas específicas instituídas pelo sistema de ensino.

Os mantenedores de uma cooperativa educacional poderão ser: os pais de alunos ou representantes legais; os próprios alunos, se capazes e de maior idade, ou ela poderá estar organizada em sistema misto.

Nos casos de serem organizadas por professores e demais especialistas em educação, são consideradas cooperativas de trabalho, visto que os objetivos são diversos quanto aos fins

almeçados, pois os pais de alunos buscam soluções para os problemas de ensino, especialmente o regular.

A primeira cooperativa educacional de pais surgiu em Itumbiara, no Estado de Goiás, em dezembro de 1987 e, a partir de então, muitas cooperativas foram criadas em diversos estados brasileiros, principalmente nos estado da Região Sudeste. É isto que registra o Banco de Dados da Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB/DETEC, chamando-nos a atenção, especialmente, sobre os indicadores da expansão do cooperativismo educacional no Estado de São Paulo. Embora apenas 23 sejam filiadas à Federação das Cooperativas Educacionais do Estado de São Paulo - FECESP, órgão de representação das Cooperativas de Ensino esse Estado, mais de 50 cooperativas de pais foram criadas nos últimos dez anos.

O processo de criação e expansão de cooperativas de ensino mantidas e gerenciadas por pais de alunos e, conseqüentemente, o processo de fortalecimento do ramo educacional no cooperativismo brasileiro, no contexto econômico e político e educacional da década de 80, considerada por ele como um período de “intensa vivência política e de profundas experiências institucionais”. De modo diferente dos economistas que a denominaram como “década perdida”, reconhece que esta década “representou um avanço da sociedade civil organizada na direção das conquistas institucionais e jurídicas modernas”. Para exemplificar esse avanço ele cito a criação de uma nova constituição brasileira, a ampliação das redes de defesa dos direitos da mulher, do consumidor, do meio ambiente, da criança e do adolescente, as discussões em torno de uma nova lei de diretrizes e bases da educação e a superação da ditadura militar.

De todo o aparato legalmente organizado a política de cooperativismo ganhou o corpo atual e está regulamentada pela Lei Federal n. 5.764/71 que, segundo Gomes (2005) “obsoleta e carente de reformulação para que se adeqüe a um País que vem tentando se modernizar juridico-legalmente desde a promulgação da atual Constituição”.

Ressalta-se aqui que, durante as discussões e a sua elaboração, o texto constitucional contemplou alguns títulos, artigos e parágrafos e incisos que garantem a existência, organização e funcionamento de cooperativas de diversos ramos.

A criação de escolas cooperativas se insere então num contexto político marcado por um processo de luta da sociedade civil organizada de modo a ampliar a democracia, assegurando institucionalmente os direitos de cidadania de segmentos sociais até então marginalizados. Mas, para compreendermos os motivos que justificam a organização de segmentos sociais em torno da criação de empreendimentos cooperativos destinados a garantir educação escolar de melhor qualidade, há que levar em consideração os elementos relacionados aos interesses e expectativas daqueles segmentos sociais no que diz respeito à educação.

A Escola Pública, na década de 80, se encontrava num estado acentuado de degradação em decorrência da política educacional levada a efeito pelo regime militar. Este, ao priorizar a expansão da oferta física de escolas, descuidar das condições que poderiam garantir a eficiência do ensino, atribuir às escolas públicas o papel de compensar a ausência de equipamentos institucionais destinados ao atendimento das necessidades básicas da população e de gerenciar o ensino tomando como parâmetro orientações de cunho tecnicista, destituiu-a de seu real sentido, produzindo o fracasso escolar. A depauperação da escola pública provocou o afastamento de setores das classes médias que viam no equipamento escolar a possibilidades de ascender socialmente por meio da formação acadêmica. Por outro lado, durante as décadas de 70 e 80, ocorre uma expansão de escolas privadas preparatórias para o vestibular, prometendo tanto o ingresso na universidade como a conquista de um lugar no competitivo mercado de trabalho.

Vale lembrar que o Estado Brasileiro segundo a OCB:

[...] não tem conseguido manter vagas escolares em sua rede pública na mesma proporção do crescimento da população jovem e infantil, como não tem conseguido oferecer padrões de qualidade à altura das exigências da sociedade moderna.

Porém, os custos dos serviços prestados pelas instituições privadas nem sempre condiziam com as reais possibilidades dos segmentos mais pobres das classes médias. Assim, esses segmentos sociais encontravam-se diante de uma situação embaraçosa: de um lado, uma Escola Pública precária e cada vez mais ocupada por uma clientela pobre, marginalizada, e de outro, as dificuldades em arcar com os custos educacionais nas instituições privadas. Então, serão esses segmentos que:

[...] irão buscar o cooperativismo como uma forma institucionalmente inovadora de compensar as dificuldades econômicas de sustentar os filhos nas escolas de sucesso escolar, preparatórias para o vestibular.

Nesse sentido, o papel da cooperativa de ensino é ser a mantenedora da escola que funciona de acordo com os modelos legais competentes, podendo ser administrada por especialistas contratados ou não e orientada por um conselho pedagógico, constituído de pais e professores. E se espera como resultado final a preparação de alunos para enfrentarem, em melhores condições, os desafios no futuro de suas carreiras.

Ademais, no final dos anos 80, o governo da Nova República, sensível ao ideário neoliberal, procura transferir à sociedade funções de sua responsabilidade. Entre outras ações,

concede linha de crédito para o cooperativismo educacional, subsidiando e estimulando a implantação de escolas mantidas por pais e, desse modo, eximindo-se de garantir educação para uma parcela significativa de crianças e adolescentes.

As informações sobre os trâmites legais que garantiriam o acesso ao crédito para tais empreendimentos circularam principalmente nos meios sindicais do sistema financeiro do Banco do Brasil. Parece que a longa tradição de luta do funcionalismo público do setor bancário, aliada à presença de uma visão crítica da atuação do mercado no campo dos direitos de cidadania e à utopia em garantir uma educação de melhor qualidade tendo, em geral, o construtivismo como norte pedagógico, somados à necessidade de reduzir os gastos com os serviços educacionais, contribuíram para que esses segmentos se mobilizassem em direção à criação de empreendimentos cooperativos.

Observa-se que esses empreendimentos surgem em cidades onde, em geral, havia uma grande competição pelo sistema educacional privado, como a região do Médio Araguaia, ou em cidades que não tinham escolas particulares inspiradas no ideário das escolas consideradas “avançadas”, “alternativas” e/ou “construtivistas”.

Portanto, as cooperativas educacionais surgem com dupla finalidade: baratear os custos com educação e promover a renovação das práticas pedagógicas predominantes no sistema de ensino. Mas isso revela uma visão ingênua em torno da possibilidade institucional de uma escola mais barata, e ao mesmo tempo, renovada pedagogicamente:

Como se fosse possível da noite para o dia [...] superar quatro séculos de jesuitismo, positivismo e todo o tradicionalismo da educação brasileira [...]. Como se fosse possível produzir magicamente um humanismo, sem investimentos, pressupostos filosóficos, diretrizes, tempo histórico, como se isso viesse somente de uma boa intenção (NUNES, 2002:165).

Então, em referência ao processo de organização das escolas cooperativas, observa que o que marcou foi muito mais um sentimento do que efetivamente um planejamento, uma orientação comum do ponto de vista da organização da Escola e da Cooperativa e concluí que não há, ainda, até pelo pouco tempo histórico, na prática do cooperativismo educacional, unidade pedagógica e administrativa referenciada em concepções teóricas comuns, orientadoras de ações pautadas nos valores do cooperativismo.

Não há como dizer que as escolas Cooperativas têm um perfil comum de inspiração pedagógica. Pelo contrário, o que há, são experiências improvisadas de alguns educadores ecléticos [...]. Há uma romantização de frases e idéias de Paulo Freire

desconectadas de sua real pedagogia e forma de educar. Há uma improvisação pedagógica na grande maioria delas de discursos humanistas, libertários, discursos escolanovistas ao lado de práticas autoritárias e conservadoras. Escolas cooperativas que surgem como inovação e usam apostilas do Etapa, Positivo, quer dizer, tornam-se variantes do mesmo modelo que pretendiam supostamente superar (NUNES,2002:167).

Dessa forma, o cooperativismo educacional ainda é muito mais um sentimento, uma utopia do que uma realidade. Ele carece de um perfil comum do ponto de vista filosófico, organizacional e pedagógico. Isso demanda investimento nos processos de formação contínua de professores, das equipes técnico-pedagógicas das escolas, dos dirigentes das cooperativas e dos próprios cooperados. Tal processo, para ser significativo, não pode prescindir de práticas que envolvem o trabalho coletivo e colaborativo, a participação fundada nas relações democráticas e geradoras de ações solidárias. Desse modo, é fundamental envolver todos os segmentos – professores, funcionários, alunos e pais em processos de reflexão que promovam a construção do sentido das ações que desenvolvem.

## **1.2.2 Tipos de Cooperativas Educacionais**

### **a) Constituídas por pais de alunos ou seus responsáveis**

São constituídas quando da união de esforços entre pais de alunos ou seus responsáveis para a sua criação e manutenção sempre fundada nas leis específicas; corresponde, na prática, a uma cooperativa de usuário e serviço formada por cooperados que prestam serviço, de forma coletiva, por interesse específico de seus associados.

No caso educacional, é importante interpretar a empresa escola muito mais do ponto de vista sócio-político e ideológico do que econômico, pois o bem comum deste segmento é a formação da criança ou adolescente e para VEIGA (1999) “não pressupõe lucros ou sobras mesmo que sejam bem-vindas para a expansão da cooperativa e de seus objetivos”. Observa FROES (2001) que é:

Objetivo contido no instinto jurídico a finalidade educacional das cooperativas, em que os pais são os sócios, e os destinatários dos serviços e os seus filhos os responsabilizados.



**b) Constituídas somente por alunos**

Quando os sócios são os próprios alunos e pelo Código Civil Brasileiro os membros de uma cooperativa de alunos deve ser de maior idade, o que na prática, segundo o próprio Froes (2001) “na prática não tem ocorrido”, nada impede, no entanto, que os próprios alunos organizem uma entidade cooperativa para determinado grau, especialmente o terceiro ano do Ensino Médio, ou mesmo para o Ensino Técnico ou Especial, obedecidas as regras contidas nos artigos 43, da LDBE e sua regulamentação para o caso de cursos superiores, prática comum nos países europeus.

**c) Constituídas por professores e especialistas em educação**

Neste caso, trata-se de uma cooperativa de trabalho associado. Podendo reunir outras pessoas que exerçam funções não docentes. Não há contrato de trabalho entre os sócios participantes, pois os próprios trabalhadores, associados, são empresários do negócio estabelecido.

Em geral, este tipo de cooperativa, objetivam uma melhoria de renda aos profissionais associados, na medida que são gestores da entidade educacional instituídas, e assim viabilizam um instrumento para a correção do sistema de salário da docência. Como estratégia, Froes (2001) alerta para que o estatuto deste tipo de instituição deva prever os direitos estabelecidos pela legislação trabalhista, isto é, condições de trabalho, forma de repouso, férias, seguros, fundos sociais, pisos mínimos de remuneração, entre outros.

**d) Cooperativas mistas**

Nesta modalidade, os consumidores ou usuários dos serviços de ensino, não importa se são pais ou alunos, e os profissionais da educação que englobam professores, especialistas e pessoal administrativo. De certa forma, o modelo permite resolver a questão da temporalidade da clientela – alunos principalmente.

Numa cooperativa composta por pais de alunos o bem comum é a formação educacional dos filhos e esta não pressupõe lucros, em forma de capital financeiro. O seu êxito é mensurado de maneira diferente das demais atividades econômicas legadas ao cooperativismo.

Ocorre que há, necessariamente, nesta forma de cooperativa, interesses opostos, pois, enquanto os pais pretendem um ensino que além de alto nível tenha preços baixos ou compatíveis com seus salários, os professores, funcionários e demais sócios da categoria, por seu lado, procuram por salários maiores, livrando-se dos empresários do ensino que atuam como intermediários na manutenção do trabalho e outros objetivos, até mesmo pessoais, gerando certa instabilidade, em que nas decisões que ocorrem pelo voto predomina o interesse dos pais por ser o da maioria, isto é, do maior número de associados.

Diante desses problemas, os pais sabem que a manutenção de uma escola com tal estrutura idealizada para a educação de alto nível, gera custos pouco acima dos seus investimentos do que investiriam numa cooperativa exclusiva sobre determinado serviço. No entanto, o seu aspecto mais compensador é a manutenção de um corpo docente motivado, porque é participante da instituição.

O importante é que nos estatutos desse tipo de cooperativa se estabeleçam os princípios fundamentais de atuação dos sócios, educando-os sobre a livre participação em uma sociedade cooperativa.

### **1.3 Uma visão de Barra do Garças, MT**

Barra do Garças localiza-se no centro geodésico do Brasil e também é conhecida como Portal da Amazônia, onde se inicia o paralelo 16. Sua população foi formada por pessoas vindas de vários estados brasileiros, incentivados pelo desdobramento do Oeste, em busca de ouro e do diamante. Região desbravada pelo Marechal Rondon, no início do século passado, trabalho efetivado pelos sertanistas irmãos Villas Boas que, abrindo picadas (com a Fundação Brasil Central), fizeram nascer no seu rastro várias cidades.

Os precursores da região de Barra do Garças foram os imigrantes goianos, paraenses, mineiros, maranhenses e baianos, no ciclo do garimpo de diamantes. Barra do Garças passou por inúmeras mudanças nas últimas décadas. A história da região é dividida em quatro fases:

- 1) Fase garimpeira, de 1924 a 1942.
- 2) Fase da Fundação Brasil Central, de 1943 a 1964, quando a cidade conseguiu suplantar grandes municípios que lideravam a economia regional, uma época de pujança.

- 3) Fase dos projetos SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) de 1964 a 1973, criando oportunidades e atraindo grandes grupos financeiros a investirem na região devido ao grande incentivo fiscal, tornando a economia local sólida.

Segundo o professor Hidelberto Ribeiro:

No projeto de reforma agrária dos militares, fundado na concessão de terras e incentivos fiscais como forma de levar o capital ao campo, dentro do que se chamou “modernização conservadora”, vários estados estavam localizados na área denominada Amazônia Legal perderam sua autonomia, o que permitiu o desmembramento de inúmeros municípios. O parcelamento de extensos municípios, como foi o de Barra do Garças, disponibilizou imensas áreas para reforma agrária, proposta pelo Estatuto da Terra, ou seja, uma reforma em moldes capitalistas (RIBEIRO, 2001:47).

- 4) Fase de consolidação da economia que se dá de 1974 até os dias atuais. Hoje, a cidade desponta com um considerável pólo de Saúde, Comercial, Político, Turísticos e Educacional de Mato Grosso.

A indústria pecuária, ou seja, a criação e as atividades de aproveitamento do gado, como frigoríficos e curtumes, respondem por cerca de 80% da receita do município.

Barra do Garças dispõe hoje de um rebanho avaliado em 350 mil cabeças. Além disso, a indústria pecuária instalada na cidade atua sobre toda a região do vale do Araguaia, área que se estende do Alto Taquari (divisa Mato Grosso-Mato Grosso do Sul) a Vila Rica (sul do Pará) e abriga um rebanho com cerca de 4 milhões de cabeças de gado.

População:

A população da Grande Barra forma um pólo regional com mais de 100.000 habitantes, assim distribuídos num raio de 60 km: Barra do Garças (MT) 53.447; Aragarças (GO) 16.565; Bom Jardim de Goiás (GO) 8.075; Torixoréu (MT) 4.649; General Carneiro (MT) 4.358; Pontal do Araguaia (MT) 3.964 e Araguaiana (MT) 3.434.

#### **1.4 A Escola Interativa COOPEMA: uma cooperativa educacional**

A Escola Interativa foi criada, em 12 de agosto de 1995, quando um grupo de professores do ICLMA (Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia), pais, funcionários do Banco do Brasil, professores de outras instituições, em constantes reuniões, projetaram e fundaram a Cooperativa de Ensino do Médio Araguaia (COOPEMA).

Definindo o currículo escolar a ser implantado a então diretoria da COOPEMA instituída, solicita do ICLMA de Pontal do Araguaia e Centro Universitário de Rondonópolis a realização de um concurso seletivo para professores com o intuito de preencher as vagas que foram abertas em todas as disciplinas da 5ª série a 8ª série do Ensino Médio (antigo segundo grau) e de todas as

séries do Ensino Fundamental (antigo primeiro grau). O edital de convocação foi publicado, e o concurso realizou-se no período de 06 a 18 de novembro de 1995. Apresentaram-se 56 candidatos. Os pré-requisitos foram: Ser habilitados em Licenciatura Plena em área específica e ter experiência comprovada de, no mínimo dois anos no magistério. Na época, a modalidades do concurso foram: Seleção de Títulos, provas escritas específicas, provas didáticas de conteúdos sorteados e entrevistas. Foram selecionados e convocados 26 professores.

Em 1996, a COOPEMA assinou junto ao Reitor da UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, um contrato de locação para o funcionamento e locação para o funcionamento da escola nas dependências do Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia, desembolsando em Janeiro o valor de R\$ 24.000,00 como adiantamento do ano de 1996.

Nas primeiras turmas foram matriculados 126 alunos, distribuídos em nove turmas, conforme segue: 5º série, 9 alunos; na 6º série, 11 alunos; na 7º série, 7 alunos; na 8º série, 14 alunos. Em relação ao ensino médio, na 1º série “A”, 27 alunos; na 1º série “B”, foram matriculados 26 alunos, enquanto no 2º ano série, 24 alunos, e na 3º série os matriculados foram de 17 anos.

O início do ano letivo ocorreu no dia 21 de Fevereiro de 1996, às 13 horas com a presença dos pais, professores, alunos e diretora da COOPEMA.

Já em 28 de Fevereiro do mesmo ano, a escola recebeu cópia de Noção de Aplausos da Câmara Municipal de Barra do Garças, de autoria do vereador Paulo Reis de Freitas, a qual foi aprovada por unanimidade.

Um dos seus pontos de justificativa citava que: “nasce mais um importante segmento social em nossa cidade, formado de profissionais competentes, que tem sobretudo um compromisso sério com a arte de ensinar”.

Nesse contexto, a Escola Cooperativa de Ensino do Médio Araguaia, veio atender, com competência, a demanda do ensino, vislumbrando um novo horizonte à clientela estudantil da Região do Médio Araguaia, com uma sistemática arraçada e sistemática, a exemplo dos grandes centros que certamente daria e deu aos seus educando a oportunidade de terem acesso a um ensino qualificado. Acrescenta, ainda, o vereador Paulo Reis de Freitas (1996) que:

[...] tal acontecimento nos deixa orgulhosos e satisfeitos, pois quem ganha é a comunidade barragarcense, que pode contar com uma escola dinâmica e de boa qualidade.

E diz mais:

como representante do povo barragacense, só nos resta parabenizar. Tal iniciativa, manifesta nossos votos de aplausos e desejar a diretoria daquela escola muito êxito e sucesso.

Pelo que fica demonstrado a COOPEMA veio para atender uma comunidade de classe média alta para que seus filhos tivessem sucesso nos melhores vestibulares e nas melhores faculdades de Ensino Superior do Brasil.

A partir de janeiro de 1998, por um problema criado pelo DCE do ICLMA, que julgava que a cooperativa tinha mais privilégios que os próprios estudantes da universidade e que os alunos da escola não tinham o devido zelo com o patrimônio físico da instituição, fazendo várias manifestações no sentido da retirada da escola. A partir disso, a diretoria da COOPEMA providencia um contrato de locação com a Diocese de Barra do Garças, e, desse modo, a escola passou a funcionar nas dependências da Cúria Diocesana, onde funcionava a Escola Nossa Senhora da Guia que já mudou para um prédio novo. .

É interessante notar que, a partir dessa data se iniciam os exames “simulados de vestibulares” que passaram a acontecer bimestralmente com valor de dois pontos na média geral dos alunos.

O ano de 1999 é considerado o ano da concretização do projeto COOPEMA, pois se deu o início construção da sede própria da escola no mês de julho. Com o esforço de uma nova diretoria e de ampla colaboração dos pais, deu-se a conclusão da obra e a possibilidade de entrar no ano de 2000 com novas instalações e novos projetos. Assim se criou a sede própria com um terreno doado pela prefeitura de Barra do Garças.

Vale ressaltar que a COOPEMA, durante a sua existência, sempre esteve atenta a um programa de capacitação dos seus professores, buscando apoio pedagógico na UFMT, prioritariamente com o Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia e com uma política de reuniões pedagógicas que acontecem a cada mês. A escola aplica em cada bimestre exames simulados a todos os alunos do Ensino Fundamental. Promove também outras atividades como: inclusão ao Programa de Avaliação Seriada da UNB (Universidade de Brasília) aos alunos interessados a participarem do Processo de Ingresso Seletivo da UNB, fazendo provas ao final de cada ano. O PEIE, o mesmo processo para ingresso na Universidade Federal de Santa Maria, RS e mantém correspondência com várias universidades do país para informações de cursos e vestibulares.

Pelo que se relata a escola tem uma preocupação visível de ter os seus alunos atentos quanto aos melhores cursos superiores e a preocupação com que eles classificados nas melhores faculdades, como relatam alguns alunos entrevistados.

**PARTE II**  
**JUVENTUDE E ESCOLHA PROFISSIONAL**

## Capítulo 2: A classe média brasileira

Para iniciar este tópico procurei uma das muitas definições do que é classe. Encontrei em Gurvitch (1981), que procura uma definição exaustiva das classes sociais, afirmando que:

As classes sociais são grupamentos particulares de grande envergadura representando macrocosmos de grupamentos subalternos, macrocosmo cuja unidade está baseada em sua supra-funcionalidade, sua resistência à penetração pela sociedade global, na incompatibilidade radical entre eles, sua estruturação crescente implicando uma consciência coletiva predominantes e obras culturais específicas; esses grupamentos, que só aparecem nas sociedades globais industrializadas onde os modelos técnicos e as funções econômicas são particularmente acentuados, ainda tem os seguintes traços: são grupamentos de fato, à distância, de divisão, permanentes, mantendo-se inorganizados, só possuindo a coação condicional.

A classe média para Silva (1986) designa o extrato entre a classe alta e a classe operária. O critério mais adotado se relaciona com a ocupação. A noção de classes médias altera-se conforme a história social e política das sociedades nas quais é um elemento. E dentro de qualquer sociedade seu significado muda com o tempo.

Os “pequenos burgueses” ou “pequenas classes médias”, como o denominaram Marx e Mills são a classe compostas pelos pequenos industriais, advogados, médicos, gerentes, professores, jornalistas, intelectuais e outros. Por seu lado, Costa (2006) concorda que “são conservadores em sua essência”.

Wright Mills (1976) em “A nova classe média” foi um dos pioneiros no estudo da classe média nos Estados Unidos e dele tiramos este conceito:

Usamos como critério para delimitar a classe média e os seus tipos de empregos, mas esse conceito implica também diferentes modos de classificar as pessoas quanto à sua posição social. Como atividade específica, as ocupações vinculam diferentes tipos de níveis de especialização e seu exercício preenche determinadas funções dentro de uma divisão industrial de trabalho. [...] Como fontes de renda, as ocupações estão ligadas à situação de classes, e como normalmente elas acarretam uma certa dose de prestígio. É também relevante para o *status* do indivíduo. Implicam também determinadas graus de poder sobre o outro, ou diretamente num emprego, ou indiretamente em outras áreas da vida social. As ocupações, portanto, estão vinculadas à classe, *status* e poder, assim como as especializações e função; para



compreender as ocupações que integram a nova classe média, devemos analisa-la em cada uma das suas dimensões. Ao perceberem que os meios de produção estão centralizados nas mãos da burguesia eles se aliam ao proletariado para impedir o avanço da burguesia e sua passagem para a classe inferior (COSTA, 2006:79)

As origens da classe média brasileira remontam ao século XIX. Contribuíram para a sua formação, as famílias dos funcionários públicos, dos profissionais liberais, dos militares, dos pequenos proprietários e artífices e foi ampliado pela imigração e a colonização sulina, com crescimento das cidades e a industrialização no início do século XX. A partir da década de 40, alguns indicadores podem ser escolhidos para medir esse crescimento: a demanda de bens de consumo com a elevação do poder aquisitivo; a expansão da habitação de renda média nas cidades em crescimento e da população urbana; a pressão sobre o Estado em busca de serviços essencial, como saúde e educação; a expansão dos serviços terciários gerando novas atividades e o ocupações para atender a essa demanda. Um dos fatores mais importante foi o aumento nos empregos, sobretudo na área governamental, na qualificação e especialização da mão-de-obra, e no crescimento da população universitária. Conforme diz Silva(1986): “Durante muitos anos o serviço público civil e o militar, foi sua via preferencial de acesso, sua razão de ser e o núcleo de seus *status*”.

Uma importante característica da classe média é estar em torno da classe alta, imitando seus gostos, estilos e comportamentos; no caso brasileiro, com sua expansão econômica, deu as condições de uma classe média para uma sociedade consumista. É ela que responde pelo aumento no número de consume de bens duráveis, pela maior frequência aos cinemas, teatros, shopping, da aparência, pelo incremento da moda e seus circuitos, pelo consumo de livros e assinaturas de revistas de preferência com os congêneres estrangeiro.

Numa visão panorâmica é a classe média que alimenta: a indústria de turismo, as excursões, as viagens e um tipo especial de delinquência – o contrabando, destinado a por ao seu alcance o artigo estrangeiro julgado superior ao sucedâneo nacional ou que muitas vezes o antecipa: assim como o artigo personalizado através da butique, forma de comercialização gerenciada por mulheres que visam a sua subsistência ou a duplicação de seus recursos atendendo ao público com certo valor constituído dessas camadas medianas da sociedade que valorizam a festa, o lazer e os eventos da sociedade consumista (SILVA, 1986:196).

Um outro taco característico dessa classe é a inadequações entre os rendimentos que a caracterizam e o preço de suas aspirações.

É uma classe que não criou cultura e padrões próprios e aspira a um nível de vida acima de seus recursos, onde se tornam obrigatórios o apartamento, o automóvel [...], a casa de veraneio (SILVA, 1986:196).

Desses caprichos surgem como consequência, os problemas frustrações familiares e suas freqüentes neuroses em seu seio. Para amenizar tudo isso é que o próprio sistema cria mecanismos artificiais para iludir essa classe como mostra Silva:

[...] implementaram-se o crediário, o pagamento a prazo – que alimenta a inflação – as clínicas psiquiátricas e, além disso; Não é estranho a essas tensões o ousos dos tóxicos que os jovens da classe média já começaram aparecer na fase germinal e acompanha o processo de desestabilização familiar. Do mesmo modo, o suborno e a corrupção que constitui graves problemas administrativos, mas não são de modos limitados ao serviço público e às autarquias estatais, parecem constituir uma forma de delinquência pela quais os funcionários tentam valorizar, em termos de mercado, sua posição de poder e prestígio (SILVA, 1986: 198

Pela visão marxista a classe média não parece ter consciência de classe, também não possui uma ideologia, uma liderança ou uma política clara, embora, talvez, exceções esporádicas se encontram na história recente e no sul do país. Sua ideologia é um vago conservadorismo que mais presta à reações de defesa contra valores que lhe parecem hostis ou nocivos a sua sobrevivência.

Por falta de uma análise clara desses valores e de suas situações envolve-se em contradições existenciais, confundindo tradição e modernização, abraçando o cinismo pragmático para conquistar ou defender posições que julga essenciais a manutenção do seu *status*; ou engrossando as fileiras dos movimentos radicais que lutam por uma forma de sociedade onde não haverá lugar para a classe média; ou pedindo o uma estatização de serviços que vão perpetuá-la como contribuinte, ao mesmo tempo em que reclama contra os impostos que a oneram; defendendo teoricamente uma, mas cultivando, na prática os costumes da “recomendação” e do “pistolão”, que são resíduos pertinazes da nossa antiga oligarquia; em defesa de uma moralidade e uma reforma fechada, mas afogando-se, de corpo e lama, na corrupção.

Oliven (1990) destaca que, no Brasil, devido às altas taxas de analfabetismo e uma forte concentração de renda, uma parcela da classe trabalhadora se reproduz sem ter passado pela escola obrigatoriamente, ou tendo permanecido nela por um tempo curto. Ao contrário, para Bordieu (1974) os filhos da burguesia herdaram seus privilégios sociais independentemente do tipo de escolaridade.

Com a implantação da sociedade urbano-industrial e os mais ressentidos processos de monopolização e internacionalização da economia brasileira, a classe média nacional tem tornado

cada vez mais dependente do “diploma” para alcançar seus objetivos de reprodução social. Daí nossa intenção de estudar os critérios de escolha profissional dos filhos da classe média da região do Médio Araguaia que, ao longo dos últimos anos, se vê perdendo a cada dia seu “poder de barganha”.

**CAPÍTULO 3**  
**JUVENTUDE COMO CATEGORIA SOCIAL**

### Capítulo 3: Juventude como categoria social

Estudos realizados por uma equipe de pesquisadores, coordenados por Sposito (2001) sobre o tema “juventude na área da educação”, conclui que esse tema constitui um objeto de estudo ainda “pouco consolidado na pesquisa da referida área”, e uma “categoria epistemologicamente imprecisa”. Não há uma definição, ainda que provisória da categoria juventude que pudesse ser aceito em consenso pelos pesquisadores, o que gera uma situação difícil no momento da escolha dos critérios para a delimitação do objeto de estudo, evidenciando que a juventude é uma condição e uma representação fundada em critérios históricos e sócio-culturais conforme cada sociedade, portanto, extremamente variável no tempo e no espaço.

A juventude é uma concepção, representação a criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum de certos indivíduos (GROPPO, 2000:13).

A categoria juventude é recente como problema de investigação, no campo da sociologia, psicologia e antropologia, não com problema social ou psicológico. Em muitos casos, a juventude tem sido considerada historicamente, na Sociologia, como uma fase da vida caracterizada por certa instabilidade relacionada com alguns problemas sociais vinculados à crise de valores conflito de gerações e a desvio socialmente engendrados. Na Psicologia, como fase da vida marcada pela instabilidade emocional, conflito de identidades ou revolta. Nessas duas abordagens são os aspectos negativos dos adolescentes ou jovens que são privilegiados frequentemente.

Há momentos em que a juventude se apresenta como um conjunto com certas homogeneidades, relativas à idade, quando comparadas a outros grupos geracionais, como também, heterogêneo, quando a observamos a partir das divisões sociais, das diferentes origens raciais, de suas perspectivas e possibilidades, como afirma Bourdieu (1983):

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído e dotados de interesse comuns e, relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente.

Ao se falar sobre juventude frequentemente, o critério etário, explícita ou implicitamente, se encontra presente como base para a sua definição. Groppo (2000) esclarece que a juventude:

Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que tem importante influência nas sociedades modernas.

O fator etário desempenha um papel crucial no entendimento de muitas características as sociedades tidas como modernas, referentes aos diferentes estilos de vida, lazer, consumo, relações, sobretudo pela institucionalização do curso da vida programado. A Modernidade Ocidental organiza as sociedades cronolizando as fases da vida, com aval do Estado como parte da racionalização da vida social. Como afirma Groppo (2000), “o critério etário mesmo que negado dificilmente chega-se a outra definição real, o mito da juventude como classe social definida por critério etário é recriado pela Sociologia”.

O critério etário não pode ser descartado, embora deva ser relativizado, porque juventude não se limita a uma determinada geração, por ser uma representação ou criação simbólica associada a comportamento e atitude.

Claudia Barcello Rezende (1989), em artigo intitulado “Identidade: O que é Ser Jovem” afirma a existência de uma pluralidade da juventude:

De cada recorte sócio cultural, classe social, extrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero, saltam subcategoria de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas, e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é ser jovem, contratando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes.

Segundo Bourdieu, dentre essas plurais idades da juventudes deve-se diferenciar no mínimo duas juventudes: a dos jovens que trabalham e a dos que somente estudam. Para os primeiros, os constrangimentos econômicos, para os segundos, a facilidade da assistência, com subvenção para alimentação, moradia, lazer e outros entretenimentos; e além disso, em certos momentos, são considerados já adultos para algumas coisas e criança para outras, de acordo com a conveniência de suas famílias.

Afirma ainda que essas “duas juventudes” são dois pólos de um espaço de possibilidades oferecidos aos jovens, no qual são possíveis todas as formas intermediárias entre um pólo e outro. Analisa, ainda, os desdobramentos sociais que decorrem dos acessos à escola pelos jovens de um modo geral: o do jovem burguês, privilegiado por manter-se fora do jogo do mercado de trabalho e integralmente envolvido com o ofício de estudante e o do jovem das classes média-baixa e das camadas mais pobres, que, por necessidade, em geral, trabalham mais cedo buscando conseguir o

seu próprio sustento, muitas vezes tendo que conciliá-lo com a vida de estudante, ou, às vezes, nem isso. Essa situação os leva ao risco de cair em ciladas, desenvolvendo aspirações muito além das suas possibilidades sociais investindo em títulos, faculdades ou cursos desvalorizados, pagando caro por isso.

É claro que não se pode fazer com que as crianças oriundas das famílias mais desprovidas econômicas e culturalmente tenham acesso aos diferentes níveis escolar e, em particular, aos mais elevados, sem modificar profundamente o valor econômico e simbólico dos diplomas [...]. Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter ao fim de uma longa escolaridade, muita vezes paga com pesado sacrifícios um diploma desvalorizado (BOURDIEU, 1998:37).

Nessa perspectiva, no estudo dos jovens, é imprescindível não o perceber como vivendo uma fase estanque da vida, mas, sim, uma fase da vida que, na realidade, representa um processo e uma seqüência de trajetões que realiza nos mais diferentes espaços sociais e pelos vários quadros institucionais entre a infância e a idade adulta.

A opção dos jovens em frequentar ou não o ensino superior, em valoriza ou não a escolarização, possui relação direta com suas condições sócio econômicas e com o passado familiar e ainda com muito fatores específicos que, combinados num determinado contexto político, ideológico, econômico, etc., acabam por configurar diferentes representações e ações.

A multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou numa nada cultura, não emerge de uma realidade diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criaram e recriaram as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual – projetos e ações que fazem parte do processo civilizados da modernidade (GROPPO, 2000:14).

O investimento familiar da educação dos filhos tem relação com uma visão maior ou menor das possibilidades sociais no futuro. Faz se importante conhecer como são objetivadas as diferentes visões desses jovens, estudantes de uma cooperativa de ensino, que, vivendo numa sociedade do interior de Mato Grosso, sofrem os efeitos das contingências sociais de varias ordens e são os destinatários das e para as políticas públicas da educação superior.





**CAPÍTULO 4**  
**A Escolha Profissional**

## Capítulo 4: A escolha da profissão

O argentino Rodolfo Bohoslavsky, a partir de 1966, foi um dos pioneiros na área de Orientação Vocacional no enfrentamento às tendências psicométricas, consideradas conservadoras e muito praticadas no Continente Americano.

Em suas abordagens sobre Orientação Vocacional, procurou redescobrir os valores e sentimentos humanos numa área que “privilegiava os objetivos econômicos em detrimento dos verdadeiros objetivos humanos” e procurou olhar o indivíduo como pessoa e não meramente como um futuro profissional.

A partir dele o termo vocacional passou a indicar não somente “o que o indivíduo faz quando trabalha, mas principalmente o que sente enquanto trabalha”. O indivíduo é em primeiro lugar, uma pessoa e “não um objeto” qualificável sobre todos os ângulos.

Em suas idéias “o plano teórico e conceitual tinha sempre uma correspondência imediata na vida” (Bohoslavsky, 2003). Pregava que a teoria não pode ser uma coisa e a prática outra. Isso tanto no campo profissional como na vida cotidiana do indivíduo.

Segundo as idéias dos psicólogos, especializados a escolha profissional é um momento crítico de transformações na vida do ser humano e como o adolescente enfrenta e elabora essas mudanças dependerá o seu desenvolvimento posterior e que em grandes casos “vai da saúde à doença”.

Segundo o argentino citado, é na adolescência que surgem as dificuldades de natureza vocacional, especificamente, entre os quinze e os dezenove anos. E muitos alunos que entrevistamos ainda não escolheram com toda a convicção, conforme um relato:

Foi no Ensino Médio, a carreira que eu queria que fosse – a carreira da Ciência. Eu já tinha decidido desde a minha adolescência, mas foi no Ensino Médio que eu decidi mesmo. Que era Engenharia Elétrica ou Física (IVO).

Quando se trata do momento da escolha, os adolescentes da COOPEMA julgaram alguns aspectos considerados para o ingresso na universidade, tais como as características dessa instituição que supostamente vai prepará-lo para ingressar na ordem institucional da produção, “Escolhi Direito na particular para ficar mais perto de casa e por não ter greves como acontece nas federais” ou “[...] tudo e em qualquer lugar onde você for montar um prédio, um posto de gasolina, vai precisar de um engenheiro sanitarista, entendeu? Acho que é um curso de futuro”.

O adolescente não está condicionado passivamente pela escolha, nem pela família, nem pelo trabalho. Ele não é totalmente moldado por essas instituições, mas, ao mesmo tempo, as molda o seu critério. O comportamento é expressão do contexto mais amplo, ou seja, o resultado de uma relação dialética e não linear.

Bohoslavsky (2003) observa que:

O pólo *Futuro* também tem relação com a ordem institucional da educação, na medida em que, muitas vezes, os indivíduos solicitam aconselhamento sobre carreiras a seguir. Para o adolescente o futuro é uma carreira, uma universidade, professores, colegas, etc. Não é um futuro abstrato, mas personificado e, ao mesmo tempo, desconhecido. O Futuro é também, para ele, uma família e a sua inclusão no sistema produtivo da sociedade em que vive (BOHOSLAVSKY, 2003:25).

Jinzberg citado por Levenfus (1997), influenciado pela “teoria desenvolvimentista da escolha vocacional”, afirma que a escolha é definida como um processo de desenvolvimento que se inicia ao final da infância e termina no início da idade adulta, então “refere à escolha profissional como um processo marcado por períodos e estádios nos quais o indivíduo deve fazer compromissos entre seus desejos e suas possibilidades [...] na adolescência, passa a considerar a futura escolha profissional a partir de seus interesses e também de suas capacidades. Nessa época passa a cada vez mais considerar os fatores de realidade capazes de facilitar ou obstaculizar a realização de suas ambições. Começa a exploração das possibilidades ocupacionais e a cristalizar suas preferenciais, circunscrevendo melhor o setor de atividade no qual pode se realizar”.

E vai mais além quando se refere à orientação vocacional acompanhada pela Psicologia sobre a relação sobre o futuro;

O futuro tem uma importância atual-ativa enquanto projeto para o adolescente, e faz parte de sua estrutura de personalidade, nesse momento. Não existe ninguém que esteja no futuro, mesmo que na fantasia do adolescente (BOHOSLAVSKY, 2003:26).

O levantamento sobre as condições sociais dos alunos entrevistados mostrou que o contexto social mais amplo influi na escolha da carreira.

O sistema de valores, prevalecente em uma determinada comunidade sobre o destino das pessoas e do peso que tem a educação na posição social de seus membros, determinará o sentido e até a existência do campo da orientação vocacional (BOHOSLAVSKY, 2003:26).

Acrescenta o orientador que o sistema social tem grande influência em relação aos sistemas de gratificação, as quais se relacionam não só com o nível de receita dos diferentes profissionais, mas também com outras formas de gratificação que o jovem espera encontrar no seu futuro trabalho. Muitos escolhem uma carreira como um trabalho e outros como *hobby*.

O conflito do primeiro caso e a dissociação do segundo são peculiares ao adolescente, mas não resta dúvida que expressam uma dissociação existente no contexto dos valores sociais mais amplos. São muito poucos os afortunados que podem obter as gratificações que 'depositam' no *hobby* e no trabalho integrados numa mesma tarefa. Numa sociedade alienada, isto é praticamente impossível (BOHOSLAVSKY, 2003:27).

O papel ocupacional adulto é adquirido por meio da educação sistemática. O futuro nunca é pensado abstratamente. Faz-se necessário analisar, também, os vínculos com "o outro", reais e imaginários. Mesmo apresentando uma aparente inexperiência, o jovem nunca pensa numa carreira ou faculdade despersonalizada, em geral:

Será preciso analisar os vínculos com o 'outro'. [...] o fato que a escolha sempre se relaciona com os outros. Será sempre essa carreira que cristaliza relações interpessoais passadas, presentes e futuras. Devem-se examinar as relações com os outros com os quais se estabelecem relações primárias (membros da família, do mesmo ou outro sexo, como, por exemplo, o casal e aqueles outros os quais se mantém uma relação de natureza secundária, fundamentalmente professores, psicólogos ou técnicos, desde o bedel que atende numa faculdade, a primeira pessoa que conhece desse mundo em que quer ingressar, até o responsável pelas bolsas de uma instituição, que pode determinar ou influir diretamente sobre o futuro de quem escolhe (BOHOSLAVSKY, 2003:27).

Em encontro com alunos foi possível observar este fato, quando:

Que eu sei... Acho que fui olhar pelo lado do meu pai. Ele está mais nessa área. Fui me baseando nele. Que a área que eu gosto, também tem Engenharia, coisas de Matemática, pois eu não gosto de matéria de decoreba, sabe? Aí ta numa área que eu gosto e a COOPEMA ajudou bastante, né? Porque ela é uma escola especial (VANESSA).

Este outro depoimento acrescenta um gosto e uma fuga:

Eu sempre curti a natureza, essas coisas. Tenho um primo que faz Biologia e ele me influenciou muito. (...) Ele me influenciou. Eu não quis fazer Biologia porque sei lá... Não queria virar professor, aí eu resolvi... Eu olhei para a Engenharia Florestal e gostei (RENATA).

Já o estudante Pedro, 19 anos, estudante de Engenharia Florestal, muito entusiasmado por questões ligadas à natureza, se expressa:

Eu tenho alguns amigos que faz. Eu tenho um primo que ta terminando na UNB. A mesma faculdade agora. Eu já tinha outros contatos. Já tinha passado pelo um projeto de proteção e manejo de terra na fazenda dele. Então eu tinha algum conhecimento antes de entrar na faculdade.

O futuro para os adolescentes abordados é personificado. Eles não querem ser um profissional "em geral". Como já o destaca o argentino:

Quer ser como tal pessoa, real ou imaginária, que tem tais e quais possibilidades ou atributos e que supostamente os possui em virtude da posição ocupacional que exerce. Isto que dizer que o 'queria ser engenheiro' nunca é somente 'queria ser engenheiro', mas 'quero ser como suponho que seja Fulano de tal, que é engenheiro e tem tais 'poderes', que quisera fossem meus (BOHOSLAVSKY, 2003:28).

Para um adolescente, definir o futuro não é somente definir o que fazer e sim definir *quem ser* ou *quem não ser*. A totalidade dos casos obtidos nas entrevistas e contatos com os ex-alunos do Ensino Médio, quem escolhe é o próprio adolescente. Que segundo o autor de "Orientação vocacional: Uma estratégia clínica" discorrendo sobre quem escolhe, afirma que:

Na maioria dos casos, quem escolhe é um adolescente. Tornando, pois, redundante estabelecer que, por sê-lo, está em idade de experimentar grandes mudanças. Estas são tão contínuas, tão amplas, tão características da idade adolescente, que fazem pensar num indivíduo a uma crise contínua. Chegam a surpreender que, em meio a uma crise tão intensa, o adolescente consiga realizar tarefas tão importantes como as que têm que concluir: definir-se ideológica, religiosa e eticamente, definir sua identidade sexual e sua identidade ocupacional (ERIKSON, 1986:29).

Bohoslavsky (2003) diz que:

Parece estranho que um sujeito afetado, tanto por tal volume de mobilidade interna, como por sua relação com os demais, possa realizar todas estas tarefas. E a pergunta deveria ser 'por que este adolescente não consegue escolher?', mas 'por que este adolescente, num momento tal como aquele em que se encontra, pode, *não obstante*, tomar uma decisão?

O próprio autor, levando em consideração toda a problemática da escolha da carreira, vincula um conceito que denomina de identidade ocupacional que se dá quando:

Nas mudanças implícitas na passagem da infância à idade adulta, o indivíduo deve encontrar maneiras diferentes de se adaptar a áreas e níveis diversos e encontrará, nesse processo, dificuldades cuja magnitude determinará uma adolescência mais ou menos conflitiva, mais ou menos tensa. Uma das áreas em que esse ajustamento se realizará refere-se precisamente ao estudo e ao trabalho, entendidos como meio e forma de ascender a papéis sociais adultos. Quando esse ajustamento se realiza no plano psicológico, dizemos que o sujeito alcançou sua *identidade ocupacional* (BOHOSLAVSKY, 2003:29-30).

Nas entrevistas feitas, observei que, quando perguntados sobre a possível mudança de carreira ou do curso, que esta identidade não estava tão consolidada assim, talvez pelas pressões externas ou a idade dos autores, o que confirma as teses do autor.

Como a identidade ocupacional é um aspecto da identidade do sujeito, parte de um sistema mais amplo que a corresponde, é determinada e determinante na relação com toda a personalidade. Portanto, os problemas vocacionais terão que ser entendidos como problemas de personalidade determinados por falhas, obstáculos ou erros das pessoas, no alcance da identidade ocupacional (BOHOSLAVSKY, 2003:30).

A identidade ocupacional, para o autor, é como se fosse a auto percepção em termos de papéis ocupacionais ao longo do tempo vivido pelo sujeito. Como exemplifica: “[...] que é necessário que se deixe pensar no médico, abstratamente”. Afirma que não existe um médico “em geral” nem uma ocupação abstrata, mas:

O caráter concreto é dado pelo fato de que a ocupação é o nome que recebe a síntese de expectativas do papel, num contexto histórico-social determinado (BOHOSLAVSKY, 2003:30).

Seguindo o raciocínio, logo esclarece o que se entende como papel “[...] Uma seqüência estabelecida de ações aprendidas e executadas por uma pessoa em situação de interação”.

Muitas vezes podemos conhecer *qual é a resultante de uma identificação, mas não o que determina essa identificação.* (...) Se o pai de um adolescente é advogado, e o filho quer estudar Direito, podemos supor, entre outras coisas, que se identificou com o pai, mas tal suposição não basta para compreender *para que e por que* se identificou com o pai e por que se identificou com esse aspecto do pai, que é a ocupação, e não com outros (BOHOSLAVSKY, 2003:31).

No levantamento feito, 30% dos dados levantados se apresentaram de forma parecida. Como relata o jovem Calei:

E... Meu padrasto mexe com a área também. Ele não é Engenheiro Florestal, mas também trabalha nessa área também. Então eu tenho um olho... Eu estava sabendo, fico sabendo o que é rentável, dá dinheiro. Hoje em dia, ainda mais em nossa região é algo bem rentável. O curso é bem agradável, é Engenharia, mas tem... é muito voltado para biológicas.

Ele pode ter escolhido a mesma carreira na qual o seu padrasto trabalha, mesmo que isso não explicita uma identificação total com o padrasto, pois em certo momento da entrevista, ele levanta que morou fora algumas vezes por não se dar com ele, ou poderia ter abraçado uma outra por não identificar-se bem nos outros aspectos, com o pai social.

A escolha por identificação pode ser boa ou má. Como alude um filho de professora estadual, que não se identifica com os pais:

Meu pai nunca me deu uma opinião sobre o que eu seria, nem minha mãe. Minha mãe só pedia para que eu não fosse professor. É que ela é professora do Estado (IVO).

Considera-se uma boa escolha quando se realiza, com certa autonomia dos motivos que forneceram a identificação com algumas pessoas que desempenham um papel ocupacional desejado pelo jovem.

A identidade ocupacional se desenvolve como um aspecto da identidade pessoal. Suas raízes genéticas assentam-se, basicamente, sobre o esquema corporal e estão sujeitas, desde o nascimento, as influências do meio humano. Por isso, a identidade ocupacional, assim como a identidade pessoal, deve ser entendida como a contínua interação entre fatores internos e externos à pessoa (BOHOSLAVSKY, 2003:31).

Portanto, o sentimento de identidade ocupacional é organizado na base das relações com o meio, embora nessas relações alguns aspectos devam merecer uma atenção particular. Para isso são citadas:

### a) Gênese do ideal do ego

Consideram-se as relações, gratificantes ou frustradoras, com pessoas que desempenham papéis sociais importantes, ou não com as quais as crianças se identificam, consciente ou inconscientemente os quais tendem a pontuar com o mundo adulto, em termos de ocupação. O exemplo típico é aqueles que as crianças explicitam para os outros aquilo que gostariam de ser quando crescerem.

O eu queria ser... das crianças é sempre um “eu” queria ser como fulano, que possui estas ou aquelas virtudes e que se estabelece sobre as bases de identificações com adultos significativos, o ideal do ego, em termos ocupacionais, se estabelecerá em termos de relações, carregadas afetivamente, com pessoas que desempenham papéis ocupacionais (BOHOSLAVSKY, 2003:33).

A fim de buscar uma compreensão do conceito de representação profissional e se ela pode ser objeto do ideal de ego, Soares-Lucchiari apud Levenfus (1997) indica que “o ideal de ego se origina do *narcisismo*, que significa uma tendência a reencontrar a perfeição na narcisista da infância, onde o amor de si mesmo e o sentimento de onipotência são primordiais. A criança é, para si mesma, seu próprio ideal - a perfeição narcisista, não podendo ser mantida, o narcisismo perdido é deslocado sobre o ideal de ego e projetado em frente dele. O homem seria, assim, impulsionado para a frente pelo desejo de encontrar o tempo que ele era o seu próprio ideal. Este desejo é que leva os homens a construir projetos”.

Levenfus (1997) discorre que é:

Na adolescência se reatualiza a problemática do ideal de ego. Os adolescentes são, nesse período de desenvolvimento, confrontados com a questão do ideal de ego, à procura de uma imagem satisfatória deles mesmos capaz de lhes trazer uma tranquilidade narcisista. Uma das características do adolescente é de colocar em questão as gratificações e os recursos narcisistas da infância, em particular todos aqueles que provem dos pais e/ ou das imagens paternas.

Qualquer que seja a conclusão a que se chega nesse momento, pode-se pensar que somente a restauração narcísica e a possibilidade de reencontrar identificações positivas podem permitir ao jovem a elaboração de um projeto profissional.



## b) Identificação com o grupo familiar

Neste sentido ele aborda para dois aspectos, quais sejam: 1) A percepção que o ambiente familiar tem a respeito das ocupações, em função dos sistemas de valores-atividades do grupo. A própria problemática familiar vocacional das famílias envolvidas, segundo a entrevistada:

A própria problemática familiar vocacional do grupo familiar envolvido. Eu, na minha família quase todo mundo é da área de direito. Meus pais trabalham no fórum. Meu tio é advogado. Boa parte é da área do direito. Então eu vivi e cresci escutando coisas do direito. Sobre processos... A vida inteira (VANESSA).

Nogueira (2004) faz uma explicitação baseada no pensamento de Bourdieu, na obra *La distinction*, comparando as condições de classe:

[...] o autor contrasta as condições de existência das classes populares com aquelas experimentadas pelas classes dominantes. As primeiras seriam constringidas pela necessidade da sobrevivência, pela escassez de recursos e pela dificuldade de planejar e se preparar para o futuro. As classes dominantes, ao contrário, viveriam num universo de abundância e facilidades, e no qual é possível ser maior controle sobre o futuro. (...) essas diferenças nas condições de existência se refletem na linguagem, nos valores, nos gostos e nas práticas culturais de cada uma das classes (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004:44).

Vários autores concordam, como Nogueira & Nogueira (2004) que “as classes dominantes, ao contrário (das classes populares) viveriam num universo de abundância e facilidades, e no qual é possível se ter maior controle sobre o futuro”.

Bourdieu observa que essa diferença nas condições de existência se reflete nos gostos, na linguagem, nos valores e nas práticas culturais de cada uma das classes, sendo que os membros das classes populares valorizam os bens materiais ou simbólicos do ponto de vista prático e útil e tendem a rejeitar tudo o que parece teórico ou abstrato. Por sua vez, a maioria dos membros das classes dominantes valoriza os bens supérfluos, ou seja, tudo que atesta um distanciamento em relação ao mundo concreto e às necessidades materiais.

Outro aspecto colocado pelo pensador argentino é que as satisfações ou insatisfações dos pais e de outros do mesmo convívio social de significância, considerando os seus ideais do ego e a sua vivência, exercem importante papel quanto às influências que, desde criança, recebe o adolescente em seu lar.

É de se destacar que o grupo do qual o jovem participa é para ele, tanto de participação como de referência e isso tende a influir no seu comportamento em muitos sentidos.

Os grupos de que o indivíduo faz parte podem ser, para ele, tanto de participação como de referência e influir em seu comportamento, só num sentido ou em ambos. O grupo familiar influi, com toda a segurança, em ambos os sentidos, ainda que valha a pena lembrar que os grupos ‘vinculam’ o comportamento a um padrão normativo, que pode agir de um modo positivo ou negativo (BOHOSLAVSKY, 2003:33).

Conforme os grupos a que pertence a pessoa, ou tenha referência, podem existir e coexistir coerência, integração, contradição, oposição, complementação, articulação entre outras relações e por isso não basta simplesmente conhecer a que grupo o jovem pertence para entender a gênese de sua identidade ocupacional. Para Bohoslavsky, a identificação com o grupo “como totalidade”. O mesmo ocorre com o grupo familiar.

Cada indivíduo é caracterizado em termos de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui certos componentes objetivos externos ou internos ao indivíduo, e que podem ser postos, em muitos casos, no sucesso de sua escolha profissional. Como já expressava Bourdieu, utilizando-se do termo categorias, o capital econômico, isto é, bens e serviços a que ele dá acesso: o capital social, todo um conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos pelo grupo familiar e o capital cultural que hoje é formado pelos títulos escolares, em sua maioria com destaque à importância do capital de informações sobre a estrutura e os modos de funcionamento do sistema de ensino a classe privilegiada exerce o seu poder sobre as demais.

Interessante a observação do quadro social dos alunos da escola estudada, em comparação com a maioria do Vale do Araguaia o qual confirma, pelo menos nas expectativas, quando segundo Nogueira espelhando-se na obra de Bourdieu na obra *Razões práticas* afirma:

No que concerne às estratégias educativas, contrapondo-se às classes populares, as classes médias ou pequena burguesia tenderiam a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004:76).

Esse exemplo explica, em parte, por que os filhos de famílias da classe média possuem mais chances objetivas superiores quando comparados com as classes populares em alcançarem o sucesso escolar, pois suas famílias possuem razoável volumes de capitais, os quais lhes permitem investir, sem correr tantos riscos no mercado escolar.

Não se trata aqui do conhecimento que se possa ter da organização formal do sistema escolar (ramos de ensino, cursos, estabelecimentos), mas, sobretudo, da compreensão que se tenha das hierarquias mais ou menos sutis que distinguem as ramificações escolares do ponto de vista de sua qualidade acadêmica, prestígio social e retorno financeiro. Esse conhecimento é fundamental para que os pais formulem estratégias de forma a orientar, de modo o mais eficaz possível, a trajetória dos filhos, sobretudo nos momentos de decisões cruciais (continuação ou interrupção de estudos, mudança de estabelecimento, escolha do curso superior, etc.) (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004:62).

O caso do estudo é típico ao destaque do capital cultural, sobre os modos e a estrutura do sistema escolar a tal ponto que alguns pais da região de Barra do Garças, MT escolheram um sistema alternativo para o ensino de seus filhos que foi o cooperativismo escolar, uma das mediações do sistema oficial de ensino através do qual objetivam o sucesso escolar dos seus filhos.

#### c) **Identificação com o grupo de pais**

Atua de forma semelhante ao grupo familiar com uma diferença que a família nunca é vista como negativa.

A participação do grupo de pais é algo adquirido e que deve ser defendido. Nesse sentido, a submissão às normas do grupo é maior e as transgressões são vividas como geradoras de intensa culpa. Por outro, *o seguir junto, que só ocasionalmente aparece em relação ao grupo familiar, é muito importante com referência ao grupo de pares e determinará, possivelmente, imagens profissionais distorcidas* (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004:35).

#### d) **Identificação Sexual**

Quando questionados sobre a existência de profissões sexualmente definidas encontramos opiniões contrárias ao que Bohoslavsky (2003) propõe:

A ocupação mais ou menos masculina ou feminina e o adolescente integra essa valorização e sua identidade ocupacional. Os padrões culturais quanto ao papel social do homem e da mulher vão se interiorizando ao longo das etapas da gênese da identidade ocupacional do adolescente e desempenham um papel importante como causa de gostos, interesses, atitudes e inclinações.

Para as mulheres, Levenfus (1997) afirma que:

Embora muitas mulheres relatam uma *naturalidade* em adentrar no mercado de trabalho, este esta, como eixo de identidade, em setor secundário, uma forma de *evitação* do eixo principal, ou seja, da vida domestica, dedicada ao cuidado do lar e filho.

Assim, escolher uma profissão para as mulheres é:

É tarefa duplamente difícil, pois devem, além de todo processo que envolve uma decisão profissional, em termos de compatibilizar auto conceito e conceitos ocupacionais, vencer em junções sociais que as dirigem para tarefas desvalorizadas culturalmente. E esta superação passa por uma questão fundamental de escolha: a realização de características que são desvalorizadas culturalmente que levam as profissões também desvalorizadas (LEVENFUS, 1997:53).

Em vista de uma situação de pressão social, a escolha profissional dos rapazes é mais uma prova e menos uma descoberta e um crescimento. As famílias de classe média preocupam-se com as realizações nas esferas de estudo e trabalho no que diz respeito aos rapazes, enquanto e as moças são vigiadas em suas experiências afetivo-sexuais. A ocupação dos pais influenciam significativamente a escolha profissional dos filhos e geralmente não influi tanto nas escolhas das filhas.

#### **4.1 A adolescência e a Crise da Identidade**

Crise diz respeito a algo que se passa, ou morre ou algo que ressurgue, nasce de forma que a expressão crise está diretamente ligada à idéia de estruturação e reestruturação da personalidade.

As literaturas sobre adolescência acrescentam que todo adolescente é uma pessoa em crise, na medida em que se encontra num processo de desestruturação e reestruturação, tanto do seu mundo interior como também do exterior (FORACHI, 1972; SULAMITA BRITO, 1968; CARRANO, 2000; ABERASTUR, 1981; ERIKSON, 1987) entre outros.

Eu denominei a maior crise da adolescência como sendo a crise da identidade. Ela ocorre naquela fase da vida em que cada jovem deve estabelecer para si mesmo, certas perspectivas centrais e certa direção, alguma unidade de trabalho além dos vestígios de sua infância e das esperanças da sua antecipada idade adulta. O jovem deve descobrir alguma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e entre o que sua

consciência afiada lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja (ERIKSON, 1987:187).

Para muito desses autores, a adolescência é um estágio de constantes crises, especialmente Aberastury (1981), coloca “que a dinâmica de toda a adolescência normal ou em conflito, relaciona-se com a elaboração de três lutos: o luto pelos pais, o luto pelo corpo infantil e o luto pelas formas infantis em relação ao papel e identidade”.

Bohoslavsky (2003) diz que:

Há lutos mais difíceis de serem percebidos, mas que se encontram mais claramente ligados à escolha de uma carreira. São os lutos pela perda da onipotência. A relação com os novos objetos e o conhecimento mais claro da realidade e dos próprios limites implica um ataque severo à onipotência. Esse ataque tem o aspecto bom e gratificante para o adolescente e ao mesmo tempo, um aspecto frustrante, porque revela que não é onipotente, nem em suas possibilidades de destruir, nem em suas possibilidades de reparar.

Erikson trabalha no conceito fundamental, com relação aos conflitos juvenis que, é a conquista da identidade como “a confiança em que a igualdade e a continuidade interiores coincidam com a igualdade e a continuidade do significado que tem para os outros e para si mesmo” (Apud BOHOSLAVSKY, 2003:41).

Esse termo é muito importante porque se evidencia nas duas “correntes” que enturvem a escolha profissional: “a coerência da percepção social” e a “continuidade interior”, conceitos integradores dos fatores internos e externos da na articulação das expectativas dos outros a respeito dos indivíduos e sobre sua coerência ou não com as expectativas, ideal do ego, adequação do nível de aspirações às possibilidades, etc. Que se relacionam com a continuidade do interior.

A identidade é gerada sobre três pontos: grupos, processos de identificação e esquema corporal, nos quais se deparam várias antíteses: “o sentimento de *quem se é e quem não se é; quem se quer ser e quem não se quer ser; quem se crê que deva ser e seu oposto; quem se pode ser e quem não se pode ser; quem se permite ser e seu contrário; da totalidade dessas angustias surgirá ou não uma antítese.*

Como em qualquer outro indivíduo, no adolescente, transparecem mais essas antíteses porque cada um deles está em relação com os vínculos manifestos ou não manifestos que tenha com os outros:

*Quem ele crer que é* supõe uma identificação com outros, reais ou no plano da fantasia; também quem ele *quer ser ou não quer ser, quem se permite ser e quem não se permite ser*, etc., se relaciona com identificações com os outros. Se existe confusão é porque há confusão nas identificações introjetivas com os outros. Todo conflito em relação à escolha de uma maneira de ser, através de algo o que fazer “de uma ocupação”, expressa uma não integração de identidades diversas. Todas as dúvidas dos jovens a respeito “de quem quer ser” obedecem a identificações que ainda não se integraram. Quando essas identificações se integram e perdem o caráter defensivo ou protetor original o adolescente alcançou sua identidade ocupacional (BOHOSLAVSKY, 2003:42).

Afirma ainda o autor que o adolescente alcança a sua identidade ocupacional quando:

Todo conflito em relação à *escolha de uma maneira de ser, através de algo o que fazer* (de uma ocupação), expressa não-integração de identidades diversas. Todas as dúvidas do jovem a respeito “quem quer ser” obedecem a identificações que ainda não se integraram. Quando essas identificações se integram e perdem o caráter defensivo ou protetor original.

As identificações, por sua vez, continuam ocorrendo durante todo o processo da vida.

Morgado (2002) afirma ainda:

Não é apenas à identificação com os pais que o superego deve sua configuração. A essas primeiras identificações, assimilam-se aquelas estabelecidas com pessoas que, mais tarde, ocupam o lugar dos pais. Cabe a observar, entretanto, que tais identificações posteriores dificilmente promovem alterações significativas nas primeiras, há muitos enraizadas e responsáveis pela forma essencial do Sapir ego.

As identificações de uma criança ou adolescente surgem da luta, do conflito entre opções e da necessidade de superá-los, via a colocação de si mesmo no lugar do outro ou seu inverso, a colocação do outro no lugar de si mesmo.

Segundo Erickson (1986), para elaborar essa situação, a sociedade concede um prazo ao qual chama de *moratória psico social* na qual as tarefas fundamentais dos adolescentes são: a discriminação, a seleção e a escolha das identificações. É quando os objetos “antigos” pesam sobre os novos, interferindo nas relações com eles:

Por isso, escolher algo novo decidir-se por alguma coisa, implica sempre deixar de lado, dolorosamente, todo o resto [...] mas não só ao que tem de deixar, mas também às fantasias relacionadas ao que deixa e às conseqüências fantasiadas antes por abandono dos objetos, dos quais se desfaz (BOHOSLAVSKY, 2003:43)

Às vezes ocorre que, na conquista da identidade ocupacional, o grupo familiar interfere, por exemplo, na esperança de o adolescente seguir a tradição da família; Bohoslavsky (2003) denomina essa interferência como identidade negativa:

É uma interferência na conquista da identidade ocupacional. É o produto das identificações com os aspectos recusados, fundamentalmente, pelo grupo familiar [...]. É o oposto do que o grupo familiar espera que o adolescente seja.

## 4.2 O Desenvolvimento da Identidade Ocupacional

A vinculação dos indivíduos no desenvolvimento da identidade ocupacional passa por cinco etapas consecutivas e que possuem características e determinantes específicos. São elas:

a) Crescimento: Estende-se até os quatorze anos, quando predominam, as fantasias (entre quatro a dez anos) e se expressam as necessidades básicas da criança; os interesses e não se falam em necessidades e sim em gostos, esse “interesse” passa em torno de onze e doze anos e reforça-se as capacidades, quando os interesses a predominar em função da aprendizagem da criança, já no período escolar isso ocorre entre os treze aos quatorze anos. A escola lhe oferece a oportunidade de provar sua habilidade em diferentes tipos de tarefas. É o período que o auto-conceito é atuante sobre a base da identificação.

b) Exploração: O auto-conceito não se centra somente nas identificações e sim no desempenho de papéis. Essa etapa ocorre em três momentos: o das tentativas em que a escolha dos papéis vai ser exercida a base da fantasia; da transição em que há uma consideração maior sobre a realidade, quando os gostos e interesses pelas oportunidades são retratados pela própria realidade vivida e o de ensaio que se estende aproximadamente dos vinte dois aos vinte quatro anos. É quando o indivíduo defronta-se com uma área da realidade possível, separada de todas as outras, discriminando uma a qual pode agir e com a qual pode relacionar-se mais com ela:

É fácil perceber que a extensão da carreira universidade se inclui na etapa de exploração. Portanto, não é raro que durante a mesma reapareçam crises vocacionais. Raro seria que não aparecessem. Isto significa que a conclusão da carreira universitária supunha uma reedição da crise vocacional, nascida no momento inicial. Hipoteticamente, segundo o modo como se aja elaborado na escolha da carreira, o profissional graduado relacionar-se-á com o campo de trabalho (BOHOSLAVSKY, 2003:45).

c) Etapa do Estabelecimento: Quando no primeiro ensaio supõe uma mudança de áreas, implica todas as vicissitudes relacionadas à escolha de campo de trabalho, dentro de uma mesma profissão dos pontos em que, onde, como trabalha, com quem trabalhar, em que tarefa, em que especialização, etc. O segundo momento, de estabilização, é puramente criativo do ponto de vista pessoal e claramente reparatório. Seguem-se outra duas etapas, uma de manutenção e outra de declínio, na qual surge uma desaceleração, ligada a atividades menores, uma preparação para a aposentadoria e, logo um período final de aposentadoria.

Esta etapa é o momento de maior criatividade do ponto de vista pessoal e o mais suscetível às reparações, segue-se, ainda, duas etapas: uma de manutenção e a outra de declínio, na qual é própria uma desaceleração, como se fosse a preparação definitiva para o final de carreira. As pessoas fazem alguma coisa “por” alguma coisa e fazem “para” alguma coisa, mesmo que essa coisa não esteja claramente definida. A identidade ocupacional é o produto e o resultado de “alguma coisa” que ocorreu na pessoa que escolhe. Este algo que determina a identidade ocupacional, Bohslavsky denomina identidade vocacional.

Somente é possível inferir que uma pessoa adquiriu sua identidade ocupacional, quando completar suas diferentes identificações, ou seja, o que fazer, de que modo fazer e em que contexto, logo, a identidade ocupacional sugere um *quando*, um *à maneira de quem*, um *com que*, um *como* e um *onde*.

Por seu turno, a identidade vocacional é a resposta ao *para que* e ao *porquê* da assunção a *essa* identidade ocupacional. Considerar que uma pessoa assumiu determinada identidade ocupacional nos leva, necessariamente a uma teoria da personalidade a qual foge ao estudo pretendido.

### **4.3 A escolha da profissão como escolha da vida futura**

Não se pode ignorar que a escolha da profissão será a escolha da vida, por isso, a necessidade de realizar uma escolha madura e ajustada. Deve-se pensar que passaremos a maior parte dos nossos dias na profissão que escolhermos, durante um bom tempo da nossa vida, por isso deve-se pensar sobre a escolha. A escolha não deve ser aleatória, deve ser refletida, pensada.

Hoje existem mais de 130 cursos universitários, e a cada semestre, surge pelo menos um curso novo, sem que grande parte dos jovens tenha informação sobre ele, ou saiba da existência,



apesar das muitas publicações que falam sobre profissões e centenas de sites disponíveis na Internet. E como fazer uma escolha ,sem, ao menos, conhecer algumas opções?

No Brasil, o jovem escolhe a profissão muito cedo. Ele chega à época do vestibular com uma média de idade em que a aprovação dos pais e amigos é muito importante.

[...] Muitas vezes, um estudante escolhe não porque já sente pronto para fazê-lo, mas porque, por exemplo, o prazo para inscrição no vestibular o pressiona (DIAS, 1995:75).

Muitos optam pelo curso que dá mais status ou por aquele que os familiares parecem gostar mais. Não por acaso, um número crescente de sociólogos, psicanalista e outros especialistas têm defendido que a indecisão não ocorre somente por força de uma crise pessoal. É um problema social. Envolve muito mais do que a falta de conhecimento do estudante sobre seus próprios gostos, interesses e aptidões. A tese prega que a família, amigos e a mídia ajudam a causar o dilema (BOHOSLAYSKY, 2003).

O primeiro passo, então, é conhecer bem as profissões que existem. Ao escolher a profissão, o jovem escolhe o tipo de vida que vai ter, as relações que vai estabelecer, escolhe sua vida pessoal, sua vida familiar, sem se dar conta. É necessário também conhecer a prática profissional, conversar com um profissional, observar seu dia-a-dia, mesmo que nos dias atuais a carreira escolhida nem sempre é definitiva.

Eu conhecia um pouco da área mais como pesquisa. Procurando. Quando eu estava procurando um curso na área de engenharia. Fui lendo sobre eles dando uma pesquisada. Foi o que mais interessou (DURVAL)

Ou como descreve um estudante de Engenharia Elétrica sobre o conhecimento da carreira antes de prestar os vestibulares: “falar a verdade eu conhecia pouco. Estudei. Fui atrás, mas acabei conhecendo pouco. Vim conhecer mesmo na Universidade”.

Assim se expressa um estudante Rosa de Engenharia Florestal da UFMT:

Eu tenho alguns amigos que faz. [...]. Já tinha passado por um projeto de proteção e manejo de terra na fazenda dele. Eu tinha alguns conhecimentos antes de entrar na faculdade.

O segundo passo, então, é o autoconhecimento, saber do que se gosta de fazer, se se quer trabalhar com pessoas, com máquinas, com cálculos, sozinho, em grupo, com traje formal. Ou, ao menos, tentar definir a área da profissão, se é na de humanas, de saúde ou de exatas. Segundo o estudante de Direito de uma faculdade particular ele “não tinha certo nível para entrar numa faculdade federal, então, foi quando surgiu essa oportunidade”.

E um terceiro passo seria tentar se imaginar na profissão, integrar a profissão à suas características pessoais, e se perguntar onde quero chegar com a Medicina? Ou como se sentiria sendo um médico.

Serve o exemplo de Rosa que, apesar de estar ainda na fase inicial do curso, é muito significativo ao tentar responder a pergunta: O que serei quando crescer?

Depois eu pretendo prestar um concurso, sei lá... Para o Ministério do Meio Ambiente ou IBAMA e ver se consigo trabalhar me manter com um salário público. Fonte de renda num órgão público e criar uma ONG com o projeto de proteção às florestas ou alguma coisa assim. É um projeto que eu tenho, mas eu nunca elaborei ele.

Portanto, há muitas influências que os jovens sofrem nesse momento de escolha da profissão, Entre elas estão:

1. Família: geralmente quando se pergunta: e a família influencia? A resposta é NÃO. “Meus pais falam que é para eu fazer o que eu quiser...” É claro que existe em alguns casos a influência direta, verbalizada (quando um pai quer que o filho realize seu desejo, ou que siga sua profissão, mas nem sempre a influência é direta, ela pode ser e é, na grande maioria, indireta. Através de modelos, de conceitos de determinadas profissões, de trabalho, mitos familiares (valores que a família possui)).

Eu analisei... Eu estudei muito antes de escolher meu curso. Eu pesquisava na Internet as áreas de exatas que é a área que eu gosto mais. Que é Física e Matemática, então a Engenharia Elétrica trabalha basicamente só com isso o curso inteiro. Eu escolhi. É lógico que teve a influência do meu pai que é engenheiro elétrico, mas a escolha foi só minha (VERA).

Um caso que reflete a imaturidade de muitos jovens para avaliar alguma carreira futura e que realmente gostem.

Não interferiu muito. Eles dão liberais. Eles só falaram: 'Você faz o que você quiser'. Eles nunca me obrigaram a fazer nada. Ah... Sorte que foi mais influência do meu pai mesmo. Eu não sabia o que queria (VERA).

Ocorre que observamos uma influência direta, principalmente em áreas como Direito e Medicina, como afirma uma estudante de Direito, quando indagada por que escolhera o curso.

Na minha família quase todo mundo é da área do Direito, Meus pais trabalham no Fórum. Meu tio é advogado. Boa parte é da área do Direito. Então eu vivi e cresci escutando coisas do Direito (MÔNICA).

Para Whitaker, quando aborda alguns fatores que influenciam a escolha da profissão “as influências familiares são poderosas na definição da carreira pelos jovens”. Afirma que podem se manifestar abertamente ou por “aperfeiçoados métodos sutis” por intermédio de certa sugestão social.

Assim é que, positiva ou negativamente, a família influencia dos pais tem peso considerável na definição profissional dos filhos, ainda que nem sempre eles reconheçam o fato (WHITAKER, 2000:82).

2. Status X Preconceitos: algumas profissões são mais reconhecidas, outras menos, além de idéias errôneas sobre determinados cursos e confusões entre cursos.

[...] pra mim, um juiz, por exemplo, tem seu lado positivo de ganhar dinheiro. Ganha bem. Tem... Geralmente a sociedade vê bem feita e completa a pessoa (URSOLA).

O alerta de Whitaker (2000) sobre o sexismo que envolve a maioria das atividades humanas também é pertinente para muitas profissões.

Assim, há profissões masculinas e profissões femininas, o que pouco tem a ver com o conteúdo da profissão, e se explica muito em função de papéis sociais representados por homens e mulheres na sociedade tradicional.

O pensamento atual é discordante dessa idéia. Pelo menos é o que afirmaram alguns estudantes entrevistados na região do Médio Araguaia. Para muitos:

Existe uma predominância de um dos sexos em algumas profissões. [...] Acho que esse tabu, essa coisa, já foi quebrado algum tempo atrás. A gente tem que lutar para que continue acabando ainda mais com o preconceito, esse tipo de coisa. (ROSA).

Ocorrem muitos conflitos no que diz respeito aos gêneros nas profissões em nossa sociedade. Levenfus (1997) levanta que:

De acordo com a nova perspectiva, a que inclui o gênero como categoria fundamental no entendimento do desenvolvimento humano, tem-se, por princípio, que as noções de homem, mulher, masculino e feminino são categorias historicamente construídas cuja especificidade passa pelas diferenças culturais particulares de cada grupo social e as definições de realidade que engendram. O ser humano traz consigo, ao nascer, uma carga complexa de instintos sem direção ou especialização, que serão organizados em sua expressão pelas pautas culturais partilhadas pelo grupo social em que pertence.

Assim relata Super apud Levenfus (1997):

A escolha profissional se dá pela formação de um auto conceito, processo que tem lugar ao longo da infância, quando a criança esta submetida à socialização primária, através da identificação com os outros significativos e a mediação das pautas culturais por estes realizados. Este auto conceito, durante a adolescência, é traduzido em termos vocacionais por um meio de mapeamento entre as características que o individuo supõe ter e as características que supõem serem necessárias de um exercício de uma determinada profissão.

3. Atividades de Lazer X Profissão: nem sempre o jovem vai querer trabalhar com aquilo para o qual tem habilidade. Existe diferença entre habilidade, interesse, aptidão. Por exemplo, aquele jovem que sabe tocar um instrumento musical; isso não quer dizer que ele deva fazer faculdade de música, ou aquele que adora animaizinhos, não necessariamente deva fazer medicina veterinária. Perguntado se tivesse toda liberdade de escolher uma carreira; independentemente de ouvir quem quer que seja, um jovem da engenharia elétrica respondeu: “Eu escolheria a Música que é uma grande paixão. Agora, por ser uma carreira universitária, eu tenho um futuro a zelar”. Bohoslavsky é categórico em seu texto sobre orientação vocacional, e afirma: “São muito poucos os afortunados que podem obter gratificações que ‘depositam no *hobby* e no trabalho, integrados numa mesma tarefa”.

4. Profissões da Moda: profissões que estão em alta. E vem aquela pergunta como será que vai estar o mercado de trabalho daqui a cinco, dez anos? É bom lembrar que tudo que está em moda não é permanente. A moda é passageira.

5. Mercado de Trabalho: Essa é a maior preocupação os jovens e aí que está o grande problema. Escolher uma profissão só porque ele acha que tem mais mercado, ou que tem emprego. Hoje em dia e cada vez mais não existe emprego, existe trabalho. Eis uma grande diferença. O mercado realmente está saturado para todos os profissionais. Hoje o diploma de medicina ou de direito não significa emprego garantido, com salário fixo. O que existe é a empregabilidade, que é estar apto a desempenhar uma atividade. O que quer dizer estar apto? É estar além dos padrões exigidos àquele profissional, ou seja, destacar-se no mercado.

6. O Retorno Financeiro: quem ganha dinheiro hoje? Aquele que se destaca no mercado, que se diferencia. E como fazer isso? Somente se destacará aquele que se encontrar na profissão escolhida, que exercê-la com paixão, tendo força e persistência para superar as barreiras encontradas. Estudando, se aprimorando, desenvolvendo novas idéias e assim se destacando nesse mercado tão difícil encontrado atualmente. É o pensamento de muitos entrevistados, no entanto alguns pensam no ganho suficiente para seu conforto e manutenção da futura família.

A questão financeira num influenciou muito. Eu acho que, na minha cabeça, mesmo. Isso meu pai me ensinou, que o que importa é você ser um bom profissional, que você vai ter emprego em qualquer lugar. E a questão financeira não é muito importante. Basta dinheiro para se sustentar e ser feliz na profissão (LUISA).

Quando buscados sobre o que seria mais importante no desempenho da profissão a unanimidade são categóricos: “fazer o que se gosta” Para os jovens entrevistados “fazendo o que realmente se gosta, o destaque vai vir e o retorno financeiro vai ser uma consequência”... E é assim com a profissão também. Porém com uma única diferença: a profissão é exercida 8 horas por dia durante mais 30 anos da vida, na atual conjuntura trabalhista. Isso realmente torna-se extremamente cansativo quando não se tem realização nem pessoal, nem financeira. E porque não juntar o útil ao agradável?

Entretanto, a escolha da profissão não pode ser vista como algo definitivo ou um caminho sem retorno. É claro que é uma grande escolha, mas ao longo da caminhada fazemos pequenas escolhas, que vai direcionar pra onde queremos ir. Podem-se pegar atalhos, cortar caminhos, nada

é fechado e definitivo. Hoje às áreas estão muito afins muitos esperam que no futuro redirecionem seus caminhos.

Nesse sentido é que se pode dizer que, fazendo uma escolha consciente, refletida, madura as chances de encontrar a chave para o sucesso profissional são maiores.

**PARTE III**  
**EGRESSOS DA COOPEMA NO ENSINO SUPERIOR**

## Capítulo 5: Egressos da COOPEMA no Ensino Superior

Os 14 alunos entrevistados, que forneceram o perfil familiar estão divididos em 12 do sexo masculino e 2 do sexo feminino, coincidência em relação ao gênero, mas sem nenhuma intencionalidade. Suas idades variaram de 16 a 19 anos, sendo 50% com 16 anos e 29% com a idade de 17, 16% com 18 anos e apenas um rapaz possuía dezenove anos. Todos são solteiros e sem filhos.

Com relação à religião, 58% são católicos e 20% declararam não possuir religião, os protestantes foram apenas dois. Os demais foram distribuídos em espírita (1) e outras religiões (2) e outras religiões os quais não quiseram declara-las, por serem de origem afro-brasileira e a classe média, neste aspecto bem conservadores.

Para o meio de transporte 45.8% (11 alunos) declararam que se deslocam por condução própria e sozinho. Somente um declarou deslocar de ônibus para escola. A sede da COOPEMA fica num bairro que somente passou a ser notado com a presença dessa escola.

Numero de alunos que só estudaram em escolas particulares foi de dez estudantes, o que perfaz um percentual de 41.6%; 45.8% (11 alunos) disseram que estudaram em escolas públicas e particulares durante sua trajetória escolar. Dos que estudaram somente em escolas públicas o número foi de apenas três, em torno de 12.5%. Sobre o período em que estudaram até aquele momento, 22 responderam que até então frequentaram somente o período diurno (91.6%) e apenas duas da amostra estudaram nos períodos diurno e noturno.

As escolas privadas no Brasil contam com um forte apoio da classe média, que, preocupada com a manutenção de sua posição social e econômica, procuram garantir aos seus filhos uma escola que possibilite a aprovação no ensino superior, através da aprovação em vestibulares em universidades públicas, de melhor qualidade. E, para que isso aconteça, não medem esforços em investir na educação de seus filhos, matriculando-os na rede privada ou em escolas, mesmo que públicas, possuam um conceito bom.

Merecem destaque, também, as escolas confessionais, sejam as mantidas pela Igreja Católica e algumas Protestantes, que sempre fizeram presença na história da educação no Brasil, tendo ocupado um grande espaço e papel de destaque no quesito qualidade na educação brasileira. Apesar de, com afirma Oliven (1990):

[...] Há algum tempo atrás, a maioria das escolas de nível médio era privada e administrada por ordens religiosas. Com a expansão do setor público no nível de segundo grau, os estudantes passaram a ser atraídos cada vez mais para esse setor gratuito, o que



ocasionou o fechamento de muitas escolas particulares. Os interesses do setor privado confessional, aproveitando a experiência educacional anterior, transferem-se, então, para o terceiro grau, onde não se defrontam, de forma tão direta, como a competição do setor público, principalmente se considerada a localização de grande parte das faculdades (OLIVEN, 1990:85)

Quanto a outros cursos que fazem ou fizeram durante a vida estudantil o número que cursa inglês é de 18, perfazendo a percentagem de 75% e 11 alunos (45.8%) afirmam que fizeram computação. Estes foram os cursos que mais se destacaram no grupo.

Em suas casas, somente um aluno disse não possuir computador, ainda, três não possuíam frízer e um não possuía aparelho de DVD. Por outro lado, todos possuem celular. Levantou-se também que 50% dos estudantes possuíam empregadas mensalistas em suas casas e dois responderam que possuíam até duas empregadas.

Quanto ao meio de transporte, 54.1% ,isto é 13 alunos, possui pelo menos um carro e 33,3% (oito alunos) possuem dois carros, dois responderam não ter carro e um declarou que em sua casa existem cinco carros.

Somando o número de televisores, a maioria possui pelo menos dois televisores em cores (66.6%) e apenas um afirmou não possuir televisão em casa. Todos possuem pelo menos um rádio.

Na casa onde moram, a prevalência é de dois banheiros em média (41.6%) e somente um aluno disse possuir apenas um banheiro.

A renda familiar desses 50% dos respondentes oscila em mais de 12 salários mínimos, apenas um declarou que a renda familiar gira por volta de três mínimos mensais.

Com relação às atividades econômicas desempenhadas pelos pais, a pesquisa mostrou uma grande oscilam com relação às mães. A respeito dos pais: 5 são funcionários públicos (20.8%); quatro são empresários (16.6%); três agro-pecuaristas (12.5%); e dois bancários (8.3%). Os demais se distribuem entre: relação pública, médico, juiz de direito, polícia federal, artista plástico, professor, caminhoneiro e comerciante.

Por outro lado, excetuando quatro mães que são donas de casas, as demais se dividem em: três professoras, duas bancárias, três empresárias, duas comerciantes, duas administradoras de empresa, duas funcionárias públicas, e as demais se pulverizam entre atividades de cobrança, manicure, agro pecuarista, enfermeira, e apenas dois não responderam sobre o ramo de suas progenitoras.

A pesquisa mostrou que, das mães dos alunos da COOPEMA, 50% possuem curso superior completo (12); uma com superior incompleto; duas com o ensino médio completo; seis com o ensino médio incompleto; e apenas duas mães têm o ensino fundamental.

Com relação aos pais, os números variam na mesma proporção: 50% (12) dois pais têm curso superior completo; três, curso superior incompleto (12.5%); cinco, ensino médio completo (20.8%); e apenas um, o ensino fundamental completo. Os dados mostram que a família dos estudantes possui uma escolaridade acima da média regional. Como afirma Oliven (1990):

Um dos elementos significativos na auto-identificação da classe média, principalmente em países com o sistema educacional elitista como o brasileiro, é o seu nível de escolaridade

As atividades de que os alunos da escola Interativa mais participam são associativas; vale ressaltar que essas atividades estão distribuídas em clubes, festas, encontros informais entre outras. Não foi anotada nenhuma participação política ou política-partidária. As atividades esportivas (20.8%) foram à segunda de mais destaque.

Os alunos estão mais para estudantes profissionais, como afirma Bourdieu do que para outras atividades que envolvam o social. Um dos grandes problemas desses alunos é decorrente da ausência de um contato habitual com a pobreza que existe em seu entorno. O perfil padrão dos alunos que estudam na COOPEMA é o do aluno procedente de escolas particulares, antes mesmo de matriculasse na COOPEMA, de família com boa situação financeira e que não exerce nenhuma atividade remunerada, portanto, ainda são dependentes do ponto de vista econômico.

No que diz respeito a como se mantêm informados, 14 alunos declararam que se informam pelos jornais escritos; 11 se utilizam do rádio; vale ressaltar que a cidade possui duas rádios AM que cobrem a maior parte da região do MÉDIO Araguaia e duas rádios FM, e mais três canais de televisão que são repetidoras das redes: Bandeirantes, Record e SBT, e todos apresentam programas locais de entretenimentos, principalmente aos sábados e o jornalismo local diário com os principais acontecimentos da região.

Como atividade de lazer, sobreponha a televisão, com 54.1%, seguida do cinema com 45.8%. Neste item é necessário esclarecer que a cidade possui apenas uma sala de cinema, que não acompanha os últimos lançamentos, mas sobrevive da exposição de películas de cunho popular ou que já foram sucessos em passado recente. Essa categoria está diretamente ligada à locação de filmes em VHS ou DVD que são fornecidas pelas sete principais locadoras da cidade. O que se estranhou foi a ausência do item leitura como atividade de lazer por todo o grupo.

Dos cursos superiores de destaque para os alunos da Cooperativa, o mais procurado foi o de Agronomia com cinco pretensões o que perfaz 20.8%, e Medicina com três pretensões (12.5%) as demais referem a cursos, em sua maioria, nas áreas de Exatas e Biológicas, sendo que para carreiras nas Ciências Humanas e Sociais a procura é mínima, com exceção dos cursos socialmente valorizados, tais como: Direito, Jornalismo e Psicologia. Existe um pensamento na região, talvez pela sua última etapa de desenvolvimento, que é uma região de tendência agrícola e turística. A agricultura já foi consolidada nos anos 70, por isso, aparece como uma das preferenciais; por outro lado, mesmo havendo um curso de Turismo oferecido a 150 km de Barra do Garças pela UNEMAT, em Xavantina, ele não é da preferência do grupo.

Perguntados sobre o que os leva a escolher um curso superior, 45.8% (11 alunos) declararam que sempre gostaram; cinco (20.8%) disseram que foi pelo gosto da família; quatro (16.6%) pelas informações obtidas por meios de comunicação; três pela aptidão para as disciplinas fundamentais do curso e apenas um aluno declarou que foi pelo resultado de teste vocacional.

As instituições de ensino superior mais escolhidas pelos alunos do terceiro ano do ensino médio da COOPEMA para obter seus diplomas foram: a UFMT (20.8%), seguido ainda UNB, UFG e UNEMAT, com apenas 8.3%. É de se ressaltar, conforme o universo da pesquisa, que essas são preferências de primeiro lugar, entretanto, os alunos prestam, em sua maioria, três a quatro vestibulares por ano.

Os que declararam que não sabem ainda correspondem ao percentual de 25% (seis alunos). As faculdades escolhidas fora desse eixo se explicam pelos cursos que possuem e que não são oferecidos na região Centro Oeste, ou são de referência nacional, como alguns cursos da PUC – SP, UFU, Escola Militar – ITA, UNICAMP, UFSC, USP e UFMG.

Em suma, mais de 90% dos alunos da COOPEMA prestam vestibulares em mais de uma universidade. Há casos de prestarem até cinco universidades no mesmo ano:

Eu prestei na UNB, na UESP, UFRJ, UFA, UFOP e Na UFMT. Mas eu dei azar, não que não seja uma faculdade boa, só que aquela coisa [...] eu queria uma coisa assim [...] só passei na UFMT e na primeira fase da UFA, eu fiquei por pouco ponto e na segunda não deu (GABI).

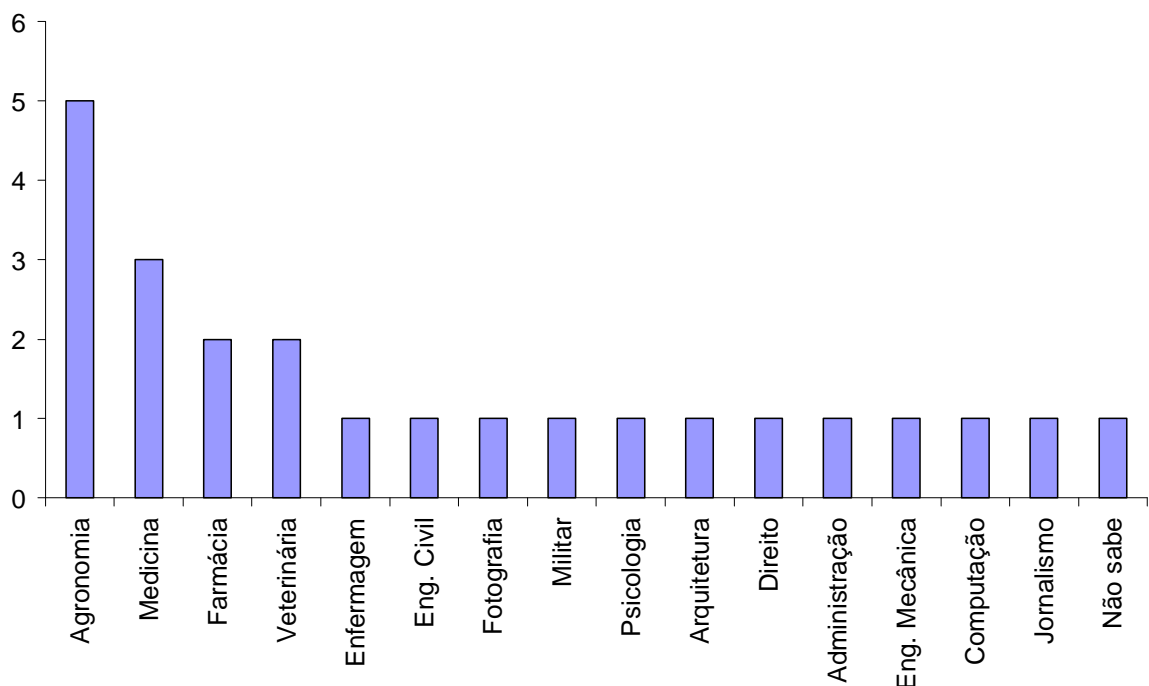
Um dos motivos que levam os jovens da escola cooperativa a optarem por uma determinada faculdade está na responsabilidade e na qualidade da instituição, 25%; na influência da família, 16.6%. É relevante destacar que esta escolha está dentro de um planejamento econômico da família e de melhor controle sobre o afastamento dos filhos, isto é, proximidade de

parentes, a cidade mais próxima da região e suas características, como exemplo não ser tão violenta na imaginação dessas famílias. Somente quatro alunos (16.6%) disseram que não sabiam o porquê escolheram as instituições em que pretendem fazer o vestibular.

A totalidade dos estudantes nessa primeira amostra já havia escolhido, ainda que precariamente, os cursos e as universidades escolhidas. Após a coleta de dados, os questionários foram tabulados originando vários gráficos que facilitaram a sua interpretação.

Uma das primeiras constatações dessa pesquisa foi, portanto, perceber que a totalidade dos alunos pertencia ao extrato da classe média, com muita esperança em classificar-se nos vestibulares da região Centro–Oeste e nos cursos socialmente considerados, principalmente nas áreas tecnológicas e biológicas. Observou-se também certa preterição em relação aos cursos de Ciências Humanas, com exceção dos socialmente aceitos. Conforme o gráfico.

Cursos superiores escolhidos pelos os vestibulandos da COOPEMA:



## **CAPÍTULO 6: Entrevistas com Egressos da COOPEMA**

## Capítulo 6: Entrevistas com egressos da COOPEMA

Na segunda fase do trabalho, foram escolhidos, ao acaso, 14 alunos, que já estavam aprovados nos vestibulares e que naquele momento cursavam o primeiro ano ou o primeiro semestre de uma faculdade no Mato Grosso.

O objetivo dessa segunda etapa foi explorar, com certa profundidade, o que o questionário escrito não permitia: a vivência desses jovens, particularmente no interior da universidade e se seus critérios para a escolha foi acertado e o nível de satisfação com o curso.

As seções de entrevistas individualizadas realizaram-se em horário normal-durante o dia e/ou à tarde - de acordo com a disponibilidade dos alunos. A maioria foi realizada nas dependências da própria casa. A realização das entrevistas no interior da casa dos alunos foi um fator que facilitou a condução do trabalho, na verdade foi uma opção metodológica: a intenção era investigar também a vivência escolar e social no próprio ambiente onde moram o entrevistado sem, no entanto, mostrar qualquer interferência.

No decorrer das entrevistas, não se apresentou qualquer variável constrangedora que pudesse intimidar os depoimentos. Os jovens que participaram das seções de entrevistas fizeram-no voluntariamente, e se pode afirmar que constituíram uma amostra representativa com relação aos 24 alunos que participaram do primeiro momento. De um modo geral, a escola oferece momento ou espaço mais ou menos institucionalizado em que os alunos possam se orientar na escolha da carreira, como coloca a entrevista Vera “COOPEMA! Os professores contribuíram muito. Do mais, tenho só de agradecer a eles”. É de considerar que os professores colaboram e influenciam no sentido de reforçar uma opção latente.

A COOPEMA tem uma cultura legal pessoas do SENAI para dá palestra pra gente. Sobre essa área, foi uma grande contribuição, pelo menos pra mim, eu digo por que eu comecei a decidir muito cedo. No primeiro eu decidi que queria fazer engenharia química. E continuei até o período do vestibular aprimorando essa idéia. Só aprimorando de fato ou talvez os professores que tem mais possibilidade sobre a nossa escola. Tentam abrir um pouco as nossas mentes pra todos os tipos de curso. Acho que foi determinante. (LUISA).

Eu acho que contribuiu o suficiente. Acho que encontrei a palavra. Porque eu sempre gostei de estudar na COOPEMA. Achei a escola muito legal. Gostava dos professores. Minha mãe foi professora da COOPEMA. Então já tinha uma certa influencia ali. Minha mãe sempre muito ligada com os professores, como amigos. Por serem amigos de minha mãe também influenciou de certo modo por que... Tipo assim, não diria em geral, mas, de certa parte, a COOPEMA ajudava na ciência. Quer fazer ciência, sabe? Pelo menos, na minha época, era assim. Quando eu fiz o ensino Médio. Eles me influenciaram bastante na ciência como o professor de Física, o professor de

Matemática, até com a minha professora de Literatura que pregava bastante, tipo assim, você estuda isso... Então, acho que foi interessante o ensino (DURVAL).

Olha, a COOPEMA incentivava muito a gente a pesquisar sobre os cursos. Até os professores faziam um trabalho na sala de aula sobre todas as áreas e cursos. Faziam uns testes vocacionais diferentes assim... Eles perguntavam se você se identificava mais, te mostrava as profissões e... É assim eles puxavam pela área que a gente tinha mais facilidade na escola e te direcionava pra um campo que você se dava melhor, mas isso não te obrigava a fazer nada. Só que eles um trabalho, pra gente escolher, muito bom (IVO).

Olha, na COOPEMA, no ano que... No final do ano quando estava chegando à época de prestar vestibular... Eles pegaram e chamaram vários profissionais, um de cada área e deram estágios para os alunos que tinham passado, que era só duas salas de 3º ano né?! Eles foram, pegaram um pouco de cada, um médico, um veterinário, um advogado, até um engenheiro químico, eles acharam porque tinha uma maioria que gostava dessa área e tal, encontraram um engenheiro químico pra gente também. Aí teve um de cada área e levaram e fizeram um tipo um... Bate papo mesmo. Cada um falou um pouco sobre a profissão, o que era, na realidade no dia a dia mesmo. O que via mais ou menos na faculdade e depois perguntas pra quem tivesse dúvidas tal. E uma psicóloga, eles colocaram uma psicóloga para fazer teste vocacional. Foi até legal sabe? Pra mim não adiantou muita coisa, porque eu queria mesmo, inclusive me atrapalhou porque eu olhava, eu gostava de cada profissão. Ela falava e eu nossa que legal! Aí o outro falava nossa, aí o outro falava... É essa mesma. Sabe, me atrapalhou um pouco porque era tudo bom, eles eram profissionais que gostavam do que fazem e iam defender o que eles fazem né? Aí cada um me convencia mais do que o outro. Mas no teste vocacional eram aquelas perguntas e tal, do que você gosta, do que não gosta e acabou de eu gostando de tudo também (GABI).

O material recolhido foi transcrito de imediato, na medida em que se ia realizando a enquête. Logo a seguir, as entrevistas foram classificadas em quatro categorias, de acordo com o objetivo do trabalho “Como os Alunos de uma Cooperativa de Ensino Escolhem as suas Carreiras”.

Escolheu-se, em virtude da maioria das respostas, subdividi-las em cinco categorias: influência familiar, remuneração, identificação com outros profissionais, a profissão como a realização pessoal e a influência da escola, pois todas foram importantes para o aluno dar continuidade aos estudos e se definissem em suas carreiras, até porque, foram os quesitos mais referenciados.

a) **Com relação da influência familiar**

OCORRÊNCIAS DE TEMAS RELACIONADOS À INFLUÊNCIA FAMILIAR:

Me deram apoio para eu escolher (LUISA)

Ela falou: Então você pode fazer Letras, Direito ou Jornalismo.

Aí sobrou Direito. Mas eu queria Jornalismo.

Então vou prestar para Direito e Jornalismo.

Aí passei pra Jornalismo. Passei prá Direito.

Resolvi optar pelo Direito. (MÔNICA)

Pelo pai fazer Medicina

Não tinha passado em Medicina.

Resolvi fazer Direito (ÚRSULA)

Em nenhum momento.

Minha mãe fazia questão que eu fizesse uma faculdade.

Escolhi Biologia.

Eles adoraram. (DIVA)

Eu escolhi só pra vir morar com os meus pais.

Biologia era o curso que mais me identificava. (ELI)

Minha família me deu muita liberdade

Meu pai deu a idéia de eu fazer Direito.

Eu não quis.

Minha mãe queria que eu fizesse Medicina.

Eu tinha que escolher

Não forçou nada, (ROSA)

Foi mais a influência do primo. (FÁTIMA)

Minha mãe, nem meu pai me ditaram o rumo.



Eles acharam muito interessante eu escolher a área de Ciência.

Ela sempre gostou dessa idéia. (CALEI)

Geralmente ele nunca quis que eu fizesse Engenharia Elétrica.

Justamente para que o resto da família não achar que sofri sua influência.

É lógico que sofri pequena influência.

A escolha foi minha. (IVO)

Não na minha escolha.

Incentivava o que eu quisesse fazer.

Pode ser tanto meu pai quanto a minha mãe. (GABI)

Aí meu pai sempre falava.

Foi por causa dele. (MÁRCIO)

Pela vontade do meu pai eu seria Engenheiro de Projetos.

Pela minha mãe eu seria pesquisador

A gente tem uma ligação muito forte.

Acho que as idéias dela acabaram sendo as mesmas. (PEDRO)

Eles são liberais. (VERA)

Os pais interferem no processo de vida dos jovens desde o começo. Isso é quase inevitável. No passado a família, principalmente na figura do pai, mapeava o espectro social e distribuía papéis ocupacionais para os filhos e filhas: você vai ser advogado, você vai ser, médico, você bispo, você professora, e assim por diante. Hoje as diferenças é que os pais já não interferem tão autoritariamente. Às vezes, pode surgir um problema inverso: por excesso de liberalismo, muitos pais acabam se omitindo no que se diz questão a escolha da carreira por parte dos filhos. O jovem, cada vez mais, está tomando a iniciativa da escolha, até mesmo, sem dialogar a respeito com os pais.

Kaioá Geraide de Lemos (2001) em “Adolescência e escolha da profissão”, observa que muitos adolescentes sentem-se sozinhos e sem apoio na hora de escolher uma profissão, recebem

uma enorme carga de informações e têm uma percepção de superexigência quanto ao mercado de trabalho, que devem ser competitivos, competente e adquirir muitos conhecimentos nas mais diversas áreas para conseguirem melhor espaço no competitivo mercado de trabalho.

A preocupação é o sentimento de solidão que o jovem carrega e a experiência de escolher uma profissão como algo apenas com aspectos negativos, ter que competir sempre, ganhar dinheiro e manter-se atualizados nas novas tecnologias.

Ao adolescente, muitas vezes, também, estão repetindo os discursos do pais, que por seu turno estão preocupados quanto ao futuro dos filhos. O dilema é que dos adolecentes, além de estarem vivendo um momento de confusão e dúvidas (Bohoslavsky, 2003), sentem que seus pais, também, estão impossibilitados de ajudá-los.

Alguns pais procuram interferir o menos possível, insentando-se de dar qualquer tipo de opinião, outros, preocupados com o futuro, mesmo que o aluno esteja indeciso tem influência determinante.

Um dos alunos do curso de Direito, 19 anos, filho de agrônomo, nascido em Barra do Garças, atrasou-se da vida escolar por um ano em função de uma grave doença, onde foi buscar recursos médicos em São Paulo (SP) por vários meses, foi categórico:

Aí meu pai sempre falava, grande parte dessas coisas foi por causa dele, porque ele falou. Não... É legal, você vai gostar do curso é um curso interessante. E assim... Que depois eu comecei, depois que comecei a praticar o curso, eu fui começar a gostar depois que entrei. Tanto é que no 1º semestre eu tive dificuldade, porque ainda não... O curso ainda é muito no 1º semestre aquele negócio sobre filosofia, sociologia... essas coisas! Eu acho que não tinha muita a ver com o curso. Eu achava que não tinha muito a ver. E eu achava, complicado. Ai eu falei, há o que eu estou fazendo aqui! Depois que em fui olhar, falei, não, há as normas, são feitas por causa e disse que eu estava estudando mais os preceitos. Eu ainda estou estudando muito isso aí, sobre a sociedade (MÁRCIO).

Então pela fala de entrevistado Márcio sua doença levou a perder o rumo de alguma escolha pensada, no entanto a necessidade da família que seus filhos possuam um diploma superior é muito importante:

É foi mais uma questão meio que... não é bem imposta, mas foi uma questão... não foi uma escolha livre, por opção de escolher. Foi o que meu pai falou (MÁRCIO).

A família tem o papel de agente socializador. É talvez o grupo mais importante, em que possui uma representação própria do que seja o mundo do trabalho. Essa postura ou representação, invariavelmente será absorvido pelos filhos.

Buscou-se nos relatos dos jovens, entender o grau de importância que tiveram suas famílias na ocasião de suas escolhas da carreira. Um primeiro momento transpareceu um certo grau de liberdade para escolherem o que quiserem. Para Entrevistada Rosa, 18 anos, amante da natureza, do Médio Araguaia, estudou somente em duas escolas particulares, a própria família ainda não apresentava um consenso sobre o futuro da filha:

Não, minha família me deu muita liberdade. Eles até deram opinião. Meu pai deu a idéia de eu fazer Direito. Mas não forçou a nada. Só deu a idéia. Eu não quis. Minha mãe, que desde] menino eu falo que ia fazer Medicina mas queria que eu fizesse mas eu não quis. Mas ela sempre está ajudando. Sei lá. Eu tinha que escolher. Não forçou nada (ROSA).

É quando abordado sobre quem da família mais contribuiu para a sua decisão nessa carreira, esclarece que foi um primo.

Entrevistada Mônica, 18 anos, filhas de advogados conceituados na região onde reside, aproximadamente 800 km de Barra do Garças, pretende ser juíza logo após exercer, pelo menos 3 anos como advogada, deixa claro ser influenciada pelo meio em que vive:

Eu, na minha família quase todo mundo é da área de direito. Meus pais trabalham no fórum. Meu tio é advogado. Boa parte é da área do direito. Então eu vivi e cresci escutando coisas do direito. Sobre processos... A vida inteira (MÔNICA).

Segundo Bourdieu (1983), os *habitus* esta no principio do encadeamento de certas ações, organizando-as objetivamente. No entanto, na medida em que é produto das relações sociais, ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que lhe deram origem.

[...] as estruturas de um tipo particular de meio [...] que podem ser aprendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem habitus, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas pré dispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como principio gerador e estruturador das praticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intensão consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983:68).

Algo semelhante foi evidenciado na vida de entrevista Úrsula, 19 anos, também filha de família tradicional da área de direito. Mesmo que apresente no primeiro momento um sentimento de reparação (BOHSLAVSKY, 2003) e não a atender a preferência dos pais que os dirigias para o

curso de medicina, as condições objetivas não foram suficientes para passar no vestibular, então redeu-se a tradição da família e diz sentir se muito bem em estar cursando o primeiro ano de direito:

Eu tive pensando em fazer medicina uma vez quando criança. Pelo pai [...] Faz medicina [...] Boa [...] Aí fiz medicina na federal, mesmo não gostando do curso prestei na UFMT e não passei. Quando eu vi que não tinha passado e que medicina não era o que eu queria, eu comecei a optar pelo direito e também não fiz vestibular em federal porque na época eu preferi mesmo ficar aqui (URSULA).

E justifica a sua escolha dizendo:

E a minha missão foi justamente por não gostar de medicina ter feito direito. Meu pai tem muitos amigos advogado, muito amigos juízes e às vezes eu nem conhecia, mas achava bonita a forma que eles expressavam, tinha [...] Eu achava interessante (URSULA).

O caso de Eli e Diva, ambos com 18 anos, primos primeiros entre si, filhos de pecuaristas, criados em propriedades agrícolas pertencentes aos seus pais até a idade de virem para a cidade estudar sem, no entanto, desprezar a vida do campo, apresenta um caso atípico. Eli não gostava de biologia como matéria sistematizada, mas sempre sentiu preferências pelo contato com a natureza e a pela vida rural, dentre tantas opções preferiu dar lugar aos gostos pela natureza:

Então... Eu sabia que... Nunca gostei do curso de Biologia, da matéria Biologia. Eu queria, na verdade, Ecologia [...]. Eu fiz Biologia porque pra mim me especializar depois e trabalha com Ecologia. Trabalhar no meio da... Com cachoeira, com eco-aventura, também poder trabalhar com as plantas, trabalhar no mato. Qualquer troço ligado ao meio ambiente (ELI).

Fato semelhante aconteceu com Diva, adiante revela que a escolha não está plenamente definida como se espera:

Eu sempre me identifiquei com a natureza. Eu não queria bem a Biologia. Queria uma coisa agrícola assim [...]. Engenharia Agrícola ou agronomia. Mas como meus pais moravam aqui, ficou mais difícil. Aí fiz Biologia e acabei me identificando, gostando mais do que esperava.

É importante notar que os dois por estudarem na mesma sala criam em torno de si um loco comum e se afastam cada vez mais do grupo, segundo suas falas: “o relacionamento... A maioria do pessoal da nossa sala é mais velho e a gente só temos contato dentro da universidade

porque fora dela não temos contato com quase ninguém. Eli quando fala sobre a interferência da família para sua escola afirma que “em nenhum momento eles interferiram. Só minha mãe fazia questão que eu cursasse uma faculdade. Então escolhi biologia. Eles adoraram”.

Diva esclarece a sua atitude da seguinte forma “eu escolhi só para vir morar aqui mesmo, com os meus pais. E para mim a biologia era o curso que eu mais me identificava”.

Durante as entrevistas muitos casos de liberdade para escolher se apresentou, como o caso de Entrevista Fátima, 19 anos, filha de pai agricultor e mãe professora, no seu relato deixa claro que tentou unir seu gosto com a preservação da natureza, mas descarta os cursos da região pelo fato de serem licenciaturas e guarda na sua memória a luta e as peregrinações da mãe como professora do Estado:

Não, minha família me deu muita liberdade. Eles até deram opinião. Meu pai deu a idéia de eu fazer Direito mas eu.... Mas não forçou a nada. Só deu a idéia. Eu não quis. Minha mãe, que desde menino eu falo que ia fazer Medicina, mas queria que eu fizesse, mas eu não quis. Mas ela sempre está ajudando. Sei lá. Eu tinha que escolher. Não forçou nada (FÁTIMA).

E justifica o não atendimento de uma possível intervenção de um primo para a sua escolha:

Eu sempre curti natureza, essas coisas... Eu tenho um primo que faz Biologia. Ele me influenciou muito. Ah... Lembro que a gente ia pra serra, tal... Ele me influenciou. Eu não quis fazer Biologia porque... Sei lá. Não queria virar professor. Aí resolvi. Eu olhei esse curso de Engenharia Florestal, gostei (FÁTIMA).

O caso de entrevista Durval também se enquadra nessa linha de liberdade de escolha conforme explica:

Bom. Aqui em casa sempre foi assim... Minha mãe, nem meu pai nunca me ditaram o rumo. Se eu falasse com minha mãe que era engenharia elétrica ou se eu quisesse mudar para fazer o curso que ela fez, que é Letras, ela apoiaria totalmente. Então, eles acharam muito interessante de eu escolher a área da ciência. Que desde criança eu sempre quis a área da ciência. A área da pesquisa. Minha mãe sempre me apoiou bastante nisso. Ela sempre gostou dessa idéia (DURVAL).

O que difere de Fátima é não possuir nenhuma recomendação contra a qualquer carreira, no entanto o fenômeno de transferência fica evidente quando afirma:

A maior influência que eu tive mesmo foi do meu professor. Ele tinha um conhecimento do curso. Ele que me explicava detalhe por detalhe o que seria o curso e tal que eu poderia pegar, mas os profissionais me incentivaram também. No caso, o que o engenheiro eletricitista poderia fazer. No que ele trabalha e acabei achando muito interessante (FÁTIMA).

Um dos problemas da influência familiar quanto ao aspecto da escolha da carreira está presente na força da subjetividade que exerce sob o adolescente, a força que a presença paterna também é de muita importância. A descrição feita por Ivo é relevante:

Não, meu pai nunca... Geralmente ele nunca quis que eu fizesse Engenharia Elétrica, justamente para que o resto da família não achar que eu sofri influência. É lógico que sofri uma pequena influência. Mas que ele já é engenheiro elétrico, mas a escolha foi totalmente minha.

E isto está cada vez mais evidente a força da figura paterna na seqüência de seu depoimento:

Eu analisei... Eu estudei muito antes de escolher meu curso. Eu pesquisava na Internet na área de exatas que é a área que eu gosto mais, que é Física e Matemática, então a Engenharia Elétrica trabalha basicamente só com isso. O curso inteiro. Eu escolhi. É lógico que teve a influência do meu pai que é engenheiro elétrico, mas a escolha foi só minha (IVO).

Ou ainda:

Meu pai me conta muitas histórias do curso, me conta muito sobre as matérias finais, sobre os projetos que faz. Foi isso, eu não me interessei muito mais por nenhuma área, por nenhum curso além desse (IVO).

Muitas famílias ainda têm no curso superior um espelho de estatus social. O relato da entrevistada Gabi, 19 anos, filha de professora universitária e o pai trabalha na área de venda, possui dois irmãos músicos, já moraram em várias cidades do interior do estado depois que imigraram do estado de São Paulo na década de 80. Para ela, a liberdade de escolha foi total. O que pretendia era fazer um curso superior. Quando responde sobre a interferência da família, é categórica:

Não na minha escolha, eles interferiram, assim, incentivar o que eu quisesse eles me incentivavam. Porque tem aquela coisa: "Eu quero que você faça medicina ou direito" Então aqui nunca foi assim, você tem que fazer o que gosta nè?! (GABI).

E acrescenta que na sua definição sobre a profissão não sabe qual deles poderia ter mais contribuído “pode ser tanto o meu pai, quanto a minha mãe”. Entretanto, um sentimento de luto se apresenta quando, apesar de toda liberdade, ainda teria uma alternativa que a Região do Médio Araguaia poderia oferecer:

No fundo no fundo acho que eles queriam que eu fosse o que eu queria ser. Então pra eles ta bom, ela vai ser química, então tá! Eu acho que no fundo, no fundo, talvez Farmácia, mas não pela carreira, é que minha mãe queria que eu fizesse aqui perto dela (GABI).

O que de certa forma foi amenizado por ter sido aprovado no bacharelado de Química em Cuiabá, onde possui parentes e muitos amigos da família:

É aquela coisa, onde eu passasse o local estava bom! No final das contas acabou que eu passei em Cuiabá... Foi, foi bom sabe? Apesar do calor e tal. Foi bom porque assim, mais próximo da casa dos meus pais, eu posso vim aqui mais frequentemente se eu tivesse morando lá em São Paulo, por exemplo, então eu posso vim mais aqui, ta perto (GABI).

A fala de Pedro filho de uma professora da área de Letras, desquitada. Apaixonado por esporte, principalmente lutas marciais revelou que: “Minha mãe, nem meu pai nunca me ditaram o rumo, eu queria uma área para pesquisa, minha mãe sempre me deu bastante força. Ela gostava da idéia”.

Fica claro que uma coisa deve ser atendida para a satisfação da família, principalmente da mãe:

Pelo meu pai eu seria engenheiro de projetos. De saber fazer projetos para a indústria. Pela vontade de minha mãe eu seria pesquisador. Que é o que ela sempre quis que eu fosse – pesquisador, entendeu? É... A gente tem uma ligação muito forte, minha mãe, acho que as idéias acabam sendo as mesmas (PEDRO).

Entrevistada Vera, 18 anos, é filha de sanitarista, é consciente que para uma jovem de sua idade é difícil escolher “uma coisa pra vida inteira”.

Apesar de toda liberdade, dizia que se encontrava com a “cabeça vazia” na hora de se definir por uma carreira. Por isso recorreu aos conselhos do pai:

Ah! Não interferiu muito. Eles são liberais. Eles só falaram: “você faz o que você quer”. Eles nunca me obrigaram fazer nada. Aí, sorte, que foi mais influência do meu pai mesmo, pois eu não sabia certo que eu queria. Não eu quero isso e isso não. Aí foi mais meu pai: “faz isso é um curso bom pra você... Se você não gostar, você muda de curso. Você não é obrigada a fazer”. Só isso. Eles não me obrigaram a fazer nada (VERA).

A existência de um “projeto” ou de uma “intenção familiar” intensamente orientado para a escola é determinista para a carreira dos filhos nos dias atuais. Nos contatos, não aparece tão evidente, mas isto não quer dizer que num plano subjetivo, isto não exista.

Algumas famílias podem fazer da escolaridade a finalidade essencial “e ate exclusiva da vida dos filhos”, ou mesmo suas próprias. A escolaridade, pode torna-se, em alguns casos, uma obsessão familiar, é o caso dos sacrifícios que passam os pais para dar a educação que não tiveram para os filhos.

É evidente, com todo este investimento, é importante os filhos terem espaços para acederem socialmente, por intermédio dos estudos, e não determinar de forma explicita as carreiras ou profissões específicas desejadas pela preferência pessoal de alguns membros da família, isto foi o observamos no estudo desse grupo de alunos cooperativados.

## **b) O fator financeiro como elemento para a escolha**

### OCORRÊNCIAS DE TEMAS RELACIONADOS AO FATOR FINANCEIRO

Não analisei isto. (VERA)

Pesou bastante

Um curso que tinha bastante saída. (PEDRO)

Por ser um curso visado.

Ser bom profissional tem boa remuneração

Oh, o ponto chave mesmo. (MÁRCIO)

Dá pra falar que não, né?

Quem faz Química não irá ficar rico. (GABI)

A questão financeira não influenciou muito.

Basta ter dinheiro pra se sustentar. (IVO)



Acho que só com uma pesquisa uma pessoa não vive.

Inicialmente, você vai ralar muito.

Ficar sem grana...

Acho que tenho todas as condições de trabalho. (CALEI)

Se a gente se especializar.

A gente pode ir mais longe. (FÀTIMA)

Não sei o que vou ganhar. (DIVA)

Você pode ser pesquisador.

Você sempre vai querer buscar o melhor salário. (ELI)

Um juiz tem seu lado positivo de ganhar. (MÔNICA)

Pesou.

Um jeito de arrumar o primeiro emprego.

Pra mudar meus pais. (ROSA)

Foi um dos fatores que levei em consideração.

Foi a maior coisa que levei em consideração.

Obter um salário mais elaborado. (LUÍSA)

Os adolescentes vêm sendo bombardeados por uma grande oferta de modelos de identidades rápidas e descartáveis, que não oferecem um norte realmente claro. Isto acontece nas várias etapas da vida. Com relação a questão profissional, muitas vezes eles acabam sendo “seduzidos” para as carreiras da moda ou as mais exploradas pela mídia. Todos esses fatores, juntamente com o excesso de informações e as muitas exigências percebidas por eles à respeito do mundo do trabalho fazem com que os mesmos estabeleçam critérios de escolha mais voltados para referenciais externos que para os seus próprios interesses, anseios e aspirações futuras. Não é raro ouvir adolescentes que querem uma profissão de dê dinheiro, não importa qual seja. Essa

questão deve ser compreendidas sempre dentro do momento e do contexto social que o adolescente atravessa.

Sem o conhecimento suficiente sobre si mesmo, os seus verdadeiros interesses, aptidões, anseios, expectativas entre outros, os jovens correm o risco de tomarem decisões baseados somente em alguns critérios externos, optando por carreiras que estão mais na moda, que dizem ter muito mercado de trabalho ou que sejam lucrativas, etc. O problema se apresenta na falta do autoconhecimento para poderem fazer o melhor uso de novas possibilidades.

Analisando o fator financeiro como determinante para a escolha profissional deparou-se não ocorre como um critério fundamental na maioria dos casos, entretanto é muito importante, desde que estejam em sintonia com outros fatores, tais como: a satisfação pessoal, gostar do que faz, possibilidade de estar sempre crescendo no campo profissional, etc.

Vera foi uma daquelas que preferiu o curso de Engenharia Sanitária pelas informações do pai e, logo depois, foi dar-se conta do fator financeiro e sustenta que isso será uma consequência natural de outros fatores que irão vir pela frente.

Acho que não analisei essa parte financeira não. Fiz o curso por... Que era o que eu queria mesmo. Meu pai falou que era um curso bom. Acho que nem pensei no lado financeiro, não. Se o profissional for bom mesmo ele vai que ter, Têm altos e baixos. Pode estar numa boa, pode estar lá, em baixo. O lado financeiro é muito relativo (VERA).

O projeto de vida de Pedro parece mais realista e transparece mais outras satisfações do que o financeiro em primeiro lugar. Quando afirma:

Inicialmente, depois de você terminar o curso e tocar apenas sua pesquisa você vai ralar muito, vai sofrer, ficar sem grana porque isso, inicialmente, a pesquisa é uma coisa a longo prazo pra ela dá certo, mas como eu vou estar formado como engenheiro eletricitista eu acho que eu tenho todas as condições de trabalhar como engenheiro, mesmo na área de projetos e dar continuidade à pesquisa. Eu acho que é possível, sim.

Neste ponto de vista da satisfação financeira, existe momento em que a família é que procura a satisfação. O caos de Márcio é revelador quando se procurou saber da intervenção da família para a sua escolha no curso de Direito ele esclareceu:

Teve, teve grande influência, nossa! E outra questão também foi da questão financeira, porque esse curso é visado. Ele é, tem... Se for um bom profissional, tem uma boa remuneração, né?! E essa que foi... Assim... Ah o ponto chave mesmo, acredito que foi isso aí.

E vai mais além, que não tinha condições de passar numa “federal” e por isso optou pelo curso de Direito numa “particular”, mas:

No fundo no fundo eu queria ser primeiramente eu queria ser um agrônomo. Às vezes eu acho que era até... Pelo meu pai também, ser um agrônomo. Mas eu tenho assim... Certa tendência. Eu gosto mesmo é do negócio de planta é... De essas coisas de solo. São plantações, essas coisas. Eu tenho um certo interesse ainda. Né?, Um certo interesse, eu gosto mesmo. Só... é... eu estava pensando em ser agrônomo, mas como por aqui não tem. E as que tem é federal, é complicado entrar (MÁRCIO).

Num plano, mais para a realização pessoal do que propriamente o econômico se encontra Gabi:

Pra mim escolher o curso? Se eu pensava em dinheiro? Acho que... dá pra falar que não né?! Porque uma pessoa que faz química não irá ficar, assim, rica! Depende né? Depende de que pode acontecer... vai que eu invento a fórmula e tal, aí... mas a princípio é aquela coisa: “você já viu um químico com uma pedra de ouro? Tem os famosos né?” Então foi mais por uma realização pessoal mesmo.

E ainda se mostra determinada para o curso de Química que escolheu. Sobre se mudaria de curso, ela foi dogmática, claro que não:

A faculdade, se a faculdade não estivesse assim, eu achando que estava fraco que não ia ser bom pra mim, pode ser que eu mudaria de curso, poderia pedir transferência para outra cidade, mas depende do curso em si mesmo, não sei Agora sim eu não posso mudar da Química de jeito nenhum. É aquela coisa, acabei de entrar, tem pouco tempo (GABI).

Outro jovem que se mostra realista com o seu tempo é o Ivo:

A questão financeira num influenciou muito. Eu acho, que na minha cabeça, mesmo, isso meu pai sempre me ensinou, que o que importa é você ser um bom profissional, que você vai ter emprego em qualquer lugar. E a questão financeira não é muito importante. Basta ter dinheiro pra se sustentar e ser feliz na profissão.

O projeto de Durval procura ajustar-se a uma realização profissional a um modo digno de sobrevivência. Ele é um dos entusiastas pela Engenharia Elétrica e a considera a “mãe das engenharias”:

Engenharia Elétrica [...] ela me chamou bastante a atenção por ser um curso amplo e que eu poderia pesquisar bastante na área de eletricidade que é uma área que me interessa muito. Vim conhecer mesmo na universidade. Eu conheci que era algo que dava dinheiro também.

Pelos projetos de Diva a sua carreira ainda não é algo tão sério para um programa de futuro A sua programação para o futuro ainda está em andamento. Ela nos informa que:

Realmente eu não tenho. O ano que vem eu vou trancar a matrícula e vou viajar um pouco. Não planejo muito não. Não sei o que pode acontecer. Estou deixando as coisas pra lá.

Quanto ao futuro financeiro existe uma grande dúvida que só tempo dará conta de solucionar:

Também... Só se for azar, pois pode ser professor. Você pode ser pesquisador, pode partir pro mestrado. Você sempre vai querer buscar o melhor. Justamente um salário. Porque sem um salário você não vive (DIVA).

As pretensões de Mônica é de ser juíza “já para o lado do dinheiro, ganhar bem”.

Rosa simplesmente disse que “pesou” e que precisa estar cada vez mais preparada para que o financeiro “aconteça”.

Eu penso assim. Acho a gente tem que está pensando, se especializando em alguma área. Sempre com conhecimento geral, claro. Se a gente se especializar, a gente pode ir mais longe. E isso trará, com certeza, os ganhos financeiros (ROSA).

O que se declarou mais definido, entre todos os entrevistados foi Luísa e não quer deixar de lado o “bem estar” da profissão:

A questão financeira foi um fator determinante, mas, com certeza foi um dos fatores que levei em consideração. Foi a maior coisa que eu me questioneei. Mas, eu não vou negar que eu vi o fato da engenharia em si, de forma geral. O que visei foi o meu bem estar na profissão que é algo que eu gostaria de fazer. Porque eu não sei se seria tão capaz... Me conhecendo como me conheço. Se seria tão capaz de fazer... Escolher uma profissão que tende, tem dificuldade de ser... Ter um bom salário. Se eu seria bem sucedida, se eu não gostasse de fazer aquilo que faria. Foi uma coisa que eu questioneei muito, mas eu não vou negar que... Eu pensei... Eu vi o fato de a engenharia em si, de forma geral, dá essa amplitude de obter, tanto um salário normal para a população quanto um salário mais elaborado.

De modo geral, os jovens contatados estão mais preocupados em terminarem seus cursos para depois esperarem os resultados financeiros. Eles acreditam o que o sucesso será uma consequência natural dos seus desempenhos no decorrer das mudanças que terão na profissão.

### **c) Escolha pela identificação com outros profissionais**

Os casos de escolha da carreira por identificação com pessoas pertencentes ao círculo familiar ou não é frequentemente citadas nas falas dos alunos.

A influência de pessoas amigas, parentes, professores e outros profissionais, principalmente os que servem de exemplos positivos na área escolhida atua de forma semelhante ao grupo familiar, isto acontece quando acontece o processo de identificação com estes elementos.

Desta maneira, observa-se na adolescência que os valores destes agentes são muitas vezes mais imperativos do que os valores familiares. É nesta fase que estes se tornam fundamentais para o adolescente e sua escolha. O jovem se sente fortalecido e estabelece um vínculo muito estreito e saudável com essas pessoas.

É interessante esclarecer que o adolescente “funciona” muito bem em grupo e os colegas, também podem oferecer parâmetros importantes para que ele perceba e verifique seu grau de maturidade e mobilização diante de suas escolhas, se ele está no “caminho certo” de que a carreira que considera boa oferece as aspirações que almeja. O jovem procura ver se ele está mais ou menos mobilizado para a escolha e é importante sentir a possibilidade de partilhar suas angústias com os mais “chegados” e ter o privilégio de trocar informações, individualmente ou em grupo, no que diz respeito ao seu futuro profissional.

Pedro conhecia pouco do seu curso, segundo informa: “vim conhecer mesmo na universidade”, no entanto, relata que foi:

Eu inicialmente minha escolha não era Engenharia Elétrica, pra falar a verdade. Eu queria Física., Só que uma vez conversando com o meu professor de Física, ele me indicou um outro curso, ele disse que Física aqui na Universidade Federal não aprenderia o que eu queria. Eu queria uma Física mais forte, mais pesada, mais adiante. É aqui não aprenderia o que eu queria, então ele indicou Engenharia Elétrica. A partir do momento que ele me indicou. Elétrica eu passei estudar um pouco sobre o curso, conhecer pessoas que haviam feito e achei interessante.

Graças à opinião de um professor, que certamente sabia qual o potencial do aluno, que Pedro escolheu a profissão de Engenharia Elétrica, esquecendo, pelo menos no momento, o seu desejo pela Física uma matéria, segundo ele, a que mais gosta.

Para Márcio “foi minha tia. A primeira coisa que falava era ter que ser formado em alguma coisa. O essencial pra eles era o estudo. É primordial”. A influência primeira da tia de Márcio é a garantia de um diploma superior, seja qual for o curso. Agora ele vê as grandes possibilidades em fazer concursos quando formado no Direito. E seu programa é “[...] vou me projetar para fazer curso e prestar concursos pra vê se eu... Se eu passo em algum”.

A informação prestada por Gabi é que sempre gostou de Química, hoje reclama que no o seu primeiro semestre da faculdade está decepcionada com os professores:

Eu acho que um pouco também os professores que me deram aula de química, vamos dizer, os melhores professores da escola [...]. Eu tive muitos professores de química bons lá. Cheguei aqui também, tive uma professora muito boa também.

Ivo também se diz fascinado por um professor especial que muito lhe influenciou na procura das ciências exatas. Quando fala do colégio, fala com vibração:

Ótimos professores. O professor de física em especial. Não tem como a pessoa não aprender Física se ele não quiser aprender. Eu acho que é um ponto relevante ter bons professores.

No entanto, nos esclarece outra influência fundamental:

Poder trabalhar na parte de projetar. Que é só no papel que é igual meu pai faz, meu pai é engenheiro elétrico. Ele só faz projeto, e eu me pretendo me especializar numa área de rede de alta tensão e montar uma empreiteira [...]. Eu escolhi. É lógico que teve a influência do meu pai que é engenheiro elétrico, mas a escolha foi só minha (IVO).

O primo de Fátima foi um dos que mais lhe influenciou na procura da carreira num ramo da Biologia:

Eu tenho um primo que faz Biologia. Ele me influenciou muito [...] Ele me influenciou. Eu não quis fazer Biologia porque... Sei lá. Não queria virar professor. Aí resolvi. Eu olhei esse curso de Engenharia Florestal, gostei.

O futuro biólogo Eli diz que:

Meu professor. Desde cedo tive aula de Biologia. Vi na TV. Conversava com pesquisadores. Sempre conversava com biólogos. Em contato com quem faz pesquisa, coleta, essas coisas assim.

Observa-se que a sua escolha é o resultado da convivência com um grupo de pesquisadores e as influências midiáticas, veiculadas pela televisão, principalmente o “Globo Reporte”. “Daí veio essa influência”.

Luiza deparou com varias possibilidades de fazer um curso superior na região do Médio Araguaia, no entanto, no primeiro ano do Ensino Médio já tinha decidido por Engenharia Química “e continuei até o vestibular aprimorando essa idéia”. E acrescenta que foram os professores que “tem mais possibilidades sob a escola reforçaram essa decisão”. “Acho que foi determinante”.

Uma das grandes vantagens que muitas cooperativas de ensino têm é a possibilidade de melhor pagar os professores e por isso poder escolher para os seus quadros os melhores profissionais. E estes, durante suas atividades, direta ou indiretamente influenciam, sejam por seus exemplos e conselhos, muitos adolescentes quanto à indecisão da escolha da carreira. Em nosso levantamento essas influências foram relatadas por alguns estudantes como de importância capital.

#### **d) A escolha como realização pessoal**

É raro encontrar jovens que escolhem suas carreiras pensando somente na sua realização pessoal, no entanto, deparamos com muitos que assim o fizeram, não no primeiro plano, mas como uma forte influência para isso, talvez por desconhecerem os futuros caminhos a qual deverão trilhar na vida a diante.

Rosa revela que um dos fatores que muito pesou para que optasse por Engenharia Florestal e descartasse o curso de biologia oferecido pelo Instituto de Ciências e Letras do Médio Araguaia foi pelo perigo de se tornar professora um dia.

O negócio de estar envolvido com a natureza. Às vezes pretendo mexer com a área de proteção. Porque eu gosto muito e poucas pessoas dão valor a isso. É... Eu acho que não tem erro. É a área que eu gosto muito. Eu quero ir para fora, se virar sozinha e conhecer o mundo. Talvez seja isso! (ROSA).

Pelas declarações de Eli fica claro que desde criança foi encantado com tudo que se referia a vida no campo e a ecologia:

Eu queria ecologia [...] via que tinha trabalho no mar ou no meio da mata. Daí essa grande influência. Eu fiz biologia porque pra mim “pra me especializar depois ir trabalhar com ecologia. Trabalhar com a mata, com cachoeiras eco-aventura, também poder trabalhar com as plantas, trabalhar as florestas, qualquer troço ligado ao meio ambiente e viver minhas aventuras.

Fátima canta no mesmo coro de Eli:

O negócio de estar envolvido com a natureza. Às vezes pretendo mexer com a área de proteção. Porque eu gosto muito e poucas pessoas dão valor a isso. É... Eu acho que não tem erro. É a área que eu gosto muito onde me realizo.

#### e) A Influência da escola para a escolha profissional

##### OCORRÊNCIAS DE TEMAS SOBRE A INFLUÊNCIA DA COOPEMA NA ESCOLHA

Cultura legal

O professores tentam abrir a mente para todos os tipos de cursos.

Foi determinante. (LUÍZA)

Foram os passeis na serra. (FÁTIMA)

Nada.

Dá opinião pra prestar o vestibular. (MÔNICA)

Não direciona pra nenhum curso. (MÁRCIO)

Pouco. (ÚRSULA)

Não influenciou.

A matéria Biologia que eu gostava. (DIVA)



Gostava dos professores.

Influenciou na Ciência.

Professores de Física e Matemática. (PEDRO)

Incentivava a gente pesquisar sobre os cursos.

Faziam testes vocacionais.

Mostrava as profissões.

Puxava pela área.

Direcionava para um campo que a gente tinha facilidade. (IVO)

Na época do vestibular chamavam alguns profissionais.

Colocava uma Psicóloga pra fazer testes vocacionais.

Atrapalhava por que os profissionais achavam tudo bom.

Cada um convencia mais do que o outro. (GABI)

Dá uma noção do que é o curso.

Tratavam de muitos assuntos. (ELI)

Contribuiu o suficiente.

Eu já tinha certa influência. (LUÍSA)

Os professores contribuíram muito. (VERA)

A escola é o espaço social onde ocorre quase um terço do processo de socialização dos jovens matriculados e a que frequenta. Além de propiciar o conhecimento científico para esses jovens, a escola também propicia momentos de vivências e experiências que afetaram na formação geral dos alunos e das suas subjetividades.

O ambiente escolar representa uma das esferas sociais as quais os jovens se encontram, interagem, se relacionam, seja amigavelmente, ou em conflitos, isto é, trata-se de um espaço privilegiado onde as relações interpessoais têm uma dimensão significativa, presentes aí o “eu” e o “nós”, caracterizando se, portanto, como um locus “que contribuem para a formação direta ou indiretamente na escolha da carreira pelos jovens”.

Mancine (2002), ao se reportar das relações juvenis travadas no espaço escolar, enfatiza também o papel da mídia como influenciadora no comportamento dos jovens; da estrutura

familiar; do pertencimento à determinada classe social (baixa, média, alta), como condicionantes na estruturação e constituição do seqüíssimo dos adolescentes.

A escola possui de varias oportunidades de criar projetos que previnam os problemas de incumbência profissional de seus alunos, fazer algo para preveni os problemas de desorientação são muitas oportunidades que uma instituição, como a escola no quais seus alunos convive a maior parte do seu dia em grupo poder criar mecanismos para evitar que o adolescentes não enfrente de forma angustiante o dilema da escolha da carreira.

A convivência diária deve servir para o aluno conhecer, de modo progressivo e gradual a realidade do mundo do trabalho o qual ingressará e para experimentar, no cotidiano do contato com colegas e professores, que é uma pessoa cada vez mais autônoma, capaz de perguntar e se perguntar, definir muitos dos seus problemas e tentar soluções, comunicar com o mundo adulto para poder ir definindo, progressivamente, seu projeto vocacional.

Bohoslavsky (2003) adverte que:

A vocação não é inata: desenvolve-se no plano da ação do conhecimento e da convivência. Um acúmulo de experiências adquiridas de modo consciente e inconsciente levaram o adolescente à convicção de que pode escolher por si. Para isso precisa conhecer e conhecer-se. Tanto uma aptidão não desenvolvida como o desinteresse por diferentes áreas da realidade e do trabalho revelam mais a carência de experiências valiosas do que um destino fatal, inatamente indeterminado.

No município de Barra do Garças existem apenas três escolas particulares que atendem até a ultima etapa do Ensino Médio. Uma pertence a uma congregação da Igreja Católica – Salesiano e atende da Pré Escola ao ultimo ano do Ensino Médio. A outra também oferece do Ensino Médio a Educação Infantil. Todas cobram suas mensalidades em torno de um salário mínimo vigente.

Os jovens que estudam em escolas particulares da região são, na maioria, estudantes de classe média, pois a classe a considerada alta na cidade, geralmente enviam seus filhos para outros centros no objetivo de completar seus estudos, isto é, o Ensino Médio ampliado por uma passagem em cursinhos vestibulares com expectativas de colocá-los nas melhores universidades.

No desenvolver da pesquisa, buscou-se como a escola COOPEMA contribui para a escolha profissional de seus alunos e instrumenta-los para passar nos vestibulares nos diferentes estados do Brasil afora.

Em algumas falas, alguns alunos deixaram claro que a contribuição da COOPEMA foi muito pouco, supõe-se que essa preocupação aconteça no momento tardio, isto é, a tendência das

escolas procurar por um processo de orientação vocacional a partir do terceiro ano do Ensino Médio.

Mônica nos esclareceu que a contribuição vinda da COOPEMA foi à mínima:

Pra mim em nada! Eu acho que ela dá muita opinião de como prestar o vestibular e algumas faculdades. Contrata ônibus para levar agente em alguma faculdade. Só que não direciona pra nenhum curso, entendeu?

Confirmando as palavras de Mônica, Eli esclarece que:

Pouco. Acho que não contribuiu muito não. Como eu sou de Biologia, eu não gostava de biologia – da matéria em si. Sempre tinha caixa racional, mas nunca dava pra mim [...] eu escolhi porque já estava na minha cabeça e não precisava de ninguém para mudar a minha opinião.

Também Corrobora com opinião semelhante sua prima Diva, ambos os alunos do curso de Biologia do Instituto ICLMA:

A escola não influenciou não. Mas a matéria que eu mais gostava era biologia, mas a escola não falou muito sobre profissões. Foi mais um papo. Eu conversando eu vou entender essas coisas, eu achei assim...

Apesar da sua preocupação no despertar da escolha profissional a maioria das escolas atuam muito tardiamente, quando o aluno se encontra no ápice de um conflito vocacional. Márcio foi um dos alunos que passou por certa confusão na escolha:

Escolha. É meio complicado falar, enquanto eu no tempo que estudei na COOPEMA. Você não tem aquela mentalidade ou você precisa disso, você não vai precisar disso. Eu era um aluno que me deixei levar hoje agente sente falta de muitas coisas que a COOPEMA tratou, de muitos assuntos inclusive da escolha da profissão. Mas agente não pega tudo.

Para a maioria dos entrevistados a escola teve muita importância para o direcionamento na escolha profissional, já que se resguardava de muitas informações sobre os cursos superiores existentes no Brasil. Pedro ao responder o quanto a COOPEMA tinha contribuído para a sua escolha foi enfático:

Eu acho que contribuiu o suficiente. Porque eu sempre gostei de estudar na COOPEMA. Achei a escola muito legal. Não diria em geral, mas a COOPEMA ajudava muito na ciência. Querer fazer ciência, sabe?

Para Vera a contribuição em sua escolha esteve mais ligada aos professores: “Os professores contribuíram muito. Do mais, tenho só que agradecer a eles”.

Durval diz ter encontrado o caminho certo para sua escolha enquanto estudante da COOPEMA:

Acho que contribuiu o suficiente [...] a maior influencia que eu tive mesmo foi dos professores. Eu acho que uma carreira acaba saindo do imprevisto, de inúmeros fatores, externos ou até internos. É foi na COOPEMA que pude buscar ou ter melhor clareza do que eu queria.

A declarações de Ivo declara que a COOPEMA muito incentivou para pesquisar alguns cursos:

Até os professores faziam um trabalho na sala de aula sobre todas as áreas e cursos. Faziam uns testes vocacionais diferentes. Eles perguntavam se você identificava mais, te mostrava as profissões [...] e assim eles puxavam pela área que agente tinha mais facilidade na escola e direcionava para um campo que você se dava melhor, mas isso não te obrigava a fazer nada. Só que eles trabalharam pra gente escolher, isto foi muito bom [...] é um colégio que esta a cima de qualquer colégio por aqui. É só o cara querer estudar. Não tem como as pessoas se darem mal.

Segundo Gabi, a COOPEMA é um colégio que:

No final do ano, quando estava chegando a época do vestibular eles pegaram e chamaram vários profissionais, um de cada área e deram estágios para os alunos que tinha passado. Eles foram pegaram um pouco de cada, um medico, um veterinário, um advogado e até um engenheiro químico. Eles acharam porque tinha uma maioria que gostava dessa área e ta. Aí teve um de cada área e levaram e fizeram um tipo de bate papo mesmo. Cada um falou um pouco sobre a profissão, o que era no dia a dia mesmo. O que via mais ou menos na faculdade e depois perguntas para quem, tivesse duvida.

Contudo Gabi afirma que no seu caso particular “não adiantou muita coisa, porque eu queria mesmo, inclusive me atrapalhou, porque eu olhava, eu gostava de cada profissão. Eles falavam e eu nossa que legal [...] sabe, me atrapalhou um pouco porque era tudo bom. Eles eram profissionais que gostavam do que fazem e defendem o que lês fazem né? Aí cada um me convencia mais do que o outro. Mas no teste vocacional eram aquelas perguntas, do que você gosta, do que não gosta e acabou eu gostando de tudo também”.

Pelo que foi retratado nessa pesquisa, a escola pode oferecer muitas contribuições no clareamento nas escolhas de seus alunos com referência a preferência ocupacional. O importante é antecipar as informações nas tarefas de orientações vocacionais e assistir os estudantes na solução das dificuldades que enfrentam ao encarar a escolha do seu futuro acupacional desde o início do seu Ensino Médio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas ultimas décadas do século passado grande parte da juventude, ou culturas jovens conquistou em nossa sociedade vários espaços no campo social. No Brasil já existem varias experiências com a juventude organizada.

Mas o que é ser jovem hoje em dia? Quem é jovem são aqueles que têm determinada idade? É algo mais que isso. Nessa perspectiva de classificação etária se define como jovens a todas as pessoas que tem entre quinze e vinte quatro anos. Essa definição foi aceita pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1983 e aceita universalmente. O termino da juventude coincide na inserção do mundo adulto quando o jovem passa adquirir um trabalho estável ou constitui uma família, mesmo entendendo que existe jovens que tem família e que trabalham e nem por isso desejam ser jovens.

Essa classificação faz comparações ao nível de idade, mais ou emite as condições do contexto, espaço-tempo em que se desenvolvem os jovens. Aqui os jovens são somente um número. E em certas regiões brasileiras, mesmo com toda a campanha contra o trabalho infantil que se desenvolve nos últimos governos por ONGs e até pelos representantes dos Estados, principalmente no meio rural, esta categoria de juventude não existe, pois a criança já é incorporada nas atividades laboriosas.

Observa também que a maioria dos jovens, na atualidade, desperta um grande desinteresse pelo “sistema”, pela política partidária e pelas instituições publicas. Situam-se em um nível mínimo de ação consciente, a duvida dos jovens pode revelar, de fato, uma atitude política, ainda que difusa, de profunda critica social. Não haveria propriamente uma alienação, mas sim um distanciamento político em relação à desgastada política e às instituições.

Procurou-se entender e compreender melhor os problemas e as incertezas dos jovens, estudantes de uma escola cooperativa, a única da região Médio Araguaia, MT, quando da escolha de uma carreira. Saber de seus principais anseio quando se preparam para os exames vestibulares, realidade nova com relação ao seu futuro.

O acesso dos jovens ao Ensino Superior vem se tornando a cada dia mais necessário, já que o mercado de trabalho e o preparo para o consumo de novas tecnologias exigem pessoas com maior qualificação.

Fez-se uso de uma vasta bibliografia sobre juventude e o acesso superior público. E os dados revelam que as vagas oferecidas pelas quatro instituições da região atendem apenas 7% da população egressa no Ensino Médio.

Pode-se afirmar que o ensino particular no Brasil desenvolveu-se valendo das lacunas de funcionamento da rede pública e da atuação em prol dos interesses privados, das instâncias governamentais nas esferas municipais, estadual e nacional.

As precárias condições de funcionamento da rede pública, que inclui desde os salários a aviltantes dos seus professores e especialistas em educação, prédios depredados, classes superlotadas entre outros, tem ampliado as oportunidades da iniciativa privada, especialmente no Ensino Médio e Superior.

Ausência de uma rede pública de qualidade abre espaço para as escolas particulares, que, funcionando sob a lógica empresarial, sobrecarregam financeiramente os seus usuários e nem sempre oferecem uma qualidade tão mais elevada ao ensino.

A escola pública, por sua vez, foi transformada em uma escola de segunda categoria, destinada às camadas destituídas de bens econômicos e culturais, para as quais considera-se lícito oferecer uma formação escolar descuidada. O direito à educação é realidade para um número cada vez maior de pessoas. Mas que educação é essa? É verdade que as camadas populares reconhecem o valor da escola e prestigiam-na, tanto que passaram a reivindicar um ensino público, gratuito e de qualidade para todos.

Ao focalizar o Ensino Médio percebeu-se que é nesse nível que a escola encontra as mais favoráveis condições para emergir e se desenvolver, entre outros fatores, devido à ausência de um projeto educacional claro, características das últimas décadas, e, além disso, à própria ambigüidade da fase da vida de seus jovens alunos.

Em decorrência do contexto sócio econômico dos séculos XVIII e XIX, surgiram as primeiras cooperativas na busca de soluções baseadas nas associações de esforços. As organizações cooperativas têm origem popular, foram criadas no contexto de crise social e econômica em vários países europeus e expressava uma contra-reação de grupos de consumidores, pequenos produtores rurais e trabalhadores urbanos diante das desumanas condições de vida e trabalho pelo qual passavam.

Ao contrário, no Brasil, o movimento cooperativista teve sua origem no Nordeste, no entanto, não era uma busca de alternativas econômicas e sociais para a sobrevivência dos trabalhadores, ou como um meio de mudança social da população. Foi se, adotado como a política de controle social desenvolvida pelo Estado.

A cooperativa de educação é um fenômeno recente na história brasileira. Tem como objetivo buscar soluções para os problemas de escolarização dos filhos, principalmente da classe média, sejam para ampara-los dos problemas específicos ou, também, ser uma alternativa para



diblar a escola, tida como decadente a partir dos anos 70 e as particulares que, em muitos casos são caras e não tão eficientes para corresponder as mensalidades.

As cooperativas de ensino vêm sendo a *solucionática* para as famílias que desejam uma escola onde possam participar das decisões de sua organização e serviços.

O empobrecimento da escola publica provocou o afastamento de setores da classe média, principalmente dos últimos anos do século passado que viam no equipamento escolar a possibilidade de acesso por meio da formação acadêmica. Isso causou uma significativa expansão de escolas privadas preparatórias para os exames vestibulares. Entretanto, os custos dos serviços nem sempre correspondem a possibilidade de alguns segmentos da classe média, daí surgindo movimentos alternativos na busca de solucionar os problemas de escolaridade de seus filhos. Um destes foi o aparecimento da primeira cooperativa educacional surgida em Itubiara, GO, no final de 1987, e a partir de então muitas outras foram criadas no Brasil a fora.

Nesse contexto a escola Interativa COOPEMA, criada em 1995, surge para atender uma parcela da população do Médio Araguaia mato-grossense, majoritariamente, a classe média e alta, para que seus filhos pudessem usufruir do “melhor ensino” e ter as mesmas condições nos exames vestibulares e chances de ingressarem nos melhores cursos e faculdades do Brasil, tal quais os alunos de alguns colégios de excelência das grandes cidades brasileiras.

O investimento familiar em educação dos filhos tem relação direta com uma visão maior ou não das possibilidades sociais de um futuro melhor para essas famílias.

O problema de alocação dos filhos em uma escola “confiável” não resolve todas as ansiedades familiares, outras sempre surgem com freqüência e um dos mais tementes é em qual carreira seus filhos vão escolher.

Comparada a algumas teorias psicológicas “as que atêm às características e os processos pessoais dos indivíduos e os processos psicos que governam suas escolhas profissionais”, entendemos que o modelo proposto por seu amigo Bohoslavsky esclarece diversos conceitos que vão permitir uma compreensão mais aprofundada dos problemas da escolha vocacional por parte do adolescente.

Considerando-se que a partir de uma análise da situação de quem escolhe percebe-se que a questão não se esclarece a partir de uma ótica exclusivamente psicológica. É importante enfatizar a necessidade da articulação entre indivíduos e sociedade, explicitando que de todos os problemas que tal articulação implica só se refere à dialética das identificações, e que esta, embora seja determinante da pessoas, não é determinante em ultima instancia. Trata-se de integrar alguns fatores internos e externos, para articular as expectativas dos outros a respeito dos próprios

indivíduos e sua carência ou não com as suas expectativas, aspirações, adequação do nível de expectativas às possibilidades entre outros.

A escolha profissional é multi e sobredeterminada. As contradições sociais e as necessidades do sistema de se reproduzir, expressam por meio de demandas, apelos os chamadas do sujeito por intermédio da família, da estrutura educacional e dos meios de comunicação de massa, dos quais vão se adaptando a ideologia do sistema social envolvente, pela representação das profissões, das suas relações, das disposições pessoais para se ter acesso a elas, seus sentidos sociais e o próprio valor do trabalho e organização, além do sistema de compensações materiais alcançáveis faz com que isso aconteça na maioria dos casos. No fundo da questão, objetivamente ou subjetivamente não são os jovens que escolhem, pelo contrário, já está escolhido.

E esse campo de possibilidades não se limitam à análise somente de variáveis individuais, é na trajetória que passa do social até o nível psico que se deve compreender as vicitudes da escolha.

Ao dentar nas escolhas profissionais, deparamos que os jovens da COOPEMA escolhem suas carreiras muito cedo, às vezes faltam-lhe determinadas para fazê-los, uma é a falta de informação que poderia ser muito bem equacionada pela própria escola ao longo do período que o adolescente passa, principalmente, nos anos iniciais do Ensino Médio.

As informações sobre jovens que estudam na Escola Cooperativa atestam que os mesmos vêm de uma classe média regional e que seus pais possuem um capital cultural e informacional maior que os demais da região e que possuem um senso de entender o que é melhor para os seus filhos ao nível de futuro. Em sua maioria dispensa a liberdade de seus filhos escolherem as carreiras que lhes convierem, no entanto observou-se que a influencia da família, seja objetivamente ou não é de uma grande influencia e que, também, as condições econômicas têm um peso fundamental para mantê-los em universidades afastadas em seu convívio familiar.

Pelos depoimentos dos alunos, esses objetivos da escolha da carreira foram sendo suavizados pela interferência de um grupo de professores aos quais tomaram como modelo e referencia, se identificando com suas praticas e experiências. Essas escolhas influenciadas, intencionalmente ou não, se deram em carreiras nas áreas das ciências exatas e das profissões socialmente consideradas pela sociedade em preterição as carreiras das humanidades.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. **A adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a temática da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n.5/6 set/dez. 1997 (número especial).

\_\_\_\_\_. BRANCO. P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa social**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005. v. 1, v.2

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

BITTAR, M; SILVA, M. da G. M. da; VELOSSO, T. C. M. Processo de interiorização da educação superior na região Centro-Oeste: Particularidades dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. **Série Estudos: Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande**, n. 16, p.147-164, jul./dez. 2003.

BOCK, A. M. B. (et al.). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Lisboa: Porto Editora, 1986.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação educacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_.(org.) **Vocacional: Teoria, técnica e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **Sistema Nacional de avaliação da Educação Superior: Bases para uma nova proposta de avaliação da educação superior**. Brasília: SINAES, 2004.

\_\_\_\_\_.\_\_\_\_\_. **A educação no Brasil na década de 90: 1991-2000**. Brasília: INEP, 2003. 264p.

\_\_\_\_\_.\_\_\_\_\_. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BUARQUE, C. **A universidade numa encruzilhada**. Brasília: UNESCO/MEC, 2003.

CARDOSO, R. & SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Edusp, 1995.

CARMO, P. S. **Culturas da rebeldia: A juventude em questão**. São Paulo: Senac, 2001.

CARRANO, P. C. R. **Juventude: As identidades são múltiplas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CRUZ, R. R. **Emergências de culturas juvenis Estratégias del desencanto**. Bogotá: Norma, 2001.

DAYRELL, J. & CARRANO, P. C. Jovens no Brasil: Difíceis travessias de fim de século e promessa de um outro mundo. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <http://www.uff.br/obsjovem>. Acesso em 24 de maio de 2004.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, mar. 2002.

EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado da Educação, 2001.

FIGUEIREDO, L.C.M. **A invenção do psicológico: Quatro séculos de subjetivação (1500-1900)**. São Paulo: Educ: Escuta, 1992.

FRANCO, M. A. C. O acesso à universidade: Uma questão política e um problema metodológico. **Educação e Seleção**, São Paulo, n. 12, p. 9-26, jul./dez. 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FRÓES, O. **Cooperativismo de educação**. São Paulo: Ed. Mackenzie: Forense Universitária, 2001.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GEDIEL, J. A. (org) **Os caminhos do cooperativismo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- GOIS, A. A escola estadual cria código de infração para alunos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11.04.2001.
- GOMES, A. J. Origem e evolução do cooperativismo no mundo e no Brasil e sua contribuição para constituir o segmento educacional brasileiro. **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, n,12 jan./jun., 2005.
- KUENZER, A. **Ensino Médio**: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.
- KUPSTAS, M. **Trabalho em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.
- LASCH, C. A. **A cultura do narcisismo**: A vida americana numa era de esperança em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LEMOS, C. G. de. **Adolescência e escolha da profissão**. São PAULO: Vetor, 2001.
- LEVENFUS, R. S. (Coord). **Psicodinâmica da Escolha Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LEVI, M. T.; SCHMITT, J-C. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia de Letras, 1996. v. 1 e v. 2.
- LUCCHIARI, D. H. S. **O que é escolha profissional**. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LUDKE, R.; ANDRÉ, R. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANDE, E. A. **Como organizar redes solidárias**. Rio de Janeiro: DP&A: Fase: IFiL, 2003.

MANCINI, A. M. P. **Subjetivação e objetivação: A educação de jovens mediada pela relativização das normas escolares**. (Cooperativa Coopema de Barra do Garças, Mato Grosso) Cuiabá: UFMT/IE, 2002. (Dissertação de mestrado).

MATHEUS, T. C. **Ideais na adolescência: Falta (d)e perspectivas na virada do século**. São Paulo: Annablume, 2002.

MARTINS, C. B. O novo ensino privado superior no Brasil. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. Brasília, v. 70, n. 165, maio/ago. 1989.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral. **Boletim sócio-econômico-demográfico dos municípios Mato-grossenses**. Cuiabá: SEPLAN, 2004.

MORAES, J. de; EDREIRA, M. A. B. Juventude e educação: Uma análise da produção do conhecimento. **Estudos e Documentos**, São Paulo, n. 40, p. 568-573.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Jovens: Sociabilidade juvenil, conflito social e educação. **Estudos e Documentos**, São Paulo, n. 39, p. 43-52.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica: Professor e aluno no embate com afetos inconscientes**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2002.

MORGADO, M.A. & MOTTA, M. F. de V.(Orgs.) **Juventude de classe média e educação: Cenários, cenas e sinais**. Brasília: Líber Livro, 2006.

MORGADO, M. A.; MOTTA, M. F. de V. Práticas transgressivas de jovens de classe média e alternativas educacionais. **Revista da Faculdade de Educação: Política educacional**. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, MT, v. 1, n.1, p.120-133, jul./dez. 2003.



NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**. São Paulo, n. 1, v.3 p. 1-5, 1 sem. 1996.

NOGUEIRA, M. A ; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.: ZAGO, N. **Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas populares e médias**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOVAES, R.& VANNUCHI, P. (orgs). **Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIVEIRA, I. ; DIAS, C. M. de S. B. Família pós-moderna, construção da subjetividade e escolha profissional. **Revista Symposiium**. Pernambuco, n. 4, dez. 2000. (número especial)

PINHO, D, B, (org.) **As grandes coordenadas da memória do cooperativismo no Brasil e modernização da agricultura cooperativista**. Brasília: OCB: Coopercultura, 1991. 2v.

PRIMI, R. *et al.* Desenvolvimento de um inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n 3 p. 11, 2000.

RAPPAPORT, C. R. (coord.). **Introdução à prática da Psicanálise**. São Paulo: EPU, 1987.

RECH, D. **Cooperativas: Uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

RIBEIRO, H. **O migrante e a cidade: Dilemas e conflitos**. Araraquara, Wunderlich, 2001.

RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. (Coord.). **Adolescência: Abordagem psicanalítica**. São Paulo: EPU, 1993. p.25-58

SANTOS, J. A.; PARRA FILHO, D. **Metodologia Científica**. São Paulo: Furtuna, 1998.

SANTOS, C. M. dos. **O acesso ao ensino superior no Brasil: A questão da elitização**. Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação. v.6 n. 19, p. 237-258, abr./jun. 1998.

SCHIESSL, C. S.; SARRIERA, J. C. **“O ingresso à universidade: Dificuldades e expectativas dos jovens em relação a escolha do curso universitário**. Psico, Porto Alegre, v. 31, n.2 p.123-146, jul./dez. 2000.

SILVA, B.(Coord.). **Dicionário de Ciências sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, E. B. da. **A educação básica pós-LDB**. São Paulo: Pioneira: Thomson Learning, 2003.

SOUSA, J. T. P. de (Coord.) **Estudo do aluno universitário para a construção de um projeto pedagógico**. Relato de pesquisa. V. 1. Brasília: INEP, 2002.

SOUSA, R. M. de. **Escola e juventude: O aprender a aprender**. São Paulo: Paullus, 2003.

SPÓSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo. 5 e 6, 1992.

SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil**. 4. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1999.

TURA, M. de L. R. (org). **Sociologia para educadores**. 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2004.

VEIGA, S. M.; FONSECA, I. **Cooperativismo: Uma revolução pacífica em ação**. Rio de Janeiro: Fase, 1999.

\_\_\_\_\_; RECH, D. **Associações: Como construir sociedades sem fins lucrativos**. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2001.

VENTURI, G.; ABRAMO, H. Juventude política e cultura. **Teoria e Debate**. São Paulo: n. 45, p. 1-5, jul./set. 2000.

VEIGA, S. M.; RECH, D. ASSOCIAÇÕES. **Como construir sociedades sem fins lucrativos**. Rio de Janeiro, DP&A: Fase, 2001.

WASELFISZ, J. J. **Juventude, violência e cidadania: Os jovens de Brasília**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2004.

\_\_\_\_\_. **Situação da juventude no Brasil: Índice de desenvolvimento juvenil**. Brasília: UNESCO, 2004.

## **ANEXOS**

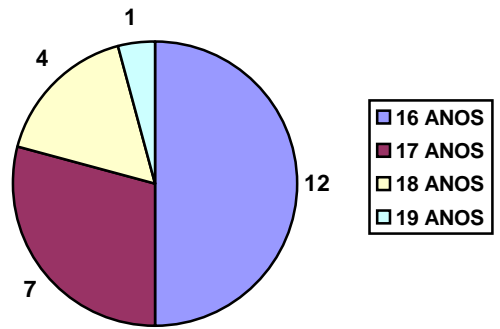
**QUESTIONÁRIO PERFIL DO ALUNO**

01-IDENTIFICAÇÃO

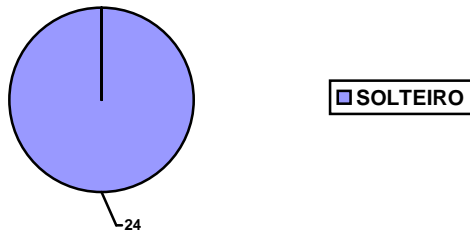
**SEXO**



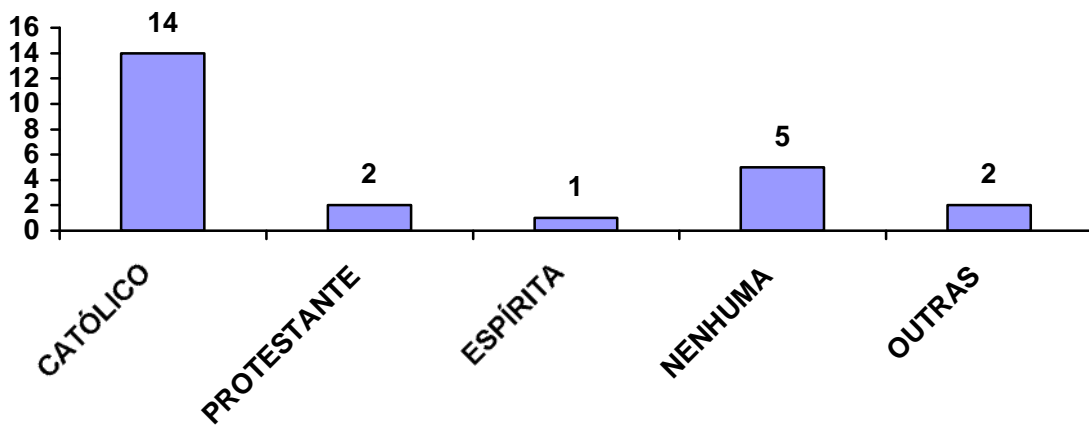
**IDADE**



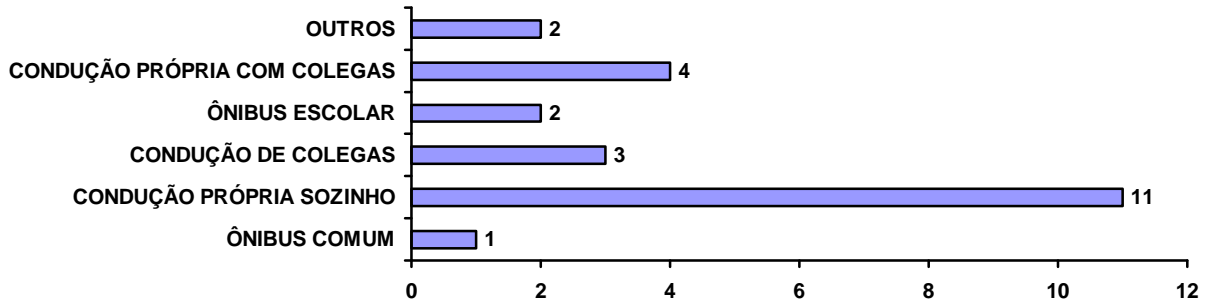
**ESTADO CIVIL**



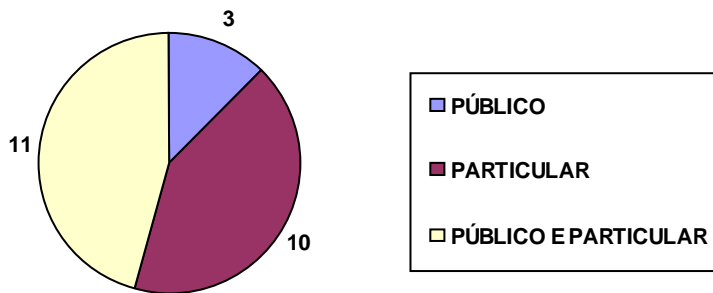
02-QUAL A SUA RELIGIÃO?



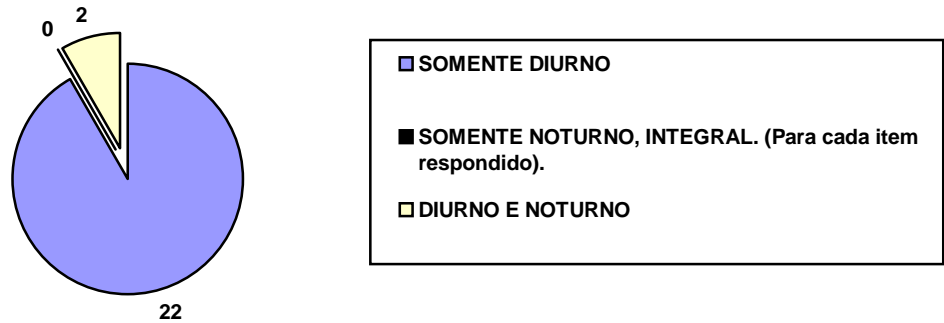
03-SE RESIDE FORA DO BAIRRO DA ESCOLA, QUAL É O MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO?



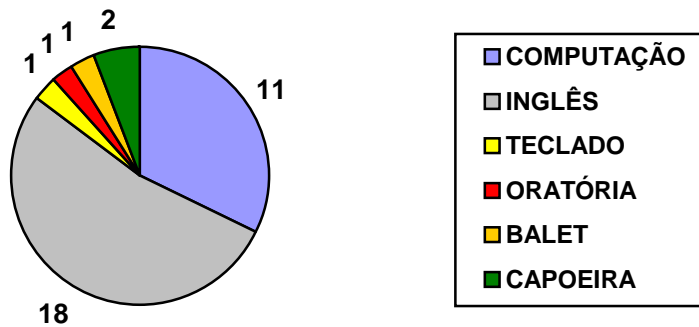
04-EM QUE ESTABELECIMENTO VOCÊ CURSOU O ENSINO BÁSICO?



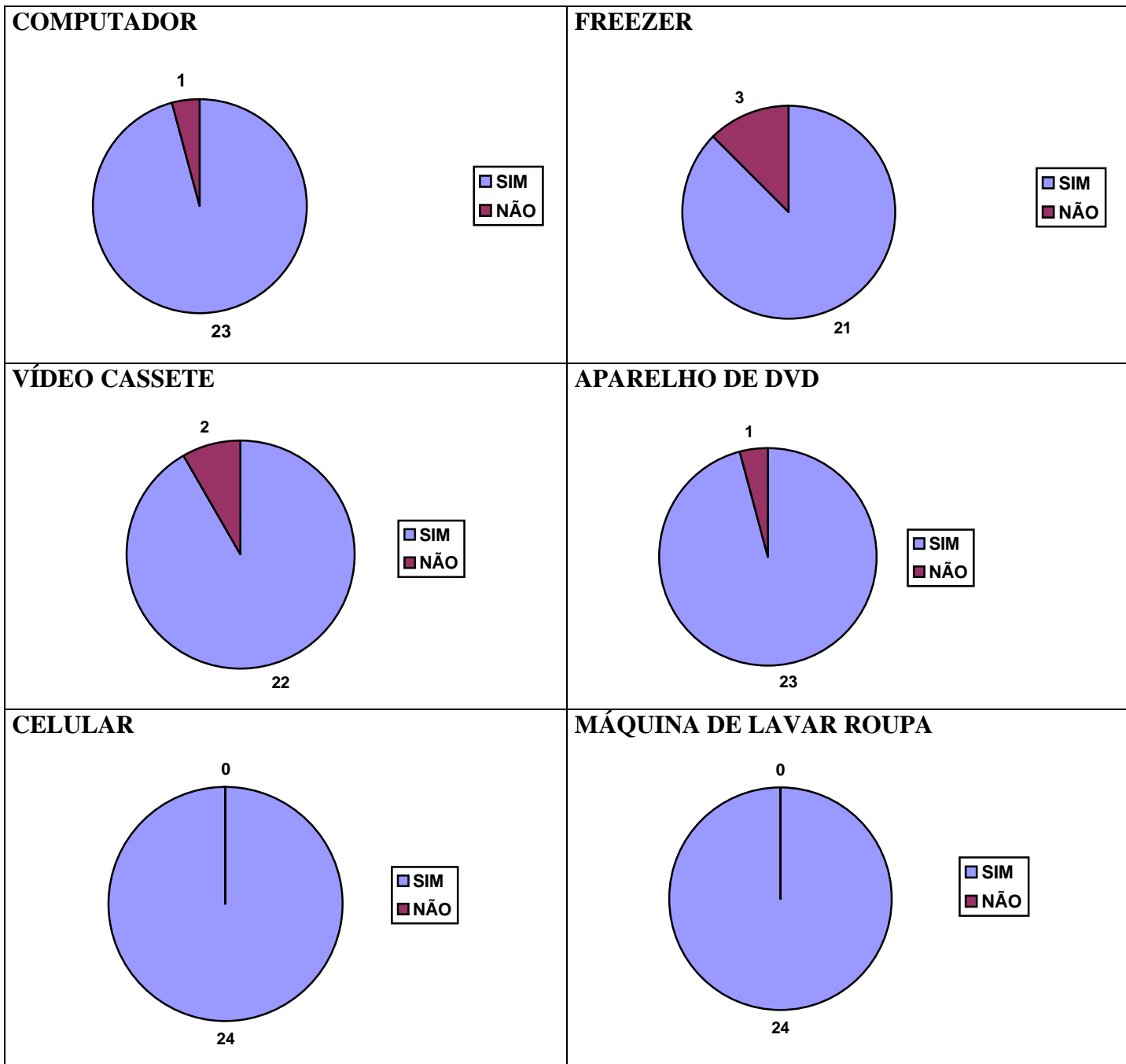
05-EM QUE PERÍODO VOCÊ CURSOU O ENSINO BÁSICO?



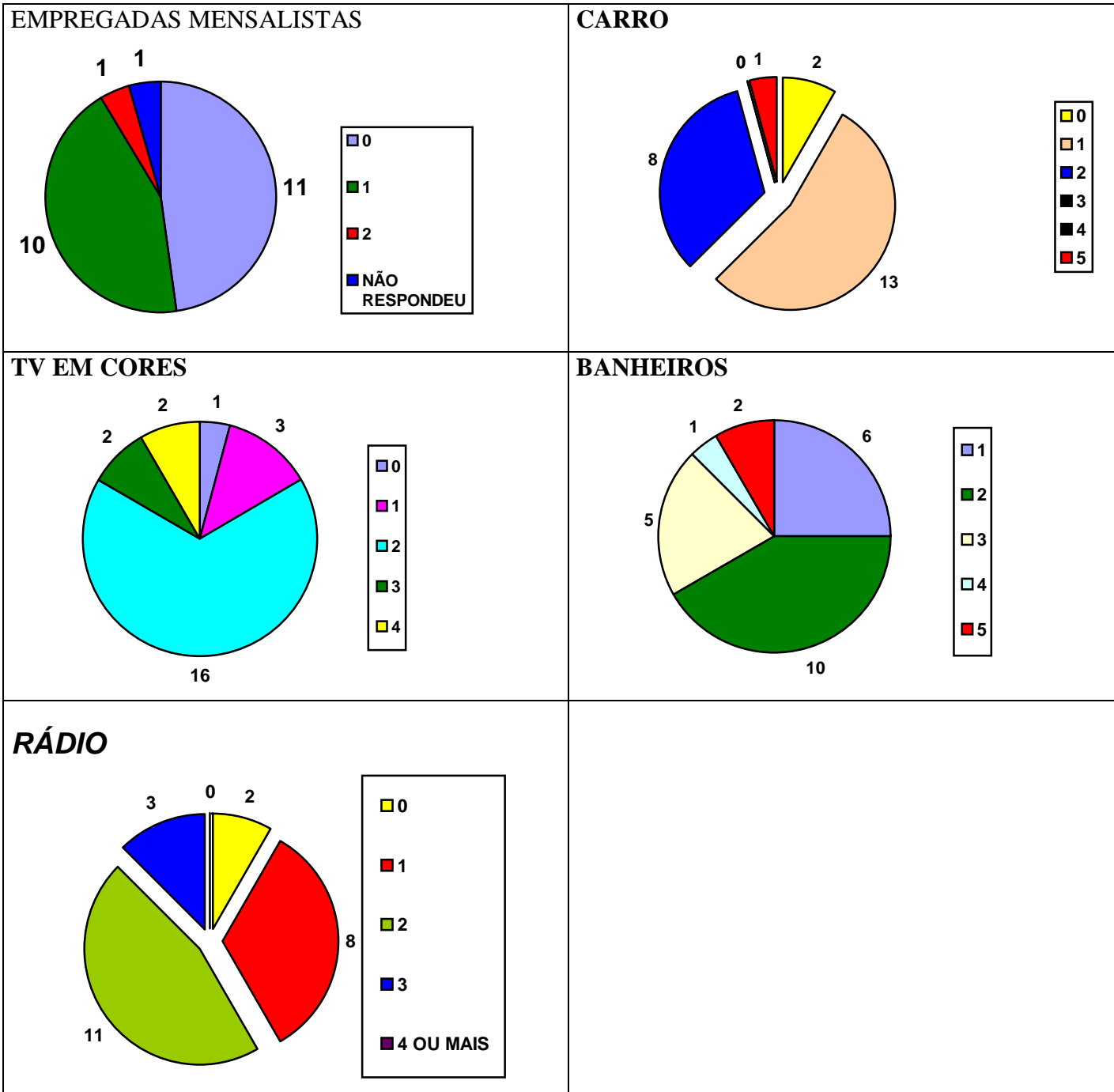
06-DURANTE SUA VIDA ESTUDANTIL, VOCÊ FEZ ALGUM CURSO PARALELO?



07-NA SUA CASA HÁ:



08-QUANTO DOS ITENS ABAIXO EXISTE EM SUA CASA?



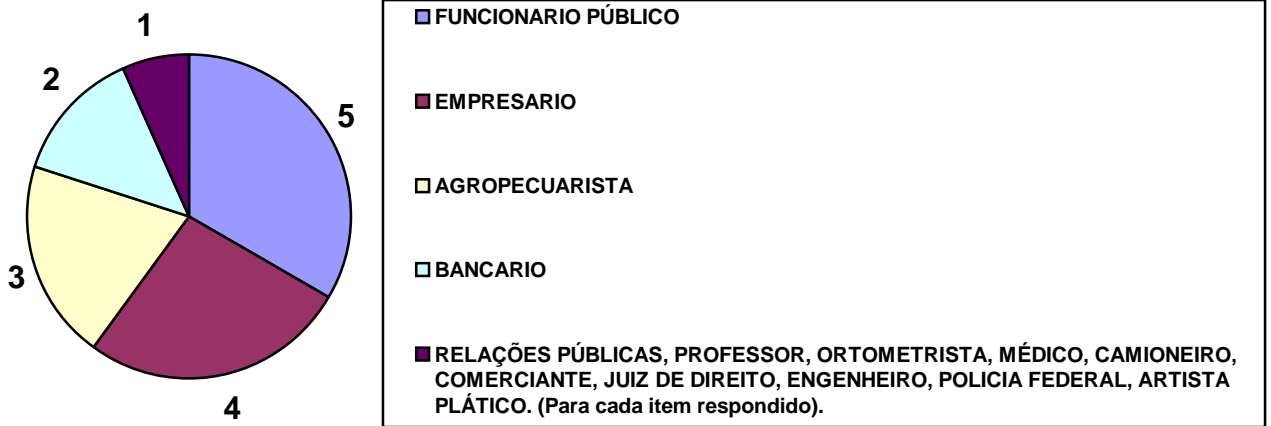


9-REND A MENSAL DA FAMÍLIA?

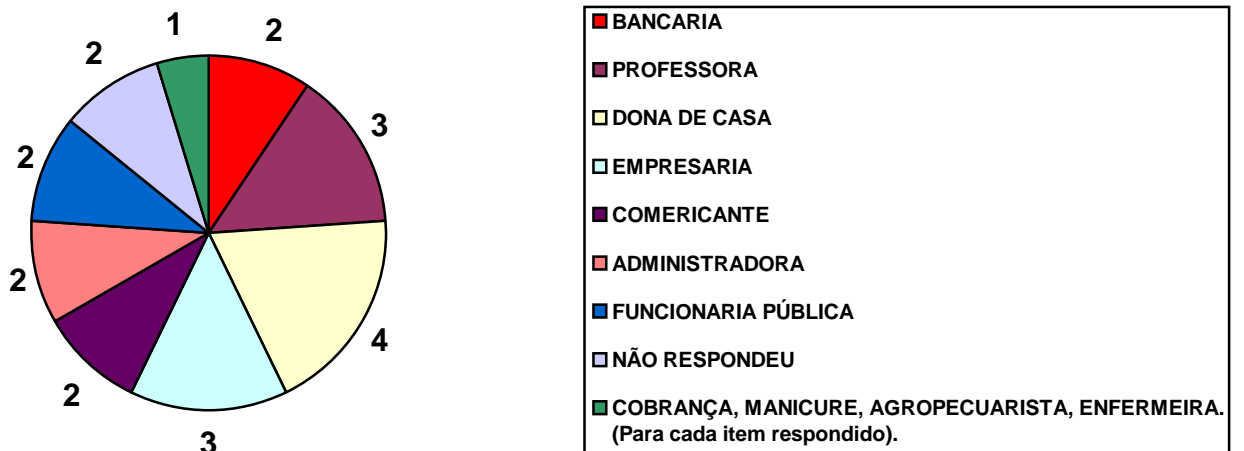


10-QUAL É O RAMO DE ATIVIDADE ECONÔMICA QUE SEUS PAIS TRABALHAM?

PAI

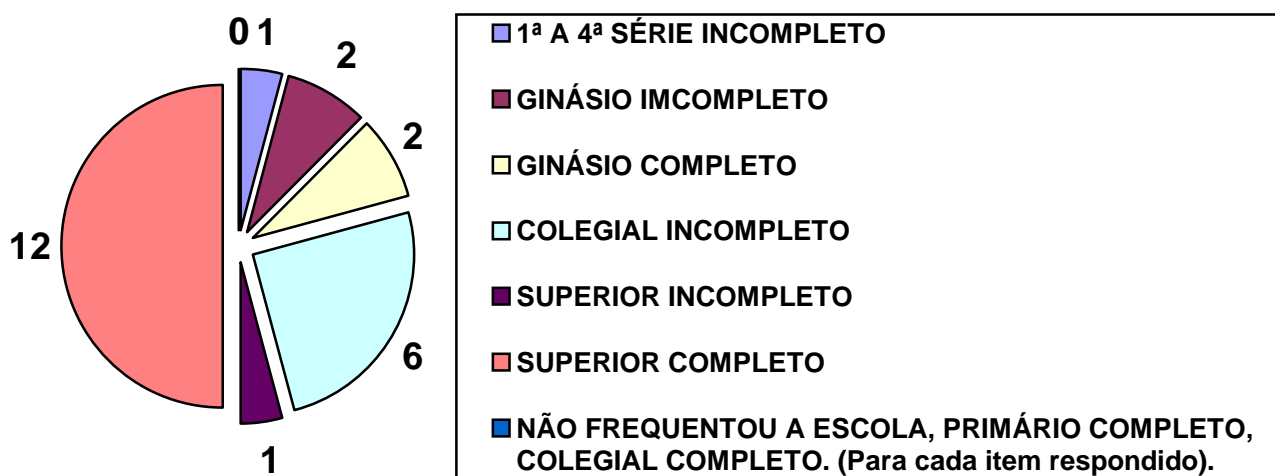


MÃE

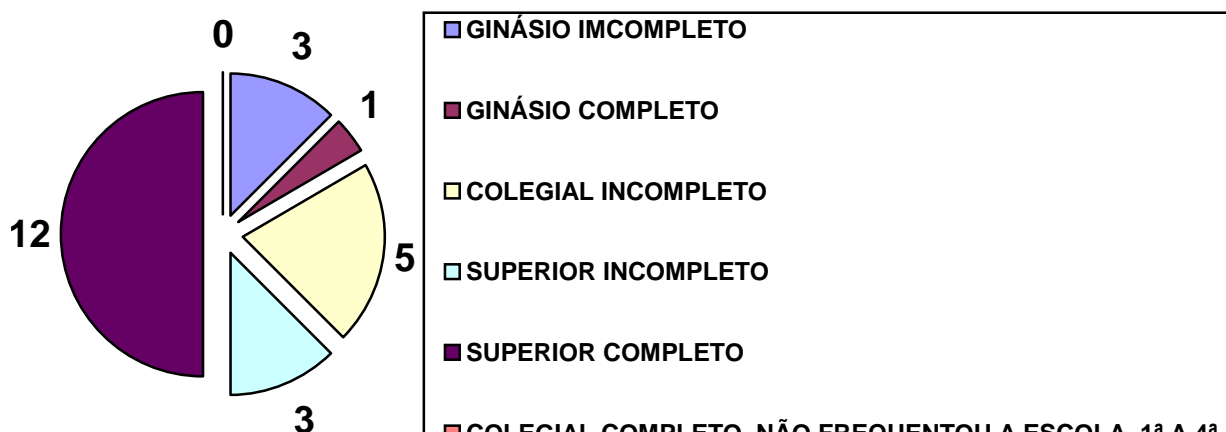


## 11-QUAL É O NÍVEL DE INSTRUÇÕES DE SEUS PAIS?

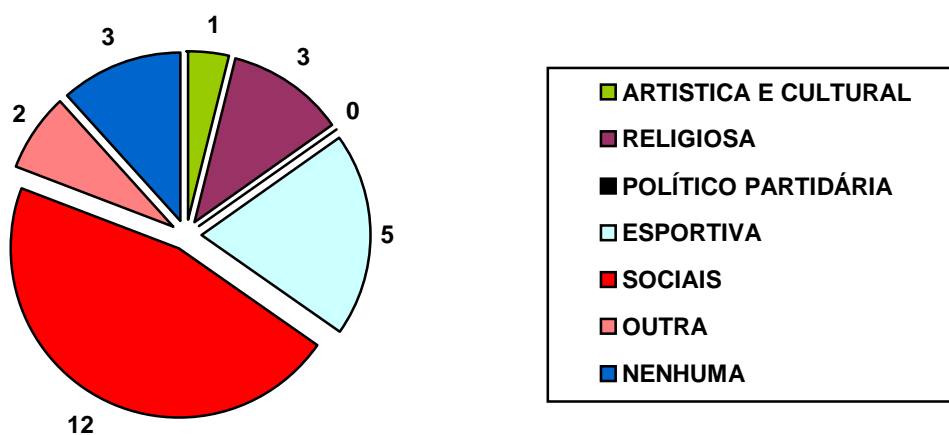
PAI



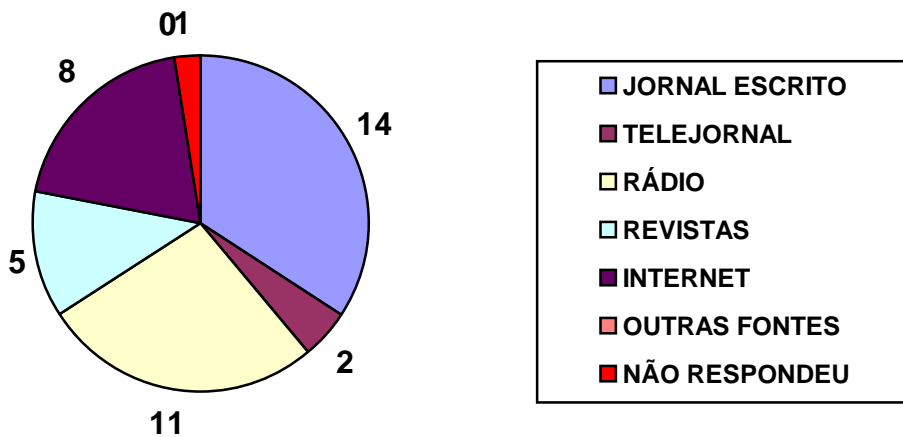
MÃE



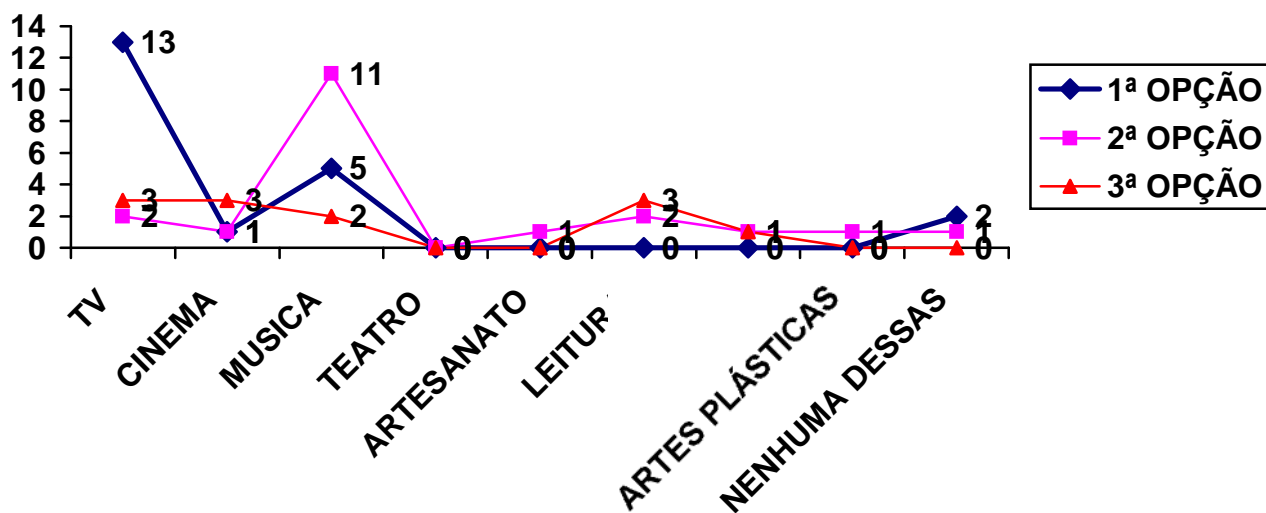
## 12-QUAL É O TIPO DE ATIVIDADE QUE VOCÊ MAIS PARTICIPA?



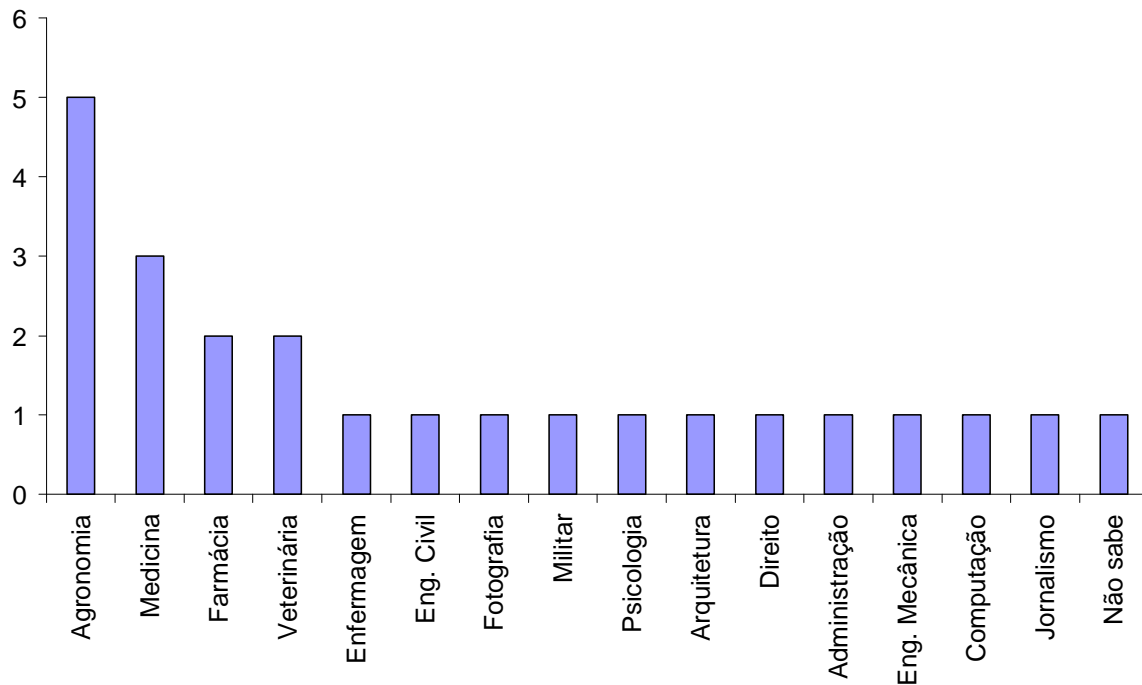
13-ASSINALE O MEIO UTILIZADO E A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊ SE MANTEM INFORMADO?



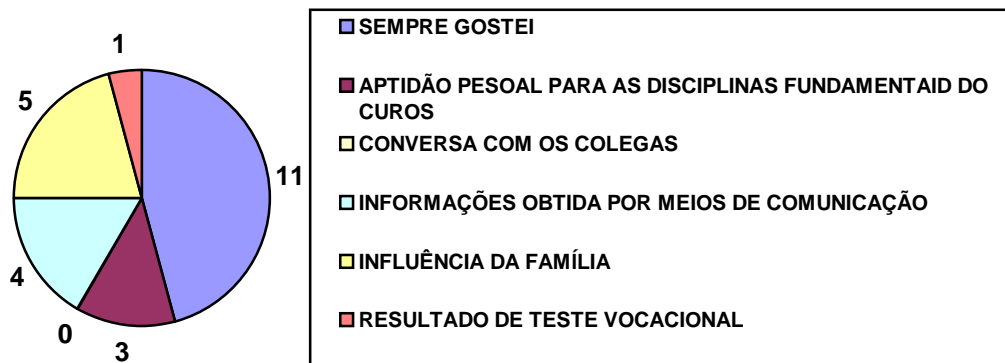
14- QUAIS DAS ATIVIDADES DE LAZER VOCÊ DEDICA MAIS TEMPO?



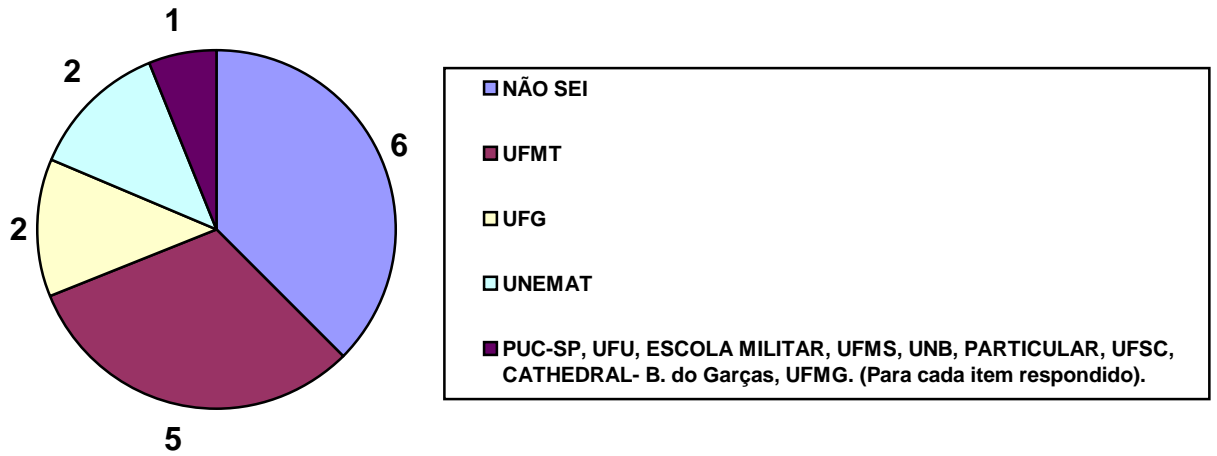
## 15-QUAL O CURSO SUPERIOR QUE VOCÊ PRETENDE FAZER?



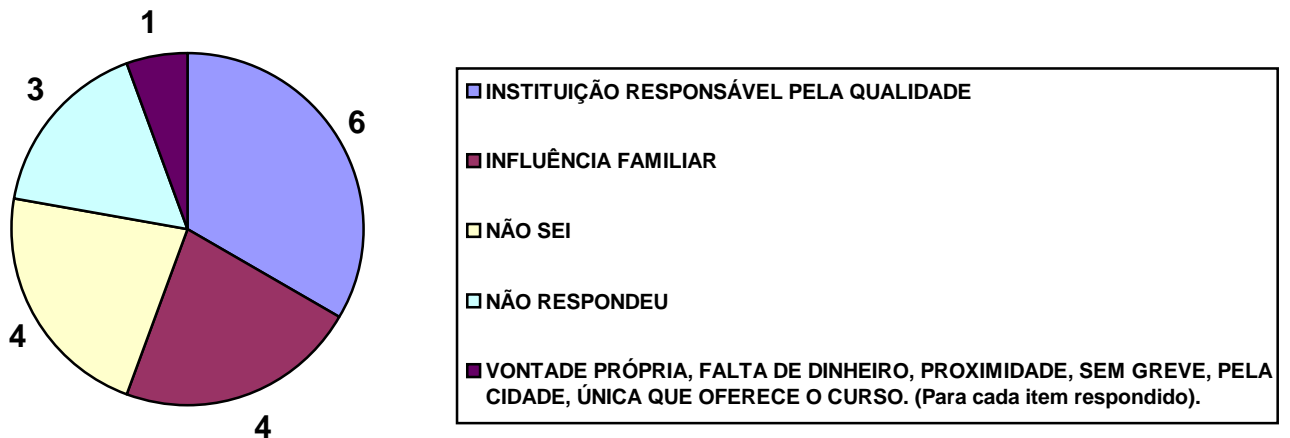
## 16-QUAL O FATOR PRINCIPAL QUE O LEVOU A ESCOLHER TAL CURSO?



17-QUAL A INSTITUIÇÃO QUE VOCÊ PRETENDE FAZER O VESTIBULAR?



18-QUAL O MOTIVO QUE O LEVOU A ESCOLHER ESSA INSTITUIÇÃO?



19-QUAL O SEU MAIOR SONHO, A COISA QUE VOCÊ MAIS QUERIA VER REALIZADA?

